Diário de Lisboa

Abril 1977
Sábado
30

ANO 56.º
N.º 19 341
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Interpol na pista dos bombistas

Ao abrigo da Convenção Internacional contra o Terrorismo, de que Portugal é um dos países subscritores, cinco arguidos por implicação na rede bombista estão a partir de agora sob a alçada da Interpol, à qual a Polícia Judiciária enviou os respectivos mandados de captura. Estes indivíduos abandonariam Portugal após a emissão dos mandados de captura passados a 30 de Março pelo juiz-instrutor do processo da PJ, com tão aparente facilidade, recorda-se, que suscitou a celeuma e a indignação do País inteiro.

Dos então seis implicados somente o major Mota Freitas, ex-comandante da PSP do Porto, fez a sua apresentação às autoridades, tendo sido detido numa unidade militar de Abrantes. Segundo fonte fidedigna, Mota Freitas teria há dias solicitado a sua transferência para o Hospital Militar Principal, em Lisboa, desconhecendo-se se a sua pretensão foi ou não atendida.

Entretanto os arguidos Joaquim Torres, Abílio de Oliveira, Manuel Macedo, Silva Santos e Décio Sottomayor, altamente incriminados no processo, podem a partir de agora ser extraditados com base naquele documento adoptado em Novembro do ano passado pelo Comité de Ministros do Conselho da Europa e segundo o qual as acções terroristas não devem ser consideradas «infracções políticas ou inspiradas por motivos políticos».

Recentemente soube-se da presença do Abílio de Oliveira em Vigo, onde se encontra desde a sua fuga. Também Joaquim Torres, segundo informações por nós obtidas, teria vindo a Lisboa em data recente, consultar o seu advogado. É preocupante a facilidade com que os implicados na rede bombista se têm movido dentro e fora do País, apesar dos mandados de captura.

Espera-se, portanto, que a entrada em cena da Interpol — só agora solicitada para tal — permita a rápida captura dos bombistas em fuga.

Há sobre tudo isto uma pergunta a fazer: que se passa com as investigações sobre outros ramos da rede bombista, iniciadas, sim, mas, ao que parece, enterradas agora em pleno silêncio e desinteresse? Recordaremos como exemplo que os indivíduos indiciados no chamado «caso de Monsanto», em que uma potente carga explosiva deflagrou dentro de um automóvel, continuam tranquilamente a sua vida, ignorando-se se foram feitas as diligências que se impunham.

PRIMEIRO DE MAIO SOB O SIGNO DA UNIDADE

Trabalhadores mobilizados para o seu Dia Mundial

Os trabalhadores portugueses assinalarão amanhã a data do Primeiro de Maio, «Dia Mundial do Trabalho», com concentrações em diversas cidades do País, a culminarem um programa promovido pela Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical

Sob o signo da unidade, uma vez que participam nas Comissões Organizadoras Distritais, todos os sindicatos, filiados ou não na Intersindical Nacional — à excepção daqueles que estão ligados à «Carta Aberta» — este Primeiro de Maio de 1977 será, de acordo com palavras do Secretariado da CGTP, «um dia solene de luta pela recuperação da economia portuguesa, ao serviço dos trabalhadores e da independência nacional, pela melhoria do nível de vida do Povo português, contra o desemprego, a carestia de vida, a repressão».

Entretanto, até ao fim da manhã, segundo averiguamos a RTP continuava sem ter assegurado o direito à utilização do tempo de antena a que o movimento sindical tem pleno direito de acordo com o que se encontra estabelecido na Constituição

Quanto à pretensão da CGTP-IN de ver transmitidas em directo as comemorações que se efectuarão em Lisboa, com uma concentração no Campo 1.º de Maio, ainda não tinha sido obtida qualquer resposta da administração da RTP, havendo a sensação de que se pretende recusar a hipótese, o que acontecerá pela primeira vez desde que esta data é celebrada em liberdade, depois da queda do salazarismo-caetanismo.

Sobre estes factos, o Secretariado da CGTP-IN considerou esta manhã, em declarações que nos prestou, que a RTP está a assumir uma nítida posição de boicote às comemorações do Primeiro de Maio, atentando gravemente contra o direito do Povo português à informação, não tendo em conta que a maioria dos espectadores e contribuintes são trabalhadores. Aliás, a nossa estação televisiva não tem feito ultimamente, referências a acontecimentos de grande importância em que esteja envolvida a CGTP - IN.

"Política de A a Z" escreve sobre Primeiro de Maio (Pág. 2)

Secretariado da CGTP-IN falou ao "Diário de Lisboa" (Centrais)

Vital Moreira denunciou projecto de recuperação capitalista (Pág. 7)

Defesa da democracia dá direito a pensão

Por decisão do Governo foi criada uma pensão que exprimirá o «público reconhecimento da comunidade para com os seus cidadãos que se tenham distinguido por méritos excepcionais na defesa da liberdade e da democracia».

Um decreto-lei do Ministério das Finanças, incluído no «Diário da República» de hoje, justifica naqueles termos a criação da pensão, cujo quantitativo será fixado, por decreto, pelo Conselho de Ministros, salientando ainda que o testemunho de apreço e gratidão que a pensão significa «é também uma forma de amor à liberdade que temos e à democracia que somos.»

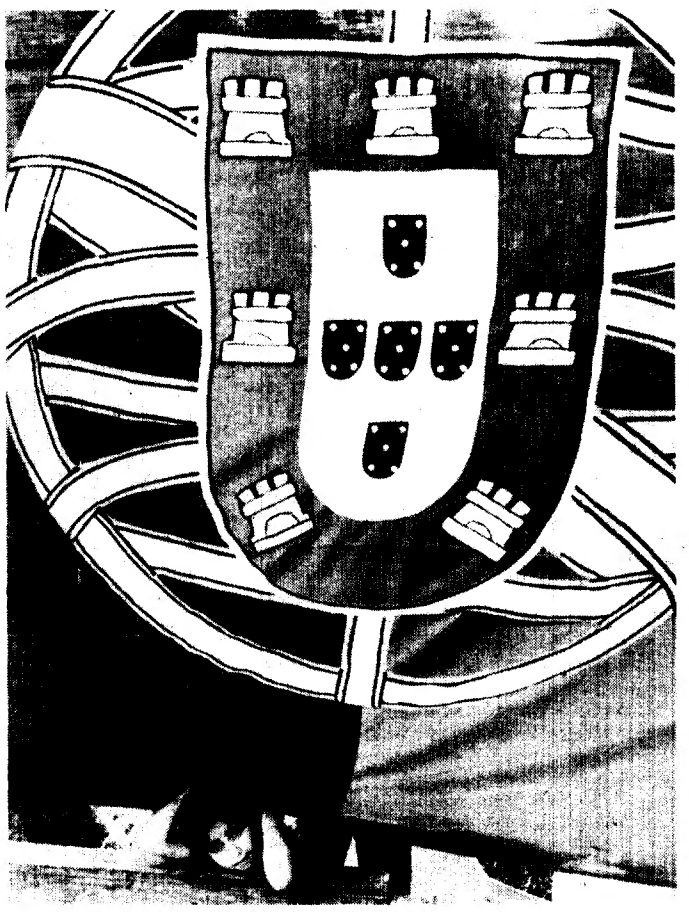
Ainda no preâmbulo do decreto-lei salienta-se que seria injusto deixar passar privações «aqueles ou os familiares daqueles que exemplarmente lutaram».

No corpo do diploma estatui-se que a pensão só poderá ser concedida ao próprio cidadão ou aos seus herdeiros e familiares que tenham vivido na sua exclusiva dependência. No primeiro caso e também quando for atribuída à viúva maior de 40 anos será vitalícia. Quando, nos restantes casos, os beneficiários sejam maiores, a pensão caducará se estes não provarem, até 31 de Dezembro de cada ano, que estão impedidos de ganhar convenientemente o seu sustento.

A iniciativa de propor ao ministro das Finanças a concessão da pensão pertence ao Primeiro-Ministro, aos membros do Conselho da Revolução e do Governo, aos Deputados, aos órgãos de administração local e a quaisquer organismos ou instituições de interesse público.

sete PONTO sete

O «DL» inclui hoje o «Sete-Ponto-Sete». No suplemento, oferecemos ao leitor um trabalho relacionado com o 30 de Abril, que passará a ser conhecido, por decisão tomada num plenário de empresários em Rio Maior, como o Dia do Patrão. Entretanto, e além deste tema dominante — e arrasante — o «Sete-Ponto-Sete» inclui as habituais secções de Cinema, Teatro, Livros e Televisão.



Celebra-se amanhã, em todo o País, o Primeiro de Maio, Dia Mundial do Trabalhador. Eis, na foto, a bandeira nacional como que suportada pelo ombros de uma criança. Criança que é o símbolo do futuro do nosso País: o Socialismo. Mas para que esse futuro se concretize, para que a Constituição se cumpra plenamente, necessário se torna que todos quantos reconstroem o País, dia a dia, nos mais diferentes locais de trabalho, façam sentir a sua presença. Presentes, pois, todos, até porque é a quarta vez consecutiva que entre nós se comemora em liberdade o Dia Mundial do Trabalhador. Que trabalhador (trabalhador de cabeça aos pés e de coração generoso) não estará lado a lado com os seus companheiros, erguendo alto e bom som os seus direitos...? A bandeira da Pátria, enfim, nos ombros ainda débeis da nossa Democracia...?

Ministros da CEE discutem empréstimo a Portugal

(Pág. 20)

Política de Abril

O «PRIMEIRO DE MAIO»

A data de 1 de Maio, desde 1886, assinala para as classes trabalhadoras uma jornada de luta. Está associada ao «Primeiro de Maio» a conquista da jornada laboral das oito horas, a luta pelos direitos dos trabalhadores, a luta pela unidade dos trabalhadores.

Em Portugal, desde José Fontana, desue Ernesto Judicibus, que o «Primeiro de Maio» é comemorado como dia de festa, de confraternização, de afirmação das reivindicações dos trabalhadores. Durante o regime fascista as comemorações do dia «Primeiro de Maio», dificultadas embora pelo aparelho da repressão, deram lugar a uma parada de forças da classe trabalhadora, a uma consciencialização, foram dia de reflexão, de contestação e de luta.

O derrubamento do fascismo em 25 de Abril de 1974 deu lugar a uma grande festa de fraternidade antifascista no dia 1 de Maio de 1974. Uma explosão de alegria, uma fraternidade verdadeira que infelizmente não teve capacidade para sobreviver às naturais contradições do processo revolucionário, marcou, então, o ponto mais alto do entusiasmo e da mobilização populares. Foi a grande festa da unidade.

. . Vamos comemorar o «Primeiro de Maio», tal como comemorámos o «25 de Abril», divididos. Anunciam-se várias comemorações. E anuncia-se até, como se as atitudes negativas contassem neste dia, que alguns se não solidarizam com as comemorações que outros promovem. Ameaça eternizar-se o equívoco de querer reduzir a organização sindical da classe trabalhadora à projecção no mundo do trabalho das organizações políticas. Em nome de um certo sindicalismo livre ou em nome de diversos sindicalismos revolucionários, é, na forma e no fundo, a liberdade sindical, a autonomia sindical, a independência do movimento operário e o seu conteúdo de classe, que vêm sendo postos em causa.

Não se conhecem boas razões que fundamentem as divisões entre trabalhadores quando a Constituição apela para a sua participação no exercício do «poder» e na direcção da produção e da economia. Não se conhecem boas razões contra a unidade dos trabalhadores em defesa da Constituição como projecto democrático de avanço para o socialismo. Não se conhecem boas razões contra a confraternização dos trabalhadores nas celebrações do «Dia do Trabalhador». A memória do «Primeiro de Maio» do ano de 1974 há-de perdurar. E os homens e as mulheres deste País pensarão, amanhã, dia 1 de Maio de 1977, **como, porquê e quando** se perdeu (ou corrompeu) a dinâmica revolucionária que, em perfeita, espontânea e jubilosa unidade, o povo afirmou no dia 1 de Maio de 1974. Nesse dia em que, para os cidadãos civis e para os cidadãos militares, estava vivo o «25 de Abril».

INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Na Ota, discursando na cerimónia de juramento de bandeira, o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira, afirmou que os interesses nacionais «jamais se confundirão com quaisquer outros e estarão sempre demarcados da simples inserção geoestratégica e geopolítica».

Estas palavras, proferidas por um responsável militar, conselheiro da Revolução por inerência do seu alto cargo, revestem-se de singular importância política. Traduzem, indiscutivelmente, uma noção esclarecida da necessidade de subordinar aos interesses nacionais as relações (ou negociações) políticas e militares, a necessidade de subordinar a diplomacia aos interesses nacionais, de valorizar, acima de tudo, da geoestratégia e da geopolítica nacional, a independência nacional.

Esta valorização da independência nacional explica a advertência do general Lemos Ferreira: «Trata-se, portanto, de reconhecermos que agora e sempre teremos que contar, fundamentalmente, com as nossas forças, com a nossa determinação e dedicação ao serviço da nobre causa dos interesses nacionais que jamais se confundirão com quaisquer outros e estarão sempre demarcados da simples inserção geoestratégica e geopolítica». Neste discurso político — discurso de bom-senso e de moralidade pública — o general Lemos Ferreira seguidamente afirmou: «De facto, no mundo em que vivemos e em que interesses comuns existem, a correlação destes determinará o apoio que nos é devido e pelo qual devemos correctamente pugnar. Doutra forma e em reverso obteremos não a redução dos riscos, mas a minimização das comparticipações e a subalternização da nossa posição no conjunto».

Este apelo a que contemos com as nossas próprias forças diverge de uma diplomacia mendigante, de um repouso, imprudente, na ajuda externa. Por outro lado, as palavras do general Lemos Ferreira orientam-se para uma defesa da nossa autonomia política num quadro geoestratégico e geopolítico que é condicionante, mas que não deverá ser determinante, e valorizam um critério de **independência nacional.**

DESMENTIDOS

Os «desmentidos» são, algumas vezes, adiamentos das confirmações. Desmentiu-se a desvalorização do escudo e o escudo foi desvalorizado. Agora novamente os responsáveis das finanças públicas reagem à notícia, desmentindo-a.

Conhecem-se, todavia, as pressões internacionais; sabe-se que o processo de desvalorização tem a sua lógica interna; sente-se a erosão do valor da moeda nacional; não se adivinha correcção próxima dos desequilíbrios das trocas internacionais. E da sorte do «desmentido», dentro de semanas ou de meses, falarão as gazetas.

Publicada contestação do "Relatório das Sevícias"

Foi ontem distribuído pelas livrarias «O Relatório das Sevícias e a Legalidade Democrática». Editado pela Centelha, de Coimbra, o livro é um conjunto de documentos sobre o chamado «Relatório das Sevícias» feito pela «Comissão de Averiguação de Violências sobre Presos Sujeitos às Autoridades Militares». Parte destes documentos, lembra-se, publicou-os o nosso jornal antecipadamente ao livro e em primeira mão.

«Os documentos que compõem este livro constituem uma forma pública de intervenção que os signatários assumiram por inadiável imperativo de consciência» — dizem os responsáveis pelos documentos, que foram oportunamente enviados aos competentes órgãos de soberania, nomeadamente o Conselho da Revolução e a Assembleia da República.

Assinam os documentos ora dados a público dezasseis juristas: Teixeira Ribeiro, Orlando de Carvalho, Aníbal Almeida, José Joaquim Gomes Canotilho, António Avelãs Nunes, José Teixeira Martins, Alfredo José Braga de Soveral Martins, José Manuel Merêa Pizarro Beleza, Duarte Vidal, Inácio Fiadeiro, Jorge Sampaio, Vasco de Castro, José Manuel Correia Pinto, Levy Baptista e Luís Azevedo.

AÇORES

Galvão de Figueiredo rectifica críticas ao Governo Central

«O Governo Central, para além das despesas correntes que lhe compete realizar na região, e que orçam em mais de três milhões de contos, investirá na região no ano corrente mais de um milhão e 500 mil contos em realizações de investimentos de Fomento, dos quais 922 contos correspondendo ao plano de investimentos elaborados pelos órgãos centrais do Estado, que foi submetido à apreciação do Governo Regional, e 600 mil contos correspondentes ao plano de desenvolvimento traçado pelo Governo Regional e que o Governo Central financiará» — declarou ontem o general Galvão de Figueiredo durante uma sessão de boas-vindas na Câmara Municipal de Santa Cruz das Flores.

O ministro da República acrescentaria: «Não é, pois, legítimo a quem quer que seja afirmar que os órgãos centrais do Estado não apoiam o desenvolvimento regional e que não têm presentes as necessidades mais prementes dos habitantes dos Açores».

Depois de salientar que «chegou o momento de deixarmos para trás tudo aquilo que foi mau e, dando as mãos, Continente e Ilhas, açorianos das várias ilhas, construir uma região nova», Galvão de Figueiredo frisou que o Presidente da República «tem uma clara visão» das necessidades do Arquipélago.

Apreciando o papel dos órgãos de Informação, o ministro da República para os Açores disse a certa altura:

. «Quando se fazem e publicam artigos sobre o auxílio prestado pelo Governo dos Estados Unidos da América á região e nada se diz quanto ao apoio material a que já me referi, prestado pelo Governo Central ao desenvolvimento regional, não «se está certamente a informar a opinião pública correcta e ajustadamente, tanto mais que o auxílio — e é valioso — prestado pelos EUA à região é feito através do Governo Central que, em quase todos os casos, contraiu com os EUA empréstimos que terá de pagar, embora com juros módicos ou mesmo sem juros».

E concluí: «Quando se afirma que o Gabinete do ministro não é suficiente, e se não diz qual a razão desta afirmação, está a fazer-se uma afirmação sem fundamento e não se está a dar uma afirmação isenta e concreta.»

Grupo do MRPP agrediu militantes do PCP em Olhão

Seis militantes do PCP que anteontem à noite faziam propaganda em Olhão do 1.º de Maio foram agredidos por «mais de 20 arruaceiros que atacaram de surpresa» — revela uma nota da comissão concelhia de Olhão daquele Partido. Três dos elementos do PCP, Raul Veríssimo, João Anjos e Osvaldo Gil, tiveram que ser enviados pela PSP para o hospital distrital de Faro a fim de receberem tratamento.

Os agressores utilizaram matracas, e bastões e justificaram-se com a alegação de que os elementos do PCP teriam arrancado uma faixa do MRPP.

Depois de lembrar que não é a primeira vez que em Olhão «fascistas» e «marginais do MRPP» mostram o seu ódio à democracia e ao PCP e que tudo se tem permitido ao MRPP, afirma a nota: «A impunidade premeia os provocadores e os criminosos. Há cinco meses foram espancados dois militantes comunistas, Raul Veríssimo e Aureliano dos Santos. Foram reconhecidos alguns dos agressores. Que fizeram as autoridades para os castigar? Na PSP informaram-nos de que o processo foi remetido a tribunal. E o tribunal que responde?»

. Pergunta depois o PCP: «Se a PSP se considera impotente para pôr termo a esta situação e se o tribunal, pelo seu silêncio, mantém a impunidade, então quem garante as liberdades, a ordem democrática, a segurança das pessoas e a tranquilidade pública em Olhão?»

Lopes-Graça em Moscovo

Como convidado de honra da União dos Compositores Soviéticos partiu ontem para Moscovo Fernando Lopes Graça, que assistirá ás comemorações do 1.º de Maio na capital soviética, cumprindo seguidamente um vasto programa de visitas e contactos culturais. Não obstante ter sido já distinguido pelo Governo daquele país com a Ordem da Amizade dos Povos, que lhe foi atribuída por ocasião da passagem do seu 70.º aniversário, é a primeira vez que o grande compositor português visita a União Soviética.

Entretanto, está já prevista para Dezembro próximo uma *tournée* de concertos em Leninegrado, Moscovo e noutras cidades, compreendendo concertos sinfónicos e de câmara, em que serão apresentadas obras da sua autoria. Nomeadamente, haverá recitais de canto e piano em que o próprio Lopes Graça participará como pianista, acompanhando o cantor Fernando Serafim. O seu concerto n.º 2 para piano e orquestra será interpretado por Sequeira Costa, com a Orquestra de Leninegrado.

Professores do Norte

PORTO, 30 — Na Assembleia Geral do Sindicato dos Professores da Zona Norte, efectuada ontem à noite, no Pavilhão das Antas, foi aprovada uma proposta no sentido de as eleições para os respectivos corpos gerentes serem antecipadas para o dia nove de Junho próximo. A proposta fundamentava-se na necessidade de fazer coincidir futuramente o mandato dos corpos gerentes do Sindicato com o ano escolar. A Assembleia Geral tratou ainda de outros problemas relativos a eleições e aprovou o relatório e contas da direcção (por unanimidade).

Noticiário breve

ASSEMBLEIA DA PAZ

Realiza-se hoje na Sala de Conferências da Reitoria da Universidade de Lisboa a 2.ª Assembleia da Paz, para apreciar o relatório e contas apresentados pelo Secretariado Nacional do CPPC.

Da ordem de trabalhos consta ainda a aprovação de estatutos e regulamentos e a definição das linhas gerais de actuação do Conselho Português para a Paz e a Cooperação. Serão ainda apresentados os nomes dos candidatos ao Conselho Mundial da Paz.

ENCONTRO DO PS

Realiza-se hoje em Viseu um encontro distrital dos quadros do PS. Trabalho e sindicalismo e a situação política actual serão os temas a estudar, com a colaboração de dirigentes nacionais.

CTT/TLP

Foi ontem empossado pelo ministro dos Transportes e Comunicações o novo administrador das empresas públicas Correios e Telecomunicações de Portugal e Telefones de Lisboa e Porto, eng. Luciano Carneiro Moreira da Silva.

Estágios para procurador da República

A Procuradoria-Geral da República enviou para publicação no «Diário da República» (II Série) as listas provisórias dos candidatos admitidos ao estágio para delegados do procurador da República, bem como a dos admitidos aos testes para o mesmo estágio.

PUB

Gestor/a de colónia de férias

ADMITE-SE

Empresa pública aceita candidaturas com vista ao desempenho das funções em referência durante os meses de Maio a Outubro na sua Colónia de Férias localizada em Palmela.

O (A) candidato (a) admitido (a) deverão encarregar-se de trabalhos preparativos quanto à organização geral do funcionamento da Colónia, incluindo a selecção e admissão de pessoal especializado (educadores infantis e monitoras) e auxiliar; logo que aquela inicie a sua actividade será responsável pelo seu funcionamento integral.

EXIGE-SE:

— Formação profissional adequada.
— Experiência comprovada, de preferência adquirida em estabelecimento escolar.
— Bom contacto humano e facilidade de condução de pessoal.
— Capacidade de organização, dinamismo e elevado sentido de responsabilidade.
— Iniciativa e criatividade.

OFERECE-SE:

— Remuneração compatível
— Alimentação e estadia

. Enviar «curriculum» detalhado e indicar referências ao n.º 1913 deste jornal.

post-scriptum

A batalha do 25 de Abril aclara-se e triunfa no 1.º de Maio! Unamo-nos!

1. Há dezenas de anos que o 1.º de Maio está íntima e concretamente associado a todos os grandes momentos, datas e lutas do povo português; associado como uma expressão fiel da importância decisiva da unidade e da acção da classe operária e dos trabalhadores da cidade e do campo, em todos os pontos altos da iniciativa popular pela liberdade, pelo progresso social, pela independência nacional, pela paz, contra todas as formas de exploração económica e de opressão política.

Nos anos do fascismo, a luta popular e trabalhadora do 1.º de Maio uniu-se, combinou-se e agigantou-se com as acções antifascistas, lutas e manifestações populares do 31 de Janeiro, do 8 de Maio, do 28 de Maio, etc.

Com a libertação do povo português da dominação fascista, a data, o dia que, na prática, na acção, mais se aproximou do 25 de Abril, aquele cujo sentido mais se lhe irmanou, que mais o completou, foi sem dúvida o 1.º de Maio.

Tal aconteceu logo em *1974*: o 1.º de Maio, as manifestações e manifestações de centenas e centenas de milhares de portugueses que rasgaram de lés a lés a terra portuguesa, foram simultaneamente as manifestações soberbas da vitória histórica *já alcançada* — sobre o fascismo, sobre o colonialismo e sobre a guerra — e as manifestações da vitória imediata a alcançar sobre os reaccionários que (como Spínola, como Silvério Marques, como Galvão de Melo, etc.) conspiravam contra a liberdade, pelo regresso do poder fascista e colonialista.

Foi aliás no *1.º de Maio de 1974* que vigorosamente triunfou a unidade povo-MFA, que se afirmou o sentido trabalhador da vitória democrática. Mais: que se começou a desenhar a inevitabilidade da precipitação e derrota reaccionárias do 28 de Setembro e do 11 de Março que, em conjunto, marcaram e traduziram a derrota do capitalismo monopolista de Estado. Sobretudo, da sua base financeira de mais próxima origem nacional — monopolista, colonialista e latifundiária.

2. Hoje, *em 1977*, outra vez o 1.º de Maio deve ter grande importância na clarificação democrática nacional, na aproximação daquelas camadas, forças e homens cujos interesses históricos são no essencial comuns e cuja separação só ocasional e artificiosamente pode ser mantida.

Hoje, *em 1977*, nas vésperas da desagregação do PS, pretendida pela reacção; quando a direita reaccionária conspira descaradamente a sua entrada no Governo; quando o imperialismo, às cavaleiras do endividamento pátrio, prepara novas ofensivas contra a independência nacional — tanto nos Açores e Madeira como no conjunto do País; quando, em plena «coexistência concorrencial», se ataca a intervenção do Estado nas empresas e se restabelecem nos seus domínios conhecidos exploradores e saqueadores da economia portuguesa; quando se dão os últimos retoques num projecto de *contra-Reforma Agrária*, que divida e oponha os camponeses, a bem da expansão e conservação dos lucros capitalistas; quando, a partir do próprio Governo, se pretende impor aos trabalhadores, nos sindicatos, a operação interesseira da divisão em vez da lei unitária da multiplicação; quando, queiramo-lo ou não, afrontamos uma aberta tentativa imperialista e reaccionária, capitalista e latifundiária, de recuperar terreno, de sarar feridas, de apagar derrotas, de semear no povo desencantos, divisões e dúvidas; quando tal é a tónica actual dos dias que vivemos, *hoje, em 1977*, podemos e devemos fazer do 1.º de Maio uma grande e densa jornada pela aproximação de todos os *trabalhadores*, de todos os *democratas*, de todos os *patriotas*, de todos aqueles que nada têm a perder, antes tudo têm a ganhar, com um crescente bem-estar social, com uma crescente liberdade, com uma crescente independência nacional.

3. É o começo de uma nova fase da Revolução que hoje vivemos. A fase em que, para defendermos as suas conquistas, para melhorarmos as condições populares de vida, alargarmos a democracia, consolidarmos a independência da nossa Pátria, os trabalhadores, os democratas, os patriotas se reaproximam; novas forças se *acumulam* e *redefinem*; os portugueses voltam a clarificar a situação política nacional.

É uma fase de unidade, acção e luta. É a fase em que se traçam e rasgam os caminhos do futuro. É o começo de uma madrugada diferente.

Pedro Ramos de Almeida
LISBOA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

PARA A ANÁLISE DE UM DISCURSO

DIOGO MADEIRA

. O 25 de Abril passou entre a alegria do povo que festejava uma data que traz no coração, no meio de manifestações públicas e populares. Dessas manifestações públicas ressaltam a parada militar com que as Forças Armadas quiseram testemunhar a sua fidelidade ao espírito da Revolução de Abril e a sessão especial da Assembleia da República. Cerimónias em que usou da palavra o Presidente da República, general Ramalho Eanes. Das milhentas palavras proferidas nesse dia por centenas de homens públicos realçando e saudando o significado de uma data que a História de Portugal, apesar de todos os quezilentos velhos do Restelo, guardará em lugar seguro, deverão ser bem lidas e meditadas. As que o Presidente proferiu no tom sério, enérgico e mesmo duro, no estilo a que já nos vamos habituando, na Assembleia da República.

Os discursos que o general Ramalho Eanes proferiu, não podem ser analisados ao sabor de ideias preconcebidas, à luz das aparências e muito menos conforme juízos apressados, considerando o que pensamos que o Presidente pensa, por aquilo que o Presidente efectivamente disse. Ou seja, temos que começar a julgar o que o Presidente faz e diz e não o que o Presidente não faz ou o que pensamos que quererá dizer. Com efeito, e repetindo Eduardo Prado Coelho, nos discursos do general Eanes «nada transparece do sujeito enunciador, no enunciado produzido» mas o enunciado, esse existe. E não interessa para agora detectar, tal como o mesmo autor o fazia em artigo recente n'«O Jornal», «o que desarruma o rigor» dos seus discurso, pois o seu rigor foi suficiente para a direita enfunar as velas.

O que interessa para já, e isso sim, é analisar o enunciado. E ao fazê-lo, não parece que sejam tantos os motivos para a direita embandeirar em arco, como fez, impelida pelos tais ventos que ela própria sopra; nem para a esquerda se sentir enjoada nas ondas desse pretenso temporal. E senão, vejamos:

. O primeiro ponto em que a direita estalou em aplausos, foi nas referências que se fizeram ao 25 de Novembro, como data em que as Forças Armadas intervieram para assegurar que a liberdade reconquistada não seria traída. Não se percebe muito bem, a não ser por um indesculpável complexo de culpa, adquirido à força de tanta demagogia e mentira inculcada pelos órgãos de comunicação reaccionários, que a esquerda se considere culpada de querer coarctar as liberdades fundamentais, em 25 de Novembro. Parece estar hoje provado à evidência e senão oiçam-se as palavras elucidativas do insuspeito coronel Azeredo, que a direita militar tal como a civil se aproveitaram dos «nove» para fazerem retornar este País ao seu «paraíso» perdido, do qual todos lembramos ainda as fecundas liberdades.

Lembramo-nos, também da má aceitação e até da rejeição de sectores militares e civis relativamente, às célebres palavras do major Melo Antunes, a seguir a 25 de Novembro, quando na televisão travou a «caça às bruxas» que tinha começado. Sabemos bem, que o 25 de Novembro, foi aproveitado por muitas forças para porem um freio à revolução e inflectirem o rumo dos acontecimentos políticos numa direcção diferente. Mas sabemos, também, que muitos dos militares que fizeram o 25 de Novembro impediram que outros militares e civis que a eles estavam aliados tacticamente tivessem eliminado deste País as liberdades e traído o espírito do 25 de Abril, que apesar de nunca terem alimentado, não tinham publicamente renegado.

Analisando retrospectivamente o 25 de Novembro e apesar de se pensar que desse evento se deveria e poderia ter saído de outra forma mais favorável aos interesses das camadas populacionais privilegiadas no enunciado do Programa do MFA, podemos hoje afirmar que os grandes derrotados foram os militares reaccionários e os interesses que defendiam e que encobertos pelos militares democratas pretendiam trair a liberdade e impor a este País a «bota ultrajante» de uma ditadura que privilegiaria os interesses civilizados de uma direita defensora dos interesses capitalistas nacionais e internacionais, lançando na miséria e na desgraça, a maior parte do nosso povo.

E isto porque, nem a Constituição se cumpriria se as forças fascistas que se colocaram atrás do 25 de Novembro tivessem vencido, nem a direita está de acordo com os objectivos constitucionais, as metas e os caminhos que ela aponta, e até, como toda a gente sabe, não a aprovou.

Assim não se percebe muito bem com que coerência é que a «direita» aplaude tão entusiasticamente o 25 de Novembro, pois apesar de terem sido presos alguns dos oficiais que o povo melhor conhece pelo seu empenhamento na Revolução de Abril, os derrotados em Novembro não foram eles, nem as forças políticas que a «direita» acusou, mas sim a própria «direita», que à sombra de alguns militares que comandava ou manipulava não foi capaz de impor a este País a sua tutela ultrajante. As referências ao 25 de Novembro devem pois começar a ser perspectivadas, não em função daquilo que a «direita» propaga, mas sim em função do que os factos comprovam.

Outro dos pontos do discurso do general Ramalho Eanes que mais contentou as bancadas da «direita» foram as referências aos que dizem uma coisa na Assembleia e fazem outra lá fora. Ora esta é uma advertência muito séria e oportuna e a carapuça enfia direitinha nas respeitáveis cabeças dos amáveis deputados civilizados.

Bem prega frei Tomás mas... Quem é que tem andado a deitar bombas? Quem é que tem fomentado sistematicamente a desestabilização? Quém é que faz sabotagem económica? Quem é que faz fuga de capitais? Quem é que faz uma batalha verbal de insultos, de provocações de toda a ordem, de desrespeito frontal pela ordem constitucional? Quém é que financia essa campanha? Quem é que subvencionou MDLP, ELP, e outras respeitáveis organizações?

Afinal quem é que tenta, em simultâneo, a conquista do Poder através do voto e através do golpe? Digam lá senhores da «direita» quem é que se exclui voluntariamente do convívio democrático?

Como se vê mais uma vez, se a direita aplaude não é porque não tenha memória, mas sim porque se quer servir das palavras do Presidente da República para nos enfiar a carapuça que lhe assenta à medida. E com muita razão afirma o Presidente que infelizmente persistem os efeitos das sementeiras de violência e de ódios e as consequências da desorganização do aparelho de Estado, programada e sistematicamente executada pelos assaltantes do Poder.

Quanto à violência e ao ódio lembremo-nos da campanha desencadeada no Verão quente de 1975, dos discursos do dr. Sá Carneiro, do dr. Amaral e do general Melo com a sua moca, para vermos os ventos que por aí foram semeados. Não foram os únicos? Talvez não, mas eles foram dos que mais contribuíram e de que maneira, para a situação que o Presidente foca, da intolerância existente.

Quanto ao assalto ao Poder, nem vale a pena falar. Vejam, se fazem favor, quantos funcionários foram colocados durante os Governos Provisórios e quantos deles foram afastados durante o Governo Constitucional e os motivos porque o foram. Mais uma vez estão a aplaudir em falso, e é o próprio Presidente quem o diz, ao afirmar que a partilha da administração pública facilita as manobras daqueles que vivem à sombra da função sem a servir.

Outro dos pontos em que a direita arreganhou o dente de satisfação foi quando o Presidente afirmou que «a intolerância introduzida na sociedade portuguesa mantém afastados do contributo que devem à pátria nomes indispensáveis em sectores decisivos para o desenvolvimento do País. Não podemos fugir à realidade da nossa integração num espaço em que a competência e o mérito têm um prémio para além das fronteiras. Precisamos de quadros, de quadros qualificados e motivados, para conceber e realizar programas audaciosos que multipliquem os empregos». A «direita» com o seu aplauso queria fazer-nos acreditar que o Presidente se referia aos empresários absentistas, monopolistas e exploradores que alardearam durante décadas neste País a sua ineficácia, a sua subalternidade. Mas escusam de nos deitar areia para os olhos. O Presidente fala é de «homens com competência e mérito, quadros qualificados e motivados para conceber e realizar programas que multipliquem empregos» e não de indivíduos cuja única motivação é o lucro e cuja lógica é o concentracionismo que gera o desemprego. Já se terão esquecido que Portugal era um dos países mais atrasados da Europa e que a emigração foi fruto principalmente da incapacidade desses senhores para proporcionarem empregos em quantidade e qualidade suficientes ao povo português?

. Reconheça-se que o Presidente tem razão e muita. Muitos quadros competentes e motivados de prestígio internacional têm vindo a ser marginalizados por factores que nada têm a ver com as qualificações requeridas para o desempenho da função. E para dar um exemplo que vos refresque a memória cito o caso do dr. Mário Ruivo, que foi demitido de director-geral do Ministério da Agricultura e Pescas, tendo no entanto sido escolhido pelos seus pares, para presidente do organismo máximo da FAO, para as pescas.

E das duas uma: ou a FAO é totalmente incompetente, ou o Presidente não tem razão ao dizer que a sociedade mantém afastados homens indispensáveis; ou uma terceira, que seria ter afinal no país, um excesso de quadros capazes.

Um ponto que parece ser controverso e que fez algumas bancadas deitarem foguetes foi a referência à iniciativa privada e ao seu papel dinamizador da economia, para o que se tornava imperiosa a regularização das indemnizações e a sua canalização para o investimento, assim como se tornava imperiosa a introdução no mercado financeiro de novos agentes e novos métodos. O Presidente falou de **novos** métodos e de **novos** agentes. Não falou dos **velhos** e estafados métodos capitalistas nem dos **antiquados** gestores da nossa triste e pouco gloriosa economia. Este é o primeiro ponto que se deverá ter em conta.

Quanto à iniciativa privada, convém que não esqueçamos que existem muitas formas de iniciativa privada como as empresas autogestionárias, as cooperativas e outras formas colectivas e mesmo individuais de iniciativa privada, que por ser privada, não significa ser exploradora. Quer-se com isto dizer que apesar de terem capital privado, os seus objectivos além de económicos são também sociais e não se circunscrevem à conquista do maior lucro através da exploração desenfreada da mais-valia dos que nelas produzem a riqueza. Isto é que são **novos métodos**.

Quanto às indemnizações é bom que os senhores da «direita» não se esqueçam dos milhares e milhares de pequenos accionistas que exploraram, acenando-lhes com a mira do lucro fácil, servindo-se desses capitais para acumularem fortunas em curto espaço de tempo. Esses capitais é que são necessários para revitalizarem a economia. Eles é que são os novos agentes a introduzir na Banca nacionalizada.

Outra advertência do Presidente relaciona-se com a necessidade de encontrar uma base social de apoio sólida, às medidas de salvação nacional que se reclamam. Está mais que provado que este Governo não tem essa base de apoio. Mas não há pressa de ir do mau para o pior.

Há que encontrar uma alternativa, e o Presidente que é de todos e não só de alguns, e é bom que isto não se esqueça, através da análise das soluções propostas pelos diferentes partidos entende que elas delimitam plataformas programáticas que suscitam entendimentos e prometem garantias para essa base social. O que está em causa é a base social de apoio e não as soluções propostas.

A base social fundamenta-se na estratégia que é um programa político de um partido e não nas sucessivas tácticas que a conjuntura determina a esses partidos. E as soluções propostas muitas vezes são determinadas pela táctica, e as tácticas quando correctamente inseridas numa estratégia coerente, podem até ser pontualmente discordantes no sentido que o objectivo final determina.

Por exemplo, o CDS fartou-se de votar afirmativamente artigos da Constituição, tacitamente, e depois votou globalmente contra a Constituição. Mas isto qualquer militar o sabe, quanto mais o general Ramalho Eanes.

O problema colocar-se-ia se a necessidade de realizar uma política pragmática, privilegiasse as soluções propostas que são tácticas como se elas fossem afinal a estratégia. Ou seja, se a estratégia fosse o pragmatismo, a eficiência, o

Continua na pág. 4

PUB

1.º DE MAIO

JORNADA DE LUTA NA UNIDADE

DE TODOS OS TRABALHADORES

O primeiro de Maio, Dia Internacional do Trabalhador, em jornada de luta e solidariedade entre todos os trabalhadores, símbolo da sua unidade e consciência de classe.

Encerra, por isso mesmo, um duplo objectivo: de luta contra a exploração e a injustiça ainda existente e de regozijo das vitórias já alcançadas.

Mas é sempre jornada de consciencialização e de solidariedade contra a opressão, pela construção de um mundo melhor, mais livre e mais fraterno, de paz e progresso social, onde acabe a exploração do homem pelo homem.

O primeiro de Maio, no nosso país, é, também, a consagração da data gloriosa de 25 de Abril de 1974 que derrubou a ditadura fascista, e contribuiu, decisivamente, para que os trabalhadores e povo português, de mãos dadas com os «Capitães de Abril», encetassem as transformações economico-sociais revolucionárias de tão grande importância para o futuro da nossa pátria que queremos liberta, próspera e fraterna.

Mas é, ainda, o recordar das lutas grandiosas que os trabalhadores desenvolveram sobre o fascismo, nomeadamente em 1962, altura em que os operários agrícolas no Alentejo conquistaram as oito horas de trabalho diário.

O primeiro de Maio é, assim, um hino à consciência antifascista do nosso povo, à Revolução de Abril, e aos trabalhadores de Portugal às suas conquistas, à Constituição da República portuguesa que consagra expressamente as mais importantes: as nacionalizações, a Reforma Agrária e o controlo operário. Mas é, sobretudo aqui e agora, uma jornada de luta em prol da defesa dessas conquistas, mais do que nunca ameaçadas pelos inimigos de classe dos trabalhadores e por todos aqueles que lhes fazem o jogo.

O primeiro de Maio é, neste momento, também, um dia solene de luta pela recuperação da economia portuguesa, ao serviço dos interesses dos trabalhadores e da independência nacional.

Um dia de luta pela melhoria do nível de vida do povo português, contra o desemprego, a carestia de vida e a repressão.

O Secretariado da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional saúda calorosamente todos os trabalhadores e todo o povo português, apelando, com veemência, para a sua participação entusiástica nas comemorações do «Dia Internacional do Trabalhador», em espírito de fraterna unidade, pela defesa da democracia rumo ao socialismo.

VIVA O 1.º DE MAIO
VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES PORTUGUESES
UNIDOS E ORGANIZADOS A VITÓRIA É CERTA

O Secretariado da CGTP
— Intersindical Nacional

SURDOS
CASA SONOTONE

É PRECISO OUVIR BEM PARA TORNAR A SER FELIZ. VEJAM A EXPRESSÃO DESTA FIGURA PARA ANALISAREM O QUE É PERCEBER NORMALMENTE

Venham hoje mesmo fazer um exame e uma demonstração que é gratuita com os últimos modelos auditivos. Temos rectroauriculares, óculos via aérea e óssea, estes últimos só de encostar à cabeça, sem fios nem pipetas. Assistência técnica permanente. ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Pilhas de todas as voltagens. Pedimos uma visita com a qual muito reconhecidos ficamos em:

LISBOA — Pôço do Borratém, 33, S/L — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 315602

Academia de Coimbra faz greve até quarta-feira

COIMBRA, 30 — A Academia de Coimbra, reunida à tarde em Assembleia Magna, decidiu entrar em greve geral até à próxima quarta-feira, como expressão de protesto ao despacho do MEIC que determinou o encerramento da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Coimbra, na sequência do saneamento de três professores.

Entretanto, seis dos 10 membros do Conselho Directivo da Faculdade (quatro professores e dois funcionários) apresentaram ainda ontem a sua demissão ao reitor interino da Universidade de Coimbra, professor Férrer Correia.

Como ontem noticiámos, os estudantes exigem a imediata reabertura das aulas e confirmaram em Assembleia Geral de Escola a decisão de manterem o saneamento dos três professores.

Por seu turno, a Assembleia Magna decidiu mandatar a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra para comunicar a decisão da greve ao Conselho da Revolução, ao Primeiro-Ministro e ao Presidente da República bem como convocar para a próxima quarta-feira, dia quatro de Maio, a realização de uma nova Assembleia Magna, para análise da situação.

Suspensos avales à Imprensa estatizada

Durante um encontro que ontem teve com a direcção do Sindicato dos Jornalistas, o secretário de Estado da Comunicação Social, Roque Lino, confirmou que foram suspensos pelo Ministério das Finanças os avales do Estado à Imprensa estatizada, notícia ontem divulgada por um semanário.

O secretário de Estado assegurou no entanto que o seu departamento governamental asseguraria o pagamento de salários aos trabalhadores que os têm em atraso, nomeadamente aos do jornal «O Século».

Ainda segundo afirmações do mesmo membro do Governo a situação da Imprensa estatizada vai ser alvo de um «pacote de medidas», que incluirá as anunciadas pelo antigo titular daquela Secretaria, Manuel Alegre.

Entre as alternativas possíveis para a viabilização das empresas jornalísticas, Roque Lino salientou a possibilidade de algumas das empresas serem reprivatizadas, através de sociedades mistas com a participação do Estado, dos trabalhadores e de outras entidades. Refutou, ao mesmo tempo, a possibilidade de os antigos proprietários, grandes capitalistas, reocuparem os seus postos.

O secretário de Estado da Comunicação Social revelou ainda que se prepara a constituição de grupos de estudo para análise da política de informação nos quais participarão representantes do Sindicato dos Jornalistas que foi também convidado a pronunciar-se sobre as novas Leis da Rádio e da Empresa.

A questão do fornecimento de papel à Imprensa foi também abordada durante a reunião, tendo Roque Lino garantido que, enquanto não terminarem os trabalhos da comissão formada por elementos dos Ministérios das Finanças e da Indústria, as empresas importadoras estão autorizadas a fazer os necessários contratos para que a matéria-prima não falte no mercado.

Finalmente a direcção do Sindicato manifestou ao secretário de Estado a sua preocupação pelo facto de «continuar a existir Imprensa vincadamente fascista, em relação à qual o sistema judiciário não se tem mostrado eficaz».

Para a análise de um discurso

Continuação da pág. 3

método. Mas isso como toda a gente sabe não é estratégia mas sim técnica e esta é uma das formas de se alcançar com êxito a primeira. A técnica não é um objectivo. É um meio. E a estratégia da actividade política de um Presidente que jurou defender a nossa Constituição, como lembrou mais uma vez a todo o País, tem por objectivo final a conquista de uma sociedade que tem por meta o socialismo.

Assim, a base social de apoio suficientemente sólida para se poder governar constitucionalmente este País tem que ser formada prioritariamente por todos os que aceitam essa meta. Ao considerar alternativas, dentro delas se inclui uma maioria parlamentar que reúna essas condições.

O Presidente quando apela à capacidade de colaboração entre os homens sobre quem pesa a responsabilidade da liderança dos movimentos políticos. Mas atenção, porque também diz que «a solidariedade de que há-de unir os portugueses na recuperação do País põe aos responsáveis a exigência de subordinarem os laços pessoais de um passado comum aos apelos de um futuro a construir».

A quem se dirige o Presidente? Quem é que tem laços de um passado comum?

Por isso, e mais uma vez, sublinhamos que a importância das palavras do general Ramalho Eanes, não se compadece de uma leitura apressada.

As críticas foram feitas com firmeza, nomeadamente aos senhores deputados, pelo trabalho que têm desenvolvido durante este tempo. As advertências foram feitas, e para todos. A «direita» antes de embandeirar em arco, deverá verificar que está retratada com muita inteligência nas palavras austeras do Presidente.

Apesar das vestes festivas que mandaram fazer com grande pompa, dos aplausos entusiásticos que prodigalizaram, deveriam ter ouvido mais e com melhor atenção, para que agora não se diga que estão nus.

"O Jornal" faz dois anos

Faz amanhã, Dia do Trabalhador, dois anos que «O Jornal» chegou pela primeira vez às mãos do público. Aventura, como é sempre o lançamento de um jornal — na expressão dos próprios — «propriedade de jornalistas independentes e progressistas», independente do Poder e com «vocação dialogante, crítica e não-oficiosa», o jovem semanário pode contabilizar na sua actividade, ao cabo de dois anos difíceis, no País e na Imprensa em particular, a publicação de 105 números, cadernos mensais, um livro de João Abel Manta, um livro colectivo sobre as eleições legislativas de 1976 e o benjamim «Jornal da Educação».

Para comemorar o seu segundo aniversário o último número de «O Jornal» oferece aos leitores uma saborosa crónica de Eça sobre o 1.º de Maio, ilustrada por João Abel Manta e a quatro páginas destacáveis. Para todos os que trabalham em «O Jornal» (muitos deles ex-«DL»), as nossas felicitações.

Assembleia Municipal de Cascais exige consagração do poder local

Aprovada por unanimidade em reunião do passado dia 22 do corrente, foi enviada à Presidência da República, Conselho da Revolução, presidência da Assembleia da República e Ministério da Administração Interna, a seguinte moção da Assembleia Municipal de Cascais, referente aos impedimentos sobre a publicação da legislação que deve consagrar, segundo a Constituição, o funcionamento democrático dos órgãos do poder local:

«A Assembleia Municipal de Cascais, exige que a Assembleia da República e o Governo envidem os mais aturados esforços para que seja publicada, o mais depressa possível, a legislação que consagre o funcionamento democrático dos órgãos de poder local.

«Considerando aquela Assembleia Municipal, 'que a actual legislação submete as autarquias locais, ao mais apertado espartilho e que, por isso, tenta liquidar qualquer iniciativa local, colocando-a, tal como se verificava no passado, na dependência dos **favores** do Governo Central'», acrescenta-se na referida moção:

«É urgente a publicação de um conjunto de legislação que permita, na prática, a aplicação do novo sistema de administração local democrática prevista na Constituição de 2 de Abril de 1976, e que atribui às Assembleias Municipais e de Freguesia vastos poderes que lhes permitam desenvolver toda uma actividade autónoma deliberativa e fiscalizadora, em cooperação com as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia, garantindo o funcionamento colegial dos seus órgãos executivos.»

A moção termina com um apelo à Assembleia da República e ao Governo para que a publicação da lei sobre as atribuições e a organização das autarquias locais, seja efectivada o mais depressa possível.

Eanes reuniu-se com ministros

. O Presidente da República teve ontem à tarde no Palácio de Belém uma reunião com o ministro da Habitação, Urbanismo e Construção, e com o seu colega das Obras Públicas, na qual foi abordada a situação do programa de habitação que o Governo tem em curso. Participaram também na reunião os ministros sem pasta do Plano e Coordenação Económica, da Administração Interna e das Finanças.

Da parte de manhã, o general Ramalho Eanes presidiu a outra reunião de trabalho, esta sobre a cooperação entre sectores civis e militares, com vista à promoção de projectos de desenvolvimento da conservação aeronáutica, no qual tomaram parte o vice-chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, chefe do Estado-Maior da Força Aérea e ministros do Plano e Coordenação Económica, Defesa e Transportes e Comunicações, além de técnicos do Ministério do Plano e Coordenação Económica.

Comissão propõe supressão de passaporte para Espanha

. PONTEVEDRA, 30 — (ANOP) — A Comissão Executiva para as Relações Turísticas Luso-Galaicas reuniu-se ontem na estância hoteleira de La Toja para estudar o funcionamento da mesma e decidiu levar a cabo uma série de acções para a concretização das resoluções adoptadas na reunião geral celebrada em Fevereiro na Póvoa de Varzim.

Entre as diversas resoluções decidiu-se fazer diligências junto dos governos dos dois países para que adoptem as necessárias medidas que contribuam para a imprescindível fluidez da fronteira luso-galaica de modo a facilitar o movimento turístico entre as duas regiões que apresenta tendência muito positiva.

Quanto às medidas, a adoptar, sugere-se, mais uma vez, a supressão de passaporte, ou a facil concessão do salvo-conduto para que os nacionais dos dois países possam visitar sem maiores impedimentos a nação vizinha.

POSIÇÃO DE LEMOS FERREIRA

Oficiais da FA não serão acusados sem provas

. Falando para a ANOP a propósito dos processos de oficiais da Força Aérea, o general Lemos Ferreira, chefe do Estado-Maior deste ramo, disse que «neste momento não há ainda qualquer conclusão sobre o assunto, embora se esteja a trabalhar numa análise de conjunto». E acrescentou: «Trata-se de uma matéria de grande sensibilidade, que carece de ser tratada com extrema cautela. Não se indigitam pessoas pelo simples facto de as indigitar. É necessário provar devidamente os factos e ver se realmente há matéria válida para se apresentarem pessoas».

De acordo com a mesma notícia, é provável que dentro de alguns dias a Força Aérea divulgue a sua posição quanto ao assunto.

Entretanto, segundo círculos militares ligados àquele ramo, as declarações do general Lemos Ferreira devem interpretar-se como exprimindo uma posição correcta daquele chefe militar que não desejará sancionar punições que não sejam justas e não correspondam a factos devidamente comprovados.

Um conto por mês aos 73 anos de idade

Uma mulher de 73 anos, cega e doente, vive com mil escudos por mês, uma «mesada» concedida pela Santa Casa da Misericórida. Trata-se da septuagenária Piedade Jesus Alves, residente na Rua Belavista, à Graça, 93, rés-do-chão.

A velha senhora deslocou-se à Redacção do «DL» para contar que, daqueles mil escudos, tem de retirar 550 para a renda e 160 para comprimidos «Lediamox», receitados pelo médico. Feitas as contas, ficam-lhe «livres» 290 escudos, destinados à água, luz e alimentação. Diz-nos que o dinheiro não lhe chega e pede que a ajudem a sobreviver. O leitor quer dar uma mão?

Otelo vai ao Festival de Nancy

. Otelo Saraiva de Carvalho desloca-se a Nancy para participar numa sessão integrada no respectivo (e famoso) Festival de Teatro — soube o «D.L.» de fonte fidedigna.

Otelo estará naquela cidade francesa por ocasião de uma representação especial da América Latina, que este ano é um dos números de fundo do festival. O antigo comandante do COPCON tomará parte em debates políticos a propósito da referida representação. Etá também assegurada pela mesma ocasião, a ida a Nancy de uma delegação do Partido Socialista Francês.

RURAL ASSASSINADO

GNR detém patrão (suspeito)

. TORRES VEDRAS, 30 — A G.N.R. deteve o proprietário de uma herdade localizada perto da aldeia da Senhora da Glória neste concelho, suspeito de ter assassinado, por motivos laborais, o rural Bernardo José Vicente, de 55 anos, natural de Évora. O corpo da vítima, que apresentava sinais de estrangulamento, foi ontem encontrado dentro de um charco.

Há dias, Bernardo José havia sido despedido sem justa causa, após ter estado na União dos Sindicatos de Torres Vedras a apresentar queixa contra a forma como era tratado pelo patrão, que o obrigava a trabalhar sem qualquer remuneração suplementar todos os domingos e feriados. Aconteceu mesmo que, poucas horas antes de ele aparecer assassinado, o proprietário da herdade chegara mesmo a pôr-lhe as mãos ao pescoço, agredindo-o e ameaçando-o de lhe dar dois tiros, além de lhe ter chamado «ladrão» e apresentado queixa na G.N.R., argumentando que o trabalhador lhe roubara artigos da propriedade.

Esta manhã, em contacto com aquela corporação, foi-nos dito que «por conveniência no bom andamento das investigações «não se tornava oportuno divulgar a identidade do presumível assassino.

Adiado debate com Barreto

. Um esclarecimento do MAP, a propósito de um convite dirigido ao ministro Antônio Barreto para um debate público com os sindicatos agrícolas e trabalhadores das UCP's, informa que o titular da Agricultura e Pescas ainda não pôde realizar a referida reunião por motivos de doença.

Conforme noticiámos, o dr. Antônio Barreto foi há dias submetido a uma intervenção cirúrgica, encontrando-se ainda internado num estabelecimento hospitalar do Porto.

Petróleo: em 1976 importámos quase 6 milhões de toneladas

. Portugal importou em 1976 um total de 5 946 718 toneladas de petróleo, cerca de 7,4 por cento mais do que em 1975, em que a importação foi de 5 538 191 toneladas.

O Iraque, com 1 726 140 toneladas, foi o principal fornecedor, seguido da Arábia Saudita com 1 644 720 toneladas, do Irão, com 1 155 594, e da União Soviética, com 1 069 351 toneladas.

Os restantes fornecedores portugueses em 1976 foram a Líbia (135 785 toneladas), o Abu Dhabi (84 474), a Inglaterra (56 079), o Kuwait (39 924) e o Egipto (34 651).

UM Black & Decker PARA TODA A GENTE!

"FAÇA VOCÊ MESMO"... HOJE AINDA MAIS IMPORTANTE

CONSULTE JÁ O SEU REVENDEDOR Black & Decker

EMPRESA DE GRANDE EXPANSÃO

Admite para trabalhar em Lisboa ou acidentalmente nas áreas de Évora e Beja

— ENG.ºs CIVIS/OU ENG.ºs TÉCNICOS
— OFICIAIS SERRALHEIROS
— AJUDANTES DE SERRALHEIROS
— SOLDADORES
— MARCENEIROS (MONTADORES DIVISÓRIAS)
— ELECTRICISTAS

Oferece :

— REGALIAS SOCIAIS
— ALMOÇO GRÁTIS
— SEGURO DE GRUPO
— BOM AMBIENTE DE TRABALHO

Exige-se : Resposta com «curriculum» indicando entidade onde trabalhou ou trabalha, vencimento pretendido. Guarda-se sigilo.

Resposta a este jornal ao n.º 1940

"DL" NO CARROCEL DAS PICOAS

Meia hora de carro do Saldanha ao Marquês

Conforme noticiámos, entrou ontem em vigor a nova postura de trânsito para a área das Picoas, envolvendo directamente a circulação entre o Saldanha e a Praça Marquês de Pombal.

Horas depois, entre as 8 e as 9, começaria a provocar os primeiros engarrafamentos e o descontentamento dos condutores, a maioria dos quais se dirigia então para o trabalho. A medida, contudo, vinha sendo anunciada desde há tempos por causa das obras de ampliação da estação do metropolitano nas Picoas, que aumentarão o comprimento do cais daquela paragem por forma a que possa acolher seis carruagens, bem como a construção de uma passagem subterrânea.

Em parte, os engarrafamentos que esta manhã se verificaram entre o Saldanha e a Praça Marquês de Pombal, e vice-versa, ficaram mais a dever-se ao prévio desconhecimento do novo (e provisório) traçado que ao aumento de tráfego. É muito provável que nos próximos dias, e sobretudo nos dezasseis meses que se seguem — tantos quanto o período por que se prolongarão as aludidas obras — seja menor a confusão que nas «horas de ponta» é verdadeiro pandemónio. Uma equipa do «DL» esteve esta manhã no local, circulou nos dois sentidos entre o Marquês e o Saldanha, e para pouco mais de 400 metros gastou uma hora de carro.

As obras de ampliação do «Metro» nas Picoas ainda não começaram, mas as máquinas já lá estão, na Rua Andrade Corvo. O novo esquema não afecta os transportes públicos, as ambulâncias que seguem para a Maternidade Alfredo da Costa e os táxis para o hotel instalado defronte dos acessos à estação.

Para quem vai do Marquês para o Saldanha, uma tabuleta na Avenida Fontes Pereira de Melo é categórica ao indicar que deve cortar, à direita, na Rua Mártens Ferrão, seguir pela Rua Sousa Martins, atravessar a Andrade Corvo e retornar à Fontes Pereira de Melo, antes do Saldanha. Para quem vai do Saldanha para o Marquês (isto se não puder afastar-se do novo traçado), depois de 50 metros na Fontes Pereira de Melo, há o desvio, também à direita, pela Rua Pinheiro Chagas, a Rua Viriato até à perpendicular Marténs Ferrão (com a sobrecarga dos carros que circulam pelas ruas Tomás Ribeiro e Andrade Corvo, o reforço das viaturas que sobem a Rua de Santa Marta, e a entrada, de novo, na Fontes Pereira de Melo antes de chegar à Praça Marquês de Pombal.

Largo das Picoas: os transportes públicos vão beneficiar até Agosto de 1978 com o novo esquema de trânsito na área

Renovação da via férrea em Braço de Prata

Nos primeiros dias de Maio iniciam-se os trabalhos complementares à renovação da via férrea entre Braço de Prata e Santa Apolónia, que deverão prolongar-se por seis semanas e ser efectuados nos períodos compreendidos entre as 21.30 e as 5.30.

Os trabalhos consistem numa consolidação da via renovada, preparação das pistas laterais e construção civil. É provável que se venham a registar atrasos nas composições que circulem durante o período referido, na medida em que o trânsito de comboios se processará por via única. Neste sentido a CP apela para a compreensão dos utentes..

CARRIS – C. P. – METRO – RODOVIÁRIA NACIONAL – TRANSTEJO

PASSES SOCIAIS

1. Em conformidade com o comunicado já divulgado pelo Ministério dos Transportes e Comunicações através dos órgãos de Comunicação Social foi decidido alargar à C. P. o benefício do passe social.
Passa assim a vigorar também para a C. P., nos percursos entre Lisboa e Amadora, Cruz Quebrada ou Bobadela, o passe até agora válido para a CARRIS — METRO — R. N. (L-1), correspondendo à área da cidade de Lisboa e da primeira coroa.

2. Os passes intermodais em vigor a partir de 1 de Maio próximo são os seguintes:

a) CARRIS – METROPOLITANO

Válido dentro da cidade de Lisboa para autocarros, eléctricos, elevadores e metropolitano — 300$00

b) CARRIS – METROPOLITANO – TRANSTEJO

Com a mesma validade anterior e ainda para as seguintes carreiras fluviais da Transtejo:

— TERREIRO DO PAÇO — CACILHAS, CAIS DO SODRÉ — CACILHAS, BELÉM — PORTO BRANDÃO, BELÉM — TRAFARIA e TERREIRO DO PAÇO — SEIXAL — 500$00
— além destas, TERREIRO DO PAÇO — MONTIJO — 700$00

c) CARRIS – METROPOLITANO – C. P. – RODOVIÁRIA NACIONAL – TRANSTEJO

Válido dentro da cidade de Lisboa como em a) e fora dela numa primeira coroa definida externamente, na margem norte, por uma linha unindo as localidades ou paragens zonas situadas a uma distância de transporte rodoviário a que corresponde o preço simples de 4$00, englobando os troços e percursos das carreiras de autocarros e eléctricos de interesse local ou com características de exploração suburbana aí compreendidos e na margem sul (com términus no cais de embarque) para as seguintes carreiras fluviais da Transtejo: TERREIRO DO PAÇO — CACILHAS, CAIS DO SODRÉ — CACILHAS, BELÉM — PORTO BRANDÃO e BELÉM — TRAFARIA — 400$00

3. A requisição dos cartões e a venda dos bilhetes para o mês de Maio podem ser efectuadas nos seguintes locais e horas:

— *CARRIS* (das 8.30 às 20.00 horas):

Campo Pequeno, Estrela, Moscavide, Cam. — Ferro, Lumiar, Campolide, Algés, Pr. Chile, Benfica, C. Sodré, Gomes Freire, Graça, Areeiro, Poço Bispo, Rato, Marquês Pombal, Rossio, Sete - Rios

— *C. P.* (das 8.00 às 20.00 horas):
Estações do Rossio, St.ª Apolónia, Cais do Sodré, Amadora, Sacavém, Algés e Cruz Quebrada

— *METROPOLITANO* (8.30 às 20.00 horas nos dias 30 de Abril e 2 e 3 de Maio, e 9.00 às 19.00 horas nos restantes dias):

ESTAÇÕES:

Entrecampos — Tabacaria
Sete - Rios — Cabine
Rotunda — Tabacaria (Marquês de Pombal)
Restauradores — Loja (do lado do Cinema Eden)
Restauradores — Tabacaria (do lado do Cinema Condes)
Rossio — Cabine (do lado da Praça da Figueira)
Arroios — Tabacaria
Alvalade — Loja

— *RODOVIÁRIA NACIONAL* (9.00 às 12.00 e 13.00 às 19.00 horas de Segunda a Sexta-Feira):

Rua da Palma, 256
Rua Antero Quental, 5
Calçada do Desterro, 30
Odivelas
Sacavém
Queluz de Baixo
Venda Nova
Rua Jardim Regedor, 35
Praça Londres, 35
Praça Sete-Rios

— *TRANSTEJO* (13.00 às 21.00 horas de 2.ª a 6.ª feiras e 8.00 às 13.00 aos Sábados):

Terreiro do Paço (Cais da Alfândega)
Estação Fluvial de Belém
Estação Fluvial do Cais do Sodré

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

PUB

CONVOCATÓRIA

1. Em 12 de Fevereiro foi publicado o Decreto-Lei n.º 49-A/77 que proíbe aumentos salariais superiores a 15 por cento na revisão de contratos colectivos de trabalho, estabelecendo a nulidade de todas as cláusulas ou disposições em contrário e cominando sanções a quem as aplicar;

2. Em 15 de Março foi publicada uma portaria de revisão do CCT dos sectores de Moagem, Arroz, Massas e Alimentos Compostos para Animais que determinou aumentos salariais entre 22,58 por cento e 43,70 por cento, que, além de incomportáveis para as empresas, vêm provocar flagrantes desigualdades entre trabalhadores;

3. Perante tão evidente violação da Lei, as empresas, como era seu dever, não cumpriram aquelas disposições e, de imediato, interpuseram recurso para o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, sem que, até hoje, tenham recebido qualquer resposta;

4. A falta de esclarecimento do assunto causou já paralisações nas empresas entre os dias 4 e 20.

5. As associações signatárias, conscientes da impossibilidade em que a indústria se encontra para suportar os encargos resultantes da portaria, vêm, por este meio, convocar as empresas dos sectores abrangidos para um plenário que terá lugar no próximo dia 4 de Maio, pelas 15 horas, na Rua de Santo Amaro à Estrela, n.º 49-A, em Lisboa.

Lisboa, 29 de Abril de 1977

Federação Portuguesa dos Industriais de Moagem
Associação Nacional dos Industriais de Arroz
Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais
Associação dos Industriais de Massas Alimentícias, Bolachas e Chocolates

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO SUL E ILHAS ADJACENTES

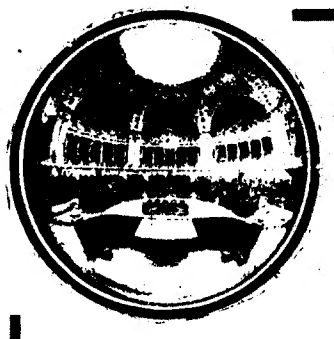
1.º DE MAIO

Convidam-se todos os Trabalhadores Gráficos a concentrarem-se junto à estátua de António José de Almeida (Casa da Moeda), pelas 13 horas, a fim de tomarem parte no desfile.

Os Gráficos venceram durante o fascismo a batalha do 1.º de Maio.

Apesar das pretensões do Governo, não abdicaremos, o dia 1.º de Maio é e continuará a ser o dia dos Trabalhadores.

A DIRECÇÃO



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Sobre a via "pouco original" do regresso ao capitalismo

«É um dos mais importantes — se não a mais importante — de todas as propostas e projectos de lei até agora apresentados à Assembleia» — sublinharia logo no início da sua intervenção o deputado Vital Moreira (PCP), referindo-se à proposta de lei «sobre a definição dos sectores vedados à iniciativa privada», cujo debate começou ontem no hemiciclo.

O diploma proposto, «cozinhado» entre os dirigentes do PS e do PSD-PPD é de transcendente importância para o rumo da sociedade portuguesa. Dele resultará se vamos caminhar para o socialismo ou se vamos ter de regresso a exploração capitalista, pois — acentuaria aquele deputado — tal diploma «implica uma clara opção quanto ao sistema económico e quanto ao seu desenvolvimento», além de estar «directamente ligado às restantes conquistas da Revolução» e à «própria subsistência do regime democrático constitucional».

E Vital Moreira começou por dar um primeiro exemplo. O seguinte: o artigo 9 da citada proposta de lei permitiria que entre as *dezenas* de empresas (directamente nacionalizadas) que poderiam voltar à exploração capitalista, se contariam a Rodoviária Nacional, Inatur, Setenave, Estaleiros de Viana do Castelo, Covina, Tabaqueira, Porto e Aeroporto de Lisboa, Sociedade Central de Cervejas, Companhia de Transportes Marítimos, Campanha Nacional de Navegação, Companhias de Pescas, Pirites Alentejanas Celnorte e a Celtejo (hoje integradas na Portucel).

«FASCISMO-MONOPÓLIOS»

Mas a questão pode ir ainda mais longe, e assumir maior gravidade, porque — considerou também o deputado do PCP — a proposta «admite (art.º 5.º) a penetração do capital estrangeiro em sectores básicos «vedados», incluindo a refinação de petróleo, a Petroquímica, a Siderurgia e os adubos; e sobretudo porque em relação aos dois sectores-chave que são a banca e os seguros, deixa fendas abertas. «tão largas que põem seriamente em causa a reserva da actividade bancária para o sector público».

Noutro ponto da sua extensa e importante intervenção (interrompida por exceder o tempo regimental), Vital Moreira recordou aos restantes deputados que «há uma ligação orgânica entre o fascismo e o domínio pelos monopólios dos sectores fundamentais da economia» e que «o fascismo foi precisamente o domínio terrorista do capital monopolista e dos latifundiários associados ao imperialismo».

Sublinhou também que «o desenvolvimento da Revolução (de Abril) veio mostrar claramente que existe uma ligação orgânica entre democracia e a destruição do domínio capitalista monopolista», ou que, «não foi por acaso, ou por simples vontade de nacionalizar que se fizeram as nacionalizações e se eliminou o poder dos monopólios em Portugal. Não foi por acaso que a Constituição consagrou as nacionalizações e as tornou irreversíveis, exigindo a delimitação de sectores básicos vedados à iniciativa privada».

«A proposta de lei em discussão — salientaria ainda aquele deputado — conduz directa e necessariamente à recuperação capitalista de empresas e sectores nacionalizados e de sectores básicos da economia nacional, traduz-se numa restauração do modo de produção capitalista em domínios de que fora afastado». Isto é tão flagrante e tão evidente que nem os próprios defensores da proposta procuram disfarçar — diria ainda Vital Moreira referindo-se à intervenção de Rebelo de Sousa PSD-PPD) que abrira o debate com o argumento de que «uma certa recuperação capitalista» sempre será necessária e sempre constituiria um custo menor da «recuperação económica»...

A «via original de avanço para o socialismo democrático» de que se reclamam — concluiria o deputado do PCP — transforma-se rudemente naquilo que verdadeiramente é: uma «via (nada) original de regresso ao capitalismo (s) em democracia».

Vital Moreira: diploma «defende recuperação capitalista»

Sousa Gomes: Governo abandona proposta inicial

Amaro da Costa: diploma devia ir mais longe

CDS: MAIS AINDA

Sousa Gomes, ministro do Plano, esteve alguns minutos na Assembleia. Limitou-se a anunciar (já todos o sabiam) que o Governo renunciava à sua proposta inicial, substituída pelo diploma saído do acordo entre o PS e PSD-PPD. Depois desceu, calmamente, as escadas de S. Bento em direcção ao respectivo ministério. Cá fora, ao fundo das escadas, trabalhadores da EIP (Electricidade Industrial de Portugal) reclamavam a atenção do Governo e deputados para a situação em que se encontravam: sem salários há dois meses e com o respectivo empresário (o tal da iniciativa privada) bem instalado na Venezuela onde à custa de dinheiro português montou nova empresa.

A intervenção de Amaro da Costa (CDS) sobre a proposta do PSD-PS apenas teve o mérito de revelar até onde pretendem ir os «democratas do centro social». Para o n.º 2 do CDS o diploma ainda é curto, ou melhor, devia ser mais claro. Devia permitir já a iniciativa privada na actividade bancária e seguradora.

Protestou, ainda com alguma lógica, face à «discriminação» do diploma em relação aos investidores privados portugueses em detrimento dos estrangeiros. Fartou-se de citar o discurso de Eanes para defender que a «recuperação da economia e a absorção do desemprego exigem uma forte dinamização da iniciativa privada», e exigir o pagamento das indemnizações pelas nacionalizações.

Uma nota: o debate foi iniciado por um deputado do PPD, a defender a nova proposta governamental. No dia anterior, um deputado do mesmo partido requeria à Secretaria de Estado da Comunicação Social das razões que levam o Governo a adiar a definição da recém-aprovada Empresa Pública de Publicidade. Contradições!...

E.A.

Mário Soares retido em Paris por uma greve

Deve chegar ao princípio da tarde a Lisboa o dr. Mário Soares, acompanhado pelo ministro Medeiros Ferreira.

Ambos os membros do Governo participaram em Estrasburgo na reunião da Assembleia Parlamentar da Europa, tendo ficado retidos ontem em Paris devido à greve que se regista naquele país.

Entretanto os deputados do PS Salgado Zenha, Jaime Gama e Rudolfo Crespo regressam também hoje a Portugal, ficando os dois primeiros no Porto para assistir ao Encontros dos Sindicalistas do Partido Socialista.

Ao mesmo tempo foi anunciado que já está prevista nova deslocação do dr. Mário Soares ao estrangeiro. No próximo dia 7 de Maio, como secretário-geral do PS, Mário Soares, participará em Madrid na Conferência dos Partidos Socialistas da Europa do Sul.

Ordem dos Médicos em Conselho de Ministros

. PORTO, 30 — O estatuto da Ordem dos Médicos será discutido no próximo Conselho de Ministros — afirmou ontem no Porto o secretário de Estado da Saúde dr. Paulo Mendo, que esteve presente num colóquio sobre a medicina comunitária, efectuado no Ateneu Comercial, por iniciativa da Liga dos Amigos do Hospital de Santo António.

O dr. Paulo Mendo disse ainda que o Estatuto do Médico será igualmente presente ao Conselho de Ministros dentro de pouco tempo. Ambos os diplomas foram elaborados a partir de documentos apresentados pela Ordem dos Médicos.

Farmácias do Porto adiam boicote à Previdência

. PORTO, 30 — Face, a um pedido da Federação dos Serviços Médico Sociais, as farmácias deste distrito decidiram adiar a recusa de aviamento de receitas da Previdência até terça-feira próxima. Com efeito está marcada para aquele dia uma assembleia da Associação de Farmácias para análise da situação e decisão final. Entretanto, está prevista para segunda-feira uma resposta do Conselho de Gestão dos Serviços Médico-Sociais à exigência de satisfação das dívidas existentes. Será em função dessa resposta que os proprietários das farmácias vão decidir.

Conforme nos afirmou, esta manhã um membro da Associação de Farmácias, nenhum estabelecimento recebeu as receitas «aviadas em Fevereiro, num total de 34 mil contos, e alguns têm, ainda, a receber 14 mil contos, de Janeiro. Na assembleia de terça-feira prevê-se a presença de elementos da Associação de Farmácias de Aveiro que se encontram «em pior situação» pois nem receberam o receituário despachado em Dezembro.

Recorde-se que, anteontem, o Sindicato dos Profissionais de Farmácia manifestou-se contra o boicote à Previdência decidido pelos proprietários.

C.M. do Porto analisa problema habitacional

. PORTO, 30 — Na sua reunião ordinária de ontem a Câmara Municiapl debruçou-se sobre o problema habitacional da região, tendo posteriormente anunciado a abertura de concursos para a construção de 157 casas em Ramalde de Meio e de 80 na área do Pereiro.

Decidiu ainda a Câmara do Porto a adjudicação das obras de infra-estruturas referentes à construção de um maior parque habitacional na zona do Viso. Por outro lado a ampliação das escolas primárias n.ºs 24 e 25, na zona de Cedofeita, não foi esquecida, bem como a necessidade de proceder a obras de arranjo de algumas artérias principais da cidade, em estado deficiente.

CONTINUA A
CAMPANHA DE ABRIL
NAS 15 LOJAS DOS
armazéns do CONDE BARÃO
COM PREÇOS DE ARRASAR

CORTES-FATO EM TERYLENE PARA HOMEM 2,90 CADA CORTE 185.
TAFETÁ TERYLENE PARA VESTIDOS COM 1,50 LARGO 59.50
CAMISOLAS TECHARTES UNI SEXO 29.50
POPELINES ESTAMPADAS NÃO HÁ MELHOR 29.50
PANO LENÇOL TERYLENE COM 2,00 LARGO 89.50
PANO LENÇOL CASCA D'OVO 2,00 LARGO 69.50
MALHA LISA E ESTAMPADA COM 0,90 LARGO 29.50
PIJAMAS POPELINE PARA HOMEM SÃO BONS 198.
JOGOS CAMA PADRÕES DE SONHO COM 20% DESCONTO
PANO LENÇOL ESTAMPADO MERCERIZADO 2,00 LARGO 69.50
FATOS BANHO BIKINIS AS MELHORES MARCAS A MELHOR QUALIDADE
VOIL BORDADO PARA CORTINADOS DESENHOS DE SONHO PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

UM MUNDO DE ARTIGOS
COM PREÇOS DE ARRASAR
POUPANÇA TEM UM CAMINHO
NAS 15 LOJAS DOS
armazéns do CONDE BARÃO

METALÚRGICA E METALOMECÂNICA

UM SÓ PAÍS!
UM SÓ CONTRATO!
UMA SÓ LUTA!

CONTRATO COLECTIVO VERTICAL NACIONAL

UNIDOS VENCEREMOS!

— CONTRA O DIVISIONISMO!
— CONTRA A FOME E A MISÉRIA!
— CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA!
— EM FRENTE NA DEFESA DAS CONQUISTAS ALCANÇADAS!

FARTOS DE ESPERAR OS TRABALHADORES DA METALURGIA E METALOMECÂNICA EXIGEM A RESOLUÇÃO RÁPIDA DO CONFLITO LABORAL QUE SE ARRASTA HÁ VÁRIOS ANOS EM CONSEQUÊNCIA DE BOICOTES E MANOBRAS DELATÓRIAS PROVOCADAS PELO PATRONATO SABOTADOR.

BASTA DE REUNIÕES! GASTOU-SE TEMPO MAIS QUE SUFICIENTE PARA A REVISÃO TOTAL DAS VÁRIAS CONVENÇÕES COLECTIVAS EXISTENTES NA METALURGIA E METALOMECÂNICA NOMEADAMENTE A DOS METALÚRGICOS E DOS ESCRITÓRIOS DE 72 e 73.

Passados longos meses em negociações.

Esgotada a chamada conciliação.

Esgotados os últimos dias previstos pelo Ministério do Trabalho para a via administrativa. Estão ultrapassados todos os recursos ao nosso alcance para a resolução pacífica do conflito.

NINGUÉM NOS PODE ACUSAR DE FALTA DE MODERAÇÃO!

Esperamos que se venham a cumprir os compromissos assumidos pelo Secretário de Estado do Trabalho perante a Comissão Sindical de Negociações.

Camarada da Metalurgia e Metalomecânica, o patronato explorador sentindo as costas quentes avança descaradamente para novas provocações aos trabalhadores. Posta a viabilidade de um Contrato Colectivo de Trabalho constituido pela matéria livremente acordada entre as partes, o patronato recusa-se a ssinar esse contrato invocando demagogicamente legislação em vigor promulgada pelo Governo.

Três anos passados sobre a gloriosa manhã de 25 de Abril o patronato que nada mais faz do que explorar o trabalho dos outros, continua como no tempo do fascismo a proteger-se nos decretos-lei para impunemente explorar, reprimir e violentar os homens e mulheres que criam a riqueza do País e constroem já um Portugal novo.

Camaradas está concluído o trabalho das Subcomissões Técnicas (Enquadramento Profissional e Automóveis — Cutelarias) constituídas por representantes de vários Ministérios, do patronato e dos trabalhadores.

No essencial o balanço dos resultados desse trabalho é negativo para os trabalhadores, o que não nos surpreende.

Uma vez mais o patronato utilizou a mentira, a demagogia e manobras de pressão junto dos representantes do Governo com o fim de lesar milhares de trabalhadores. Também neste processo os patrões tentam a recuperação capitalista através de uma descida do nível profissional relativamente áquele já consignado na PRT em vigor e não só, mas também em Contratos anteriores.

O parecer dos técnicos representantes dos vários Ministérios relativamente ao enquadramento é desfavorável aos trabalhadores em muitas profissões. Esse parecer é contestado pela Comissão Sindical de Negociações porque não se apoia em bases científicas nem tão pouco num estudo ou conhecimento profundo das profissões da Metalurgia e Metalomecância e das condições de trabalho aí existentes.

A COMISSÃO SINDICAL NÃO SE VINCOLOU NEM VINCULARA A QUALQUER PARECER OU DECISÃO QUE PREJUDIQUE OS TRABALHADORES.

Entretanto faltam dois dias para acabar o prazo indicado no despacho e várias questões importantes não estão ainda definidas.

O Ministério do Trabalho tem ainda que se pronunciar sobre as cláusulas referentes a:

— Despedimentos
— Vigência
— Controle Operário
— Delegados à Previdência

e o Ministério da Indústria pediu no início desta semana que se interrompessem os trabalhos para ir estudar o sector. Cabe ao Ministério da Indústria a responsabilidade de apresentar uma proposta para as tabelas salariais.

A COMISSÃO SINDICAL NÃO PODE COMPREENDER COMO É QUE O MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA, QUE FAZ PARTE DA COMISSÃO TÉCNICA, SÓ NA ÚLTIMA SEMANA DE TRABALHO SE TENHA RESOLVIDO A INICIAR UM ESTUDO DO SECTOR.

A Comissão Sindical responsabiliza este Ministério pelos problemas que poderão surgir por os trabalhos não estarem concluídos na data indicada.

A COMISSÃO SINDICAL solicitou já entrevistas ao Ministério do Trabalho e ao Ministério da Indústria e Tecnologia para discutir os problemas que se estão a levantar.

A COMISSÃO SINDICAL DEFENDE E DEFENDERÁ INTRANSIGENTEMENTE AS JUSTAS REIVINDICAÇÕES DA SUA PROPOSTA.

CABE AO MINISTÉRIO DO TRABALHO CUMPRIR AS SUAS PROMESSAS E RESPEITAR OS DIREITOS DOS TRABALHADORES.

Com expectativa e impaciência os trabalhadores esperam as decisões desse Ministério quanto à resolução de tão grave conflito laboral como é o da Metalurgia e Metalomecânica. No caso de não serem respeitadas as conquistas e direitos dos trabalhadores e satisfeitas as suas justas reivindicações teremos de recorrer a novas formas de luta contra o patronato explorador e o Ministério do Trabalho, tornado seu aliado e protector.

Camaradas da Metalurgia e Metalomecânica estejamos alerta e vigilantes e preparados para tomar uma posição firme em defesa dos nossos interesses, isto é em defesa do pão de quem trabalha.

Os undamentos do 25 de Abril, a Constituição da República Portuguesa e a RAZÃO estão do lado dos trabalhadores, estão do lado dos explorados.

Por isso se for ignorada a RAZÃO, não hesitaremos!...

EM FRENTE NA DEFESA DO PÃO DOS NOSSOS FILHOS!

EM FRENTE PELO CONTRATO COLECTIVO VERTICAL NACIONAL!
UNIDOS LUTAREMOS, UNIDOS VENCEREMOS!
Lisboa, 28 de Abril de 1977

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL

PREVIDÊNCIA

Novas formas de luta pela revisão do CCTV

Os trabalhadores das Instituições de Previdência mostram-se dispostos a encetar formas de luta mais avançadas, no caso de o Ministério dos Assuntos Sociais continuar a recusar-se à revisão do seu CCTV. Aquelas formas envolvem uma concentração marcada já para o próximo dia 18 de Maio, formação de grupos de apoio à Comissão Negociadora Sindical e um plenário, no dia 19, com a participação dos sindicatos subscritores, comissões de trabalhadores e delegados sindicais, com vista a análise do comportamento da Secretaria de Estado da Segurança Social. Se, até lá não houver qualquer resposta deste departamento às pretensões dos trabalhadores, estes deverão decidir sobre a adopção de novas formas de luta que poderão incluir a greve progressiva.

Segundo o que foi declarado na conferência de Imprensa, dada ontem pela Comissão Sindical Negociadora, na sede da Federação dos Sindicatos dos Escritórios, o contrato, publicado em Junho do ano passado e válido por 12 meses, previa, na cláusula 171, que as partes contratantes se comprometiam a fazer uma reunião extraordinária em Janeiro deste ano. Depois de ter notificado, em Outubro, a Secretaria de Estado, a Federação dos Sindicatos dos Escritórios, maioritária no processo, entregou em Janeiro, naquele departamento do Governo, a sua proposta de revisão extraordinária do CCT. A Secretaria de Estado respondeu que não tinha competência para proceder a qualquer negociação ou revisão.

Face a esta recusa, realizaram-se plenários de trabalhadores em todos os distritos, preparatórios de um plenário nacional, que decorreu nos passados dias 27, 28, 29. A Comissão Negociadora Sindical foi então mandatada para contactar com os diversos órgãos do poder. Os trabalhadores presentes votaram, por outro lado, o calendário de luta atrás enunciado.

15 POR CENTO É MANOBRA

No decorrer da conferência de Imprensa, a CNS desmentiu um hipotético aumento de 15 por cento que o Governo estaria a preparar, à semelhança do que fez para a Função Pública. «Boato sem fundamento, destinado a desmobilizar a classe» — assim classificou a CNS as notícias postas a circular sobre este assunto.

Estão empenhados neste processo, além da Federação dos Escritórios, um conjunto vasto de sindicatos, interessando a cerca de 26 mil trabalhadores a revisão do CCTV exigida ao Governo.

POR CAUSA DA GREVE

Venezuela expulsa operários portugueses

O Governo venezuelano deu ordem de expulsão a 30 trabalhadores portugueses, parte de um grupo de 273 ali em serviço, ocupados na construção de uma obra siderúrgica. As razões invocadas no comunicado distribuído na Venezuela dizem que os trabalhadores portugueses violaram «os termos do contrato de trabalho dez dias depois de este ter entrado em vigor».

Em Lisboa, interrogado pela ANOP o secretário de Estado da Emigração, João Lima, afirmou que «a questão teve origem num equívoco da parte dos trabalhadores portugueses em relação a aumentos salariais, os quais não estavam previstos no contrato que assinaram por um ano».

O mesmo membro do Governo português declarou que está convencido de que o incidente registado na Venezuela não irá afectar as boas relações entre os dois países nem o afluxo de emigrantes portugueses áquele país.

Cerca de 260 trabalhadores portugueses tinham entrado em greve há cerca de duas semanas, lutando por melhorias salariais. Segundo João Lima, «a Embaixada portuguesa recebeu de imediato instruções para acompanhar o caso juntamente com as autoridades venezuelanas e foi possivel pôr termo à questão, regressando à actividade a grande maioria dos envolvidos».

No entanto, prosseguiu aquele secretário de Estado», um pequeno grupo de trabalhadores manteve-se em greve pelo que foram expulsos». De acordo com as mesmas afirmações, ao abrigo da lei venezuelana, os trabalhadores estrangeiros só poderão usufruir de direitos sindicais, incluíndo a greve, após dez anos de residência no país».

Eleições para CT na "Notícias-Capital"

«A EPNC vive, neste momento, uma das fases mais críticas da sua existência, à qual os trabalhadores terão de responder com eficiência e lucidez. Para tanto, urge eleger os seus órgãos representativos, no caso, a Comissão de Trabalhadores». Assim se exprime no preâmbulo do seu programa, a lista B unitária, candidata nos dias 3, 4 e 5 de Maio, às eleições para a CT da Empresa Pública Notícias-Capital, proprietária dos jornais «Diário de Notícias» e «A Capital», com a sigla «Unidade na Acção — A Força dos Trabalhadores».

Como é provado, a Comunicação Social é uma poderosa arma na luta de classes. Ela deve estar — numa sociedade apontando para o Socialismo — do lado dos trabalhadores e das suas organizações de classe. Daí a importância de uma Comissão de Trabalhadores viva e actuante por todos os sectores da empresa (...)», prossegue a Lista B no preâmbulo, apontando em seguida os direitos e garantias dos trabalhadores reconhecidos na Constituição Portuguesa: direito ao trabalho e à segurança no emprego; proibição dos despedimentos sem justa causa; direito à greve; proibição do «lock-out»; direito das classes trabalhadoras e das suas organizações na definição, controlo e execução do plano de todas as grandes medidas económicas e sociais; direito das Comissões de Trabalhadores participarem na elaboração das leis de trabalho; direito das Comissões de Trabalhadores intervirem na reorganização das unidades produtivas e na elaboração dos planos económico-sociais que contemplem o respectivo sector.

Os 9 componentes da lista B comprometem-se, de acordo com os Estatutos já aprovados, a desenvolverem a sua acção imediata num programa que vise a «defesa de direitos e a resolução de problemas de âmbito diverso», e cujas alíneas fundamentais são: Uniformização salarial; Garantia dos postos de trabalho; Igualização de horários; Participação na reestruturação da Imprensa estatizada; Diminuição do defice da empresa; Controlo de gestão; Não ao quadro de adidos; Acção social e Unidade e participação de todos os trabalhadores.

Subscreveram a lista de apoio à lista candidata B 325 trabalhadores da Empresa Pública Notícias-Capital.

TOMÉ FETEIRA RECEBEU

Tribunal ordenou o que o MIT recusa

Os trabalhadores da fábrica de limas Tomé Feteira, concentrados junto da agência do Banco Pinto e Sotto Mayor, em Leiria, conseguiram após várias horas de conversações e munidos de um documento emitido pelo Tribunal Judicial da Marinha Grande, conseguiram ontem receber os 4500 contos necessários para o pagamento dos salários do mês que hoje termina e de atrasados.

As dificuldades ontem verificadas no levantamento daquele numerário ficaram a dever-se ao facto de a agência bancária não ter considerado suficiente o documento apresentado, emitido como dissemos pelo Tribunal Judicial. Dois advogados, um dos trabalhadores e outro do Sindicato dos Metalúrgicos, conseguiram remover os obstáculos, tendo o pagamento sido efectuado por volta das 19 horas.

Grande parte dos 600 trabalhadores da Tomé Feteira que se haviam deslocado a Leiria, recebeu a notícia com gritos de «Vitória, vitória». Antes, tinham sido gritados outros «slogans», como «O dinheiro é nosso» e «Queremos dinheiro para comer». Juntamente com os trabalhadores compareceram no local numerosos populares e uma força da PSP não se assinalando quaisquer incidentes.

O caso da Tomé Feteira continua em suspenso, como temos noticiado, em consequência da desintervenção ordenada pelo Governo no fim do mês de Março. No entanto, embora a respectiva Comissão de Gestão tenha abandonado a empresa, o patrão a quem a empresa foi devolvida também ali não compareceu, o que aliás é recusado pelos operários.

1.º de Maio: grande jornada unitária no "Dia Mundial do Trabalhador"

. As comemorações do 1.º de Maio de 1977, o quarto vivido em liberdade pelos nossos trabalhadores após a queda da ditadura salazarista-marcelista, serão, tudo o indica, mais uma grande jornada do povo português na luta da recuperação da nossa economia, mas não da recuperação capitalista.

De facto, integrados nas respectivas comissões organizadoras das comemorações do 1.º de Maio, a nível distrital, a quase totalidade dos sindicatos portugueses, filiados ou não na Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional, deu o seu apoio à grande jornada unitária que foi preparada.

As comemorações deste ano já foram iniciadas no dia 26, mas o auge será atingido com a grande concentração que amanhã se deverá efectuar no estádio 1.º de Maio, com um duplo objectivo, segundo salienta o Secretariado da CGTP-IN: «luta contra a exploração e a injustiça ainda existentes e de regozijo pelas vitórias já alcançadas.

No entanto, os acontecimentos poderão ficar «ensombrados» com a posição que a RTP adoptou em relação à cobertura a dar ao «Dia Mundial do Trabalhador», particularmente à concentração prevista para Lisboa.

Refugiando-se na promessa de que dará, às comemorações, relevo de acordo com a sua importância, a administração da nossa única empresa (pública) de Televisão recusa-se a atender as pretensões do Secretariado da Intersindical Nacional, no sentido de que se fizesse uma transmissão directa, a exemplo do que tem sido feito em anos anteriores.

A CGTP, que já se reuniu com a administração da RTP, não conseguiu, na verdade, até agora ver assegurado o direito constitucional de tempo de antena, que aliás, está consagrado na Constituição da República.

A posição da administração da RTP, agora presidida por Edmundo Pedro, membro da Comissão Nacional do Partido Socialista, parece assim corresponder, na prática, à posição assumida por este Partido que se dissociou das manifestações previstas para amanhã, aproveitando para reunir no Porto, em encontro nacional, os seus sindicalistas.

Arrastando consigo a «Carta Aberta», que o representa no campo sindical, o Partido Socialista deverá propor neste encontro a constituição de uma Federação de Sindicatos Democráticos, que na verdade corresponde à formação de uma segunda central sindical.

Correspondendo às teorias de Maldonado Gonelha, actual ministro do Trabalho, esta proposta poderá no entanto vir a suscitar viva controvérsia durante a reunião aprazada pelas consequências práticas que tem.

APELO AOS ESTUDANTES

. A União dos Estudantes Comunistas, por seu turno, em comunicado agora difundido saúda «calorosa e entusiasticamente a classe operária e todos os trabalhadores portugueses, principal força da transformação económica, política e social da sociedade portuguesa no caminho do socialismo, pela sua luta em defesa da liberdade e das conquistas da Revolução».

«Participando massivamente nas comemorações unitárias deste dia de gloriosas tradições de luta dos trabalhadores, os estudantes afirmarão a sua combatividade e firmeza na luta pela defesa das conquistas alcançadas nas escolas» — afirma o comunicado da UEC.

Assim, de acordo com essa posição, o dia de amanhã será no campo estudantil, uma jornada «contra a reacção e a violência fascista, contra a recuperação obscurantista e pela democratização do ensino, pelo direito à instrução e à cultura, contra os «numerus clausus» e outras formas de selecção, pelo direito a uma saída profissional e ao trabalho».

MDM SAUDA

. Também o Movimento Democrático das Mulheres, na sua condição de movimento antifascista, «sauda neste dia as massas laboriosas pelas profundas conquistas alcançadas durante três anos de Revolução». A saudação é também dirigida a «todas as mulheres que abnegadamente contribuiram para o fim da opressão e exploração de que elas foram as principais vítimas durante 48 anos de fascismo».

E acrescenta: «Neste momento, em que as grandes conquistas do 25 de Abril estão novamente ameaçadas, contribuindo para isso, o escandaloso aumento do custo de vida, não sendo este acompanhado de aumentos salariais, a ofensiva contra a Reforma Agrária, a ameaça constante de desemprego, que incide principalmente nas mulheres, os ataques bombistas, devem todos os trabalhadores cerrar fileiras através de uma cada vez maior unidade para porem termo ao avanço das forças interessadas no retorno do fascismo».

FUT: A LUTA

. Na sequência das posições sobre o 1.º de Maio, que temos vindo a publicar, salientamos hoje a da BASE-FUT, que entende esta data como sendo um dia de luta e não de festa.

Esta organização entende que as lutas são contra as tentativas de pôr de novo a economia portuguesa ao serviço dos grandes interesses internacionais contra a perspectiva governamental de que a recuperação da economia em Portugal passa pela submissão às condições que o capitalismo internacional impõe, contra o regresso dos patrões sabotadores, etc.

PROGRAMA PARA HOJE

. O programa das comemorações prevê para hoje:

· — em *Lisboa:* às 15 horas, Festa da Juventude, na Metalúrgica Luso-Italiana, com colóquio sobre «Sindicalismo e 1.º de Maio» e uma parte cultural, com a participação do «Teatro Ensaio», e canto livre, com Adriano Correia de Oliveira, José Jorge Letria e o conjunto «A Mesma Luta»;

· — em *Aveiro:* cinema no Salão do Sindicato dos Cerâmicos, com exibição do filme «O Sal da Terra»;

· — em *Coimbra:* entre outras manifestações, abertura do Mercado do Povo, teatro infantil e apresentação da Escola de Música do Inatel, à tarde; à noite, realização de uma estafeta à volta da cidade e exibição, no Parque da Cidade, dos filmes «Ática» e «Terra sem Pão»;

· — no *Algarve:* cinema em Albufeira, teatro pelo Grupo de Messines em Loulé, teatro e poesia popular (quadras de António Aleixo, em Tavira;

· — no *Porto:* teatro infantil, apresentação do orfeão da Fac. de Letras de Coimbra e concerto pela banda de Infantaria, a partir das 15 horas na Praça General Humberto Delgado; atletismo para trabalhadores no Estádio do Inatel, a partir das 17 horas; à noite, festival folclórico na Praça General Humberto Delgado;

· — em *Viana do Castelo:* no Jardim Público, pintura e teatro de fantoches para crianças, à tarde; na Associação Nuno Álvares, realização às 15 horas, de um Festival da Juventude; pelas 21.30 horas, na Praça da República, convívio e festa com canto livre e teatro pelo Grupo «Gruta»;

· — em *Viseu*: esta noite, teatro, com os Grupos «Teatro Popular de Louzelas e Teatro do Campo de Viriato»;

· — em *Santarém:* venda de produtos agrícolas; teatro infantil no Largo do Seminário e projecção de filmes alusivos ao 1.º de Maio no Inatel; à noite, arraial;

· — em *Torres Novas:* pinturas murais e colocação de jornais de parede alusivos ao Dia do Trabalhador e as conquistas operárias;

· — em *Almada:* colóquio sobre a «Reforma Agrária», no Monte da Caparica; provas desportivas no Campo do Pragal, às 15 horas, precedidas de desfile; colóquio sobre sindicalismo e controlo operário, às 21 horas, no Pragal.

AMANHÃ, 1º DE MAIO

— em *Lisboa:* ciclismo — prova «1.º de Maio», com início em Paço de Arcos às 9 horas e chegada ao «Estádio 1.º de Maio»; com chegada ao mesmo Estádio, realiza-se uma prova de atletismo que terá início às 9.30 horas nos Restauradores. Decorrerão, entretanto, durante toda a manhã, naquele recinto, provas desportivas diversas; pelas 13.30 horas, inicia-se a concentração de trabalhadores na Alameda D. Afonso Henriques, iniciando-se, às 15 horas, o grande cortejo que se dirigirá ao «Estádio 1.º de Maio, onde terá lugar, pelas 17 horas, a manifestação-comício com que culminarão as celebrações no âmbito dos distritos de Lisboa e Setúbal;

· Manifestações, concentrações e desfiles, colóquios, provas culturais e desportivas terao lugar por todo o País. A sua enumeração exaustiva não caberia neste espaço.

No distrito de *Aveiro*, o 1.º de Maio será especialmente celebrado em Aveiro, São João da Madeira e Águeda.

Em *Beja*, haverá, de manhã, um desfile pelas ruas da cidade, com máquinas agrícolas e industriais e, à tarde, concentração e comício no Estádio Municipal; em Aljustrel, no Sindicato dos Mineiros terá lugar, uma sessão precedida de desfile.

Em *Braga*, Guimarães, Fafe, Famalicão e Barcelos, um completo programa de celebrações será levado a cabo, ocupando o dia inteiro. O mesmo acontecerá na cidade de *Coimbra*, onde, pelas 16.30 horas, no Estádio Municipal, terá lugar um comício durante o qual será apresentado o novo Secretariado da USC. As comemorações em *Évora* envolvem aspectos idênticos às de Beja e alargar-se-ão a Montemor-o-Novo e Borba.

No *Algarve*, manifestações de diversa índole terão lugar em Silves, Faro, Loulé, Portimão, Vila Real, Tavira e Albufeira. Na *Guarda*, decorrerão manifestações desportivas culturais e convívios de trabalhadores. Em *Portalegre*, as manifestações principiam às 11 horas e no âmbito do distrito, abrangem ainda Campo Maior, Avis, Ponte de Sôr.

No *Porto*, o ponto alto das celebrações será o comício, precedido de desfile, pela defesa dos direitos e conquistas dos trabalhadores.

Viana do Castelo, Vila Real, Chaves, Viseu, Lamego, Mangualde, Covilhã, Vila Velha do Ródão, Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Leiria, Castanheira de Pêra, Vieira, Valado de Frades, Caldas da Raínha, Peniche, Mira d'Aire, Marinha Grande, Santarém, Torres Novas, constam também de uma lista cuja extensão não nos permite enumerar completamente.

O 1.º de Maio, será, tudo o indica, uma grande jornada de luta pela defesa das conquistas do 25 de Abril, pela recuperação da economia, ao serviço dos trabalhadores.

CINEMAS FECHADOS

Os cinemas não funcionam amanhã, 1.º de Maio, para «permitir aos trabalhadores desta actividade participar nos festejos deste dia», informa, em comunicado distribuido à Imprensa, o Sindicato da Actividade Cinematográfica.

O comunicado acrescenta que tal decorre do disposto no respectivo Contrato Colectivo de Trabalho.

Retrospectiva

1.º de Maio: marco histórico no movimento do proletariado mundial que tem tou reduzir-lo em muitos países.

Foi em 1884, na sua costumada conferência anual que a Federacão dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canadá efectuada na cidade de Chicago, proclamou o primeiro 1.º de Maio de 1886, com um apelo à greve que consumava a reivindicação pelas oito horas de trabalho diário.

O 1.º de Maio teria aí os seus primeiros mártires, «os mártires de Chicago», como ficaram a ser conhecidos os operários presos e mortos na sequência das greves então desencadeadas.

Em 1889, o Congresso Socialista em Paris, declararia o 1.º de Maio como uma jornada de luta internacional. Presente a este Congresso, Portugal inscreveu-se, assim, entre os países que o adoptaram à nascença.

Nas cinco décadas do fascismo, o 1.º de Maio tornou-se um alvo muito especial da P.I.D.E. e seus «auxiliares». Não raro, o Governo salazarista e depois o marcelista, ordenavam prisões em massa dias antes daquela data, no intuito de decapitar a movimentação operária.

Apesar disso, houve jornadas memoráveis, sobretudo nos anos sessenta. A resistência do proletariado português permitiu, mesmo nesses anos negros, que o 1.º de Maio se mantivesse vivo Como o demonstrará amanhã.

SECRETARIADO DA CGTP-IN AO "DL"

1.º de Maio significa re aos projectos do capit

As comemorações do 1.º de Maio deste ano, organizadas pelo Movimento Sindical, vão trazer à rua o eco das preocupações que a esmagadora maioria dos trabalhadores portugueses sente agudamente, passados que são três anos da Revolução de Abril. A Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional, única central sindical do nosso país, tem traduzido junto do Governo, dos trabalhadores e da opinião pública todas essas preocupações, aspirações e desejos, apresentando soluções e alternativas inspiradas na Constituição e nas directrizes programáticas do Congresso de Todos os Sindicatos, realizado, como estamos lembrados, em Janeiro passado.

Justificava-se, por isso, ouvir os dirigentes da CGTP-IN. Do diálogo que mantivemos recentemente com José Luís Judas, José Ernesto Cartaxo, Alice Rocha e Joaquim Calhau, do secretariado da CGTP-Intersindical, aqui damos conta ao leitor. Despedimentos, desemprego, custo de vida, contratação colectiva, «pacto social», 1.º de Maio, desintervenções, empresas em autogestão — eis alguns dos temas abordados.

«Diário de Lisboa» — Três meses decorridos sobre o Congresso de Todos os Sindicatos, qual é o balanço da actividade do novo secretariado em função das directrizes ali apontadas?

José Luís Judas — É indiscutível que o Congresso constituiu uma grande vitória de todas as forças que estão interessadas na unidade dos trabalhadores, de tal maneira que algumas forças que a combateram se viram obrigadas a redifinir a sua estratégia para o Movimento Sindical. Esta é a confirmação mais clara da derrota das forças que apostaram na divisão do Movimento Sindical.

O Congresso foi, também, uma afirmação de responsabilidade do Movimento Sindical perante a actual situação económica, política e social. Nele foram apresentadas e debatidas soluções para os problemas dos trabalhadores e do País, susceptíveis de os empenhar na perspectiva da construção da sociedade socialista para que aponta a Constituição. O Congresso terá sido uma desilusão para aqueles que pensavam que o Movimento Sindical Português iria enveredar por conceitos sindicais reformistas, com o atrelamento dos interesses da classe operária aos interesses da burguesia. Do mesmo modo, terá sido uma desilusão para os que pensavam que o Movimento Sindical iria adoptar formas de funcionamento e actuação aventureiristas e irresponsáveis, que só serviriam para o atolar numa aventura que decerto agradaria às forças de direita e do patronato, mas não aos trabalhadores.

Nesta perspectiva se iniciou o trabalho do secretariado, com o intuito fundamental de levar à prática as decisões do Congresso, das quais ressaltam fundamentalmente a execução do caderno reivindicativo então aprovado e a necessidade de continuar a alargar a influência do Movimento Sindical unitário no seio dos trabalhadores, pois o Congresso constituiu uma base muito sólida e importante para que isso seja possível.

No que respeita ao reforço da unidade do Movimento Sindical o secretariado tomou medidas de imediato, no sentido da eleição do Conselho Geral dentro de um espírito de abertura, para que nesse órgão consultivo do secretariado pudessem vir a participar quaisquer sindicatos, independentemente do facto de estarem ou não filiados na central sindical. Também está em curso o processo de alteração dos estatutos das uniões distritais, com vista a permitir a participação a nível distrital de todos os Sindicatos, filiados ou não. Estas medidas permitirão, concerteza, reforçar ainda mais a unidade do Movimento Sindical e reforçar a sua influência.

Por outro lado, o secretariado definiu quais eram, dentro do caderno reivindicativo, os grandes temas a levar à prática de imediato no sentido de obstar à ofensiva do patronato com o apoio e a cumplicidade do Governo. Os pontos fundamentais assim definidos centram-se nos problemas do desemprego e dos despedimentos, do aumento do custo de vida, do congelamento da contratação colectiva, e nos do sector não capitalista de economia, isto é, as empresas intervencionadas, as autogeridas e a Reforma Agrária.

Independentemente destas questões, que são as mais importantes, outras há que é necessário ter em conta, como seja a aplicação da Constituição, concretamente, no que se refere ao direito de antena, consagrado no Art.º 40.º, bem como de outras matérias expressamente referidas naquele diploma e que constituem direitos dos trabalhadores.

José Ernesto Cartaxo — No plenário efectuado em 1 de Março, onde foi eleito o Conselho Geral, analisou-se a situação social e constatou-se o agravamento cada vez maior das condições de vida dos trabalhadores, apontando-se para grandes acções de massas a nível nacional. Nesse sentido, procedeu-se já a eleições distritais de sindicatos, que, por sua vez, têm promovido reuniões distritais de delegados sindicais e comissões de trabalhadores. Por seu turno, estas organizações vão promover plenários nas grandes empresas com vista à mobilização e esclarecimento dos trabalhadores à volta dos pontos que ressaltam do caderno reivindicativo, já referidos pelo Judas.

São estas as tarefas em que o Movimento Sindical se encontra empenhado, com vista a suster a ofensiva do patronato e das forças de recuperação capitalista.

DESPEDIMENTOS, DESEMPREGO

«DIÁRIO DE LISBOA» — De entre os problemas que acabam de assinalar, há um que tem mobilizado as atenções da opinião pública, ou pelo menos daquele sector mais atento ao noticiário sobre conflitos de trabalho: as numerosas situações de despedimento que se vêm verificando em certas empresas e o progressivo aumento do desemprego. Que pensa fazer a CGTP-intersindical Nacional quanto a estas questões?

Joaquim Calhau — Na aplicação do caderno reivindicativo uma das nossas preocupações fundamentais diz respeito ao desemprego, que tem sofrido uma escala assustadora, não só devido à legislação publicada pelo Governo, que permite às entidades patronais colocarem os trabalhadores numa situação de insegurança de emprego (como é o caso das leis dos despedimentos e dos contratos a prazo), mas também devido ao facto das entidades patronais atacarem frontalmente a lei sindical.

Um caso concreto e flagrante é o da Santix. Ali, foi a própria entidade patronal a desrespeitar a lei das associações sindicais, despedindo cinco elementos que tinham funções sindicais na empresa (dois dirigentes e três delegados); quando, a seguir, os trabalhadores entraram em greve pela reintegração dos despedidos, foi constituído um piquete por parte de indivíduos afectos à entidade patronal, em violação da lei da greve. Por outro lado, a Guarda Republicana, um dos órgãos que deveria intervir perante esta situação, não o fez, tornando-se cúmplice das entidades patronais no desrespeito da lei. Este é um exemplo entre outros.

O desemprego e a insegurança no emprego começam a tomar proporções alarmantes. A responsabilidade que o Movimento Sindical tem no levar à prática deste ponto do caderno reivindicativo passa pela maturidade da sua actuação. Tal como foi deliberado no último plenário de sindicatos, teremos que ter sempre em vista que as grandes acções de massas devem resultar sempre em benefício do Movimento Sindical e mostrar a sua idoneidade, o que sucede, nomeadamente, nos documentos apresentados ao Governo no sentido de procurar resolver este problema. Essa maturidade implica a participação efectiva de todos os trabalhadores ao nível das empresas, pois são eles os principais afectados.

A questão do desemprego impõe, antes de mais, o esclarecimento dos trabalhadores sobre as razões que motivam esta crise, para se atingir a sua origem, que é a actual política em relação ao desemprego.

José Luís Judas — Os despedimentos fazem parte de uma estratégia global de desenvolvimento da recuperação capitalista que está a ser levada a cabo. Caracterizam-se por um ataque directo às estruturas do Movimento Sindical, nomeadamente delegados e dirigentes sindicais, e mostram muitas vezes, quando a lei é violada, a cumplicidade do Governo: é o caso da Têxtil Manuel Gonçalves, da Marriott, da Santix, etc.. Tudo isto representa um medir de forças do patronato e do imperialismo, no sentido de obter a certeza de que o Governo está disposto a seguir as suas linhas mestras e a aceitar as suas condições para obter os seus empréstimos. Ainda há pouco tempo o embaixador inglês em Portugal afirmou que uma das condições para o capital inglês investir no nosso país era a liberalização dos despedimentos. Tal foi a intenção do Governo quando fez a lei em vigor.

Quanto ao desemprego, ele resulta fundamentalmente da falta de um projecto de desenvolvimento no sentido da criação de postos de trabalho. As medidas económicas anunciadas pelo Governo inserem-se numa campanha que tenta resolver a crise do capitalismo — que não a crise da economia nacional — através da criação de uma reserva de mão-de-obra. É também nesta

Ao CABAZ DOS BRINQUEDOS ®
Apartado 1142 - Lisboa 1 ou Av. 5 de Outubro 201 - 2.º Dt.º
Agradeço que me enviem mais informações sobre este Cabaz para crianças. A nossa idoneidade é uma garantia para si!
NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____

MANUAL PRÁTICO DO MECÂNICO
Contendo todas as Tabelas Técnicas
Preço: 300$00
Enviamos à Cobrança, com despesas
Pedidos à: LIVRARIA TELIS — SETÚBAL

CHÁ N.º 44
ANTI-ALCOÓLICO
(PRODUTOS BIOSAÚDE)
LISBOA PORTUGAL
CONTRA O VÍCIO DO VINHO
Maneira de preparar e posologia: 3 colheres de sopa das plantas para meio litro de água. Deixar ferver 5 minutos, ficando uma hora de infusão. Tomar uma chávena antes das três principais refeições.
ESTAMOS AO VOSSO DISPOR PARA QUALQUER REGIME DE ALIMENTAÇÃO — CONSULTE-NOS
Pedidos a BIOSAÚDE
BIOLOGIA ALIMENTAR, LDA.
ALIMENTAÇÃO RACIONAL
Rua dos Anjos, 80-3.º, Letra E — Tel. 539208-554683
Rua Professor Sousa da Câmara, 197-A — T. 654751
ENVIA-SE À COBRANÇA PARA QUALQUER PONTO DO PAÍS

ALBINO BERNARDINI
diário de um professor
um documento humano de extrema actualidade
DESTE LIVRO FOI EXTRAÍDA A SÉRIE DE TV JÁ EXIBIDA COM GRANDE ÊXITO EM PORTUGAL
uma edição da
EDITORIAL NOTÍCIAS
Rua Rodrigues Faria, 103 — Lisboa
à venda em todas as livrarias

sistência

lismo

«DL» ouviu quatro elementos do Secretariado da CGTP-IN para dar a conhecer as posições do Movimento Sindical face aos grandes problemas que afectam os trabalhadores no nosso país

erspectiva que devemos en-nder a política de desinter-nção das empresas e da sua evolução aos patrões. Tudo to se conjuga no sentido de zer despedir gente em mas-a, criando assim a reserva de ão-de-obra suficiente para epois realizar uma política conómica numa perspectiva apitalista.

OS PREÇOS

«DIÁRIO DE LISBOA» — É tente que, de todas as difi-uldades com que os trabalh-ores portugueses actualmen-e se defrontam, a do aumento o custo de vida não é uma as menores. Que soluções ropõe o Movimento Sindical?

Alice Rocha — Neste mo-nento, o aumento do custo de ida é uma das maiores preo-upações da população portu-uesa: não se fala noutra coi-a, principalmente entre as mu-heres. Trata-se de uma ques-ão bastante perigosa, pois uita gente deita as culpas pa-a o 25 de Abril («para fazerem m 25 de Abril como este ais valia estarem quietos», tc.). Este aproveitamento do roblema é bastante perigoso, obretudo para a mulher que inda não está suficientemente olitizada.

O aumento do custo de vida não atinge apenas as clas-es com vencimentos mais bai-os, abrange também outros stratos sociais, que começam desesperar pois vêem o seu ível de vida a baixar.

Estamos a desenvolver gran-es esforços, sobretudo atra-és de comissões de mulheres ontra o aumento do custo de ida, tentando informar toda a opulação sobre as causas esse aumento e, simultanea-ente, avançar com objectivos uito concretos. Um deles é suspensão do Decreto-Lei n.º 9-A/77, que congela o aumen-o de salários por via da con-ratação colectiva. Outros ob-ectivos respeitam ao avanço a Reforma Agrária, que é im-portante para o desenvolvimen-o económico do País; à criação de cooperativas de produção e de consumo; à fiscalização rigorosa de preços e açambarcamentos; à inclusão de mais produtos de primeira necessidade no cabaz de compras e à garantia do congelamento dos preços desses mesmos produtos. Estão em curso estudos muito concretos sobre todas estas questões, apoiados por economistas, com vista a apresentar propostas circunstanciadas ao Governo.

Não há dúvida de que, se não houver um travão ao aumento do custo de vida, o 25 de Abril poderá mesmo ser posto em causa, pois as pessoas são levadas a um estado de desespero que é aproveitado pelas forças da direita.

E A CONTRATAÇÃO?

«DIÁRIO DE LISBOA» — Para fazer face a esta alta crescente do custo de vida, os trabalhadores necessitam de uma actualização adequada de salários. Constata-se, no entanto, que no domínio da contratação colectiva em negociação surgem dificuldades e conflitos, como é do conhecimento público. Em que sentido pensa actuar o Movimento Sindical?

José Ernesto Cartaxo — Em Novembro de 1975 assistimos ao congelamento da contratação, que se prolongou até Fevereiro do ano seguinte. Na altura foi dito oficialmente que esse congelamento seria levantado, mas ele, na prática, mantém-se. Em termos gerais, o aumento do custo de vida, entre Janeiro de 75 e Janeiro de 77 rondou os 38,5 por cento. No entanto, as comissões negociadoras sindicais dos diversos contratos colectivos, que abrangem cerca de um milhão e 600 mil trabalhadores, reivindicaram aumentos salariais na ordem dos 24-25 por cento, para fazer face ao custo de vida. Apesar disso, os trabalhadores passaram a ser acusados de desestabilizar a situação, de fazer greves políticas, etc.

Para agravar ainda mais a situação dos trabalhadores, foi-lhes imposto um decreto-lei que contraria a própria Constituição, na medida em que as organizações de classe não foram ouvidas. Trata-se do 49-A/77, que estabelece que o aumento da massa salarial não pode exceder os 15 por cento. Com este diploma as condições de vida dos trabalhadores serão muito mais agravadas, tanto mais que os próprios responsáveis oficiais admitem que até ao fim do ano, o custo de vida sofra uma variação de 30 a 40 por cento.

O Movimento Sindical não está na disposição de aceitar este decreto, que novamente impõe na prática o congelamento da contratação, e desenvolverá todos os esforços para que ele seja suspenso e revisto, para que as condições de vida dos trabalhadores não se agravem ainda mais e o seu poder de compra não seja substancialmente reduzido, como necessariamente aconteceria se ele continuasse a vigorar.

DESINTERVENÇÕES, REFORMA AGRÁRIA, AUTOGESTÃO

DIÁRIO DE LISBOA» — Que significa, para o Movimento Sindical, a política de desintervenções adoptada pelo Governo, que tem merecido a oposição dos trabalhadores por ela directamente afectados? E quanto à proposta de solução governamental para os problemas das empresas em autogestão?

Joaquim Calhau — A questão das empresas desintervencionadas traduz uma política definida do Governo de entrega das empresas aos patrões. Durante dois anos os trabalhadores procuraram recuperar as empresas. Agora, a situação é ambígua: no caso dos patrões assim o desejarem, as empresas são-lhes entregues; no caso dos patrões as rejeitarem, e dada a sua «inviabilidade económica», elas serão fechadas e os trabalhadores irão para o desemprego.

Dentro do mesmo plano de recuperação capitalista em marcha se desenvolve o ataque à Reforma Agrária.

O que se passa com as empresas em autogestão é uma das medidas mais imorais ultimamente adoptadas pelo Governo, se tivermos em conta todo o esforço desenvolvido pelos trabalhadores para efectivamente as recuperarem. A perspectiva aberta pela proposta de lei sobre estas empresas é a seguinte: se o pessoal trabalhar bem, é evidente que, dentro do prazo de dois anos os patrões irão pedir a devolução das empresas; se trabalharem mal, vai tudo para o desemprego.

Alternativas destas não podem, de maneira nenhuma, levar ao empenhamento dos trabalhadores na recuperação económica do nosso país.

O PACTO

«DIÁRIO DE LISBOA» — A questão do «pacto social», que o Governo se prepararia para negociar com os sindicatos, segundo afirmações de diversos responsáveis, tem levantado alguma perplexidade nos meios laborais. Qual é a posição do Movimento Sindical?

José Luís Judas — Primeiro que tudo, gostaríamos de saber o que se entende pelo «pacto». O Congresso de Todos os Sindicatos foi muito claro sobre isso: «O Movimento Sindical não pactuará nem dará o seu aval ou assumirá responsabilidades em qualquer política económica ou social cujo resultado seja fundamentalmente fazer pagar aos trabalhadores a crise económica capitalista, restaurar em Portugal as formas de opressão e exploração capitalista anteriores às transformações sociais do 25 de Abril e contrariar o sentido do desenvolvimento da nossa economia rumo ao socialismo».

Mas afirmamos também que, desde que seja assegurado que a política económica e social beneficie efectivamente os trabalhadores, o Movimento Sindical mobilizará activamente todos os trabalhadores para a solução dos graves proble-

Continua na pág. 12

ESTEREOSOM
Avenida Duque d'Ávila, 56-A - Telefone 560563 - LISBOA-1

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS
DO DISTRITO DE SETÚBAL

VIVA O 1.º DE MAIO

Vai passar mais uma data querida da Classe Operária e de todos os trabalhadores portugueses — O 1.º DE MAIO DE 77, dia internacional dos trabalhadores.

Pelo alto significado Unitário e de solidariedade que encerra, o 1.º de MAIO constitui uma jornada de luta da Classe Operária e de todos os trabalhadores portugueses na defesa intransigente dos seus direitos e na luta por uma sociedade mais justa, uma sociedade onde acabe definitivamente a exploração do homem pelo homem.

A Classe Operária, os trabalhadores portugueses mantêm ainda viva na memória a recordação da repressão que se abatia sobre o Movimento Operário e Popular quando este saía para a rua a celebrar, na Luta e na UNIDADE antimonopolista, o dia 1.º de MAIO, transformando-o em grandiosas jornadas unitárias de luta e mobilização do Povo para a oposição à política criminosa do jugo fascista, contra a Guerra Colonial, pela aquisição das Liberdades democráticas por que o Povo ansiava.

Hoje, depois da Revolução de Abril e, numa altura em que se processam ataques generalizados às conquistas alcançadas pelos trabalhadores tais como: os ataques à Reforma Agrária, a entrega ao patronato sabotador das empresas intervencionadas, o aumento desenfreado do Custo de Vida, o congelamento na prática da Contratação Colectiva, os Despedimentos, a publicação de legislação antioperária, as indemnizações aos Agrários entre outras medidas antipopulares, deverão os trabalhadores dar resposta adequada a todos aqueles que tentam a recuperação capitalista, agrária e imperialista no nosso país, fazendo deste 1.º de MAIO uma jornada de UNIDADE no combate às forças interessadas na divisão dos trabalhadores.

VAMOS TODOS PARA A RUA NO 1.º DE MAIO mostrar a nossa força organizada e a nossa firme determinação de lutarmos UNIDOS pela defesa dos nossos interesses comuns e justas aspirações.

NA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES!

PELA RECUPERAÇÃO ECONÓMICA CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA!!!

VIVA O 1.º DE MAIO

PUB

ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES

EM PERIGO
O DIREITO DE HABITAR
O GOVERNO APROVA LEIS
CONTRA OS INQUILINOS

O Conselho de Ministros em 26.4 aprovou um Decreto-Lei sobre despejos que constitui um grave atentado ao direito a uma habitação digna.

Apesar de apresentado como uma lei de protecção aos inquilinos, não faz mais do que adiar até um ano a execução do despejo, e aumentar os motivos que levam a este.

Para além de repor em vigor legislação fascista suspensa depois do 25 de Abril, introduz alterações que ultrapassam o que o próprio regime fascista ousou praticar. **Qualquer senhorio proprietário de uma casa há dois anos pode despejar o inquilino com o argumento de que precisa de casa para si, pondo em risco a totalidade dos moradores.**

Mais ainda, **o Governo pretende calar a indignação popular que têm provocado**, e que **continuarão a provocar, os despejos**, punindo com dois anos de prisão e multa até 100 contos todo o inquilino, familiares e organismos de moradores e trabalhadores, que se lhe oponham ou resistam de qualquer forma.

Este decreto, que foi aprovado sem consulta às Associações de Inquilinos de Lisboa e Porto ou qualquer outro organismo de moradores, não está ainda promulgado pelo Presidente da República.

A gravidade deste decreto exige uma larga mobilização de todos os inquilinos para evitar a sua promulgação.

É necessário que cada morador se mobilize junto dos seus organismos locais, Comissões de Moradores, Juntas de Freguesia, Câmaras Municipais, etc., enviando ao Presidente da República cartas ou telegramas exigindo a suspensão dos despejos, e que seja feita uma nova lei discutida e aprovada pelos inquilinos.

É imperioso exigir ao deputado em que votaste que ele requeira a discussão do decreto na Assembleia da República e que vote a suspensão dos despejos.

É necessário exigir que as autarquias, as assembleias municipais, se batam contra este decreto atentatório dos direitos dos inquilinos e pela suspensão dos despejos.

É necessário reforçar ou reorganizar as Comissões e Associações de Moradores, assim como as Associações de Inquilinos, porque só a luta organizada poderá impedir que os trabalhadores sejam atirados para as barracas.

ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES

ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS DO NORTE DE PORTUGAL

CONSELHO REVOLUCIONÁRIO DE MORADORES DO PORTO

PUB

SINDICATO DOS CAPITÃES, OFICIAIS PILOTOS, COMISSÁRIOS E RADIOTÉCNICOS DA MARINHA MERCANTE

CONVOCATÓRIA
REUNIÕES GERAIS DE SÓCIOS

Efectuar-se-ão nos próximos dias abaixo designados, na sede do Sindicato – Praça de D.Luís, 9-1.º Dt.º em Lisboa – reuniões gerais de sócios, com as seguintes ordens de trabalhos:

Dia 2 de Maio, segunda-feira:
– Empresas em que os trabalhadores tenham assumido a gestão após 25 de Abril de 1974: Projecto de Lei n.º 41/I
– Instituto Nacional das Empresas em Autogestão: Proposta de Lei n.º 56/I
– Normas relativas ao funcionamento das empresas em autogestão: Proposta de Lei n.º 60/I
Dia 18 de Maio, quarta-feira:
– Associações sindicais: Projecto de Lei n.º 42/I
Lisboa, 14 de Abril de 1977

A Direcção

SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSOM – Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.
PORTO: Praça da Batalha, 3-4 – **FARO:** Rua Ivens, 24-26

Mobutu (com Amin) avança sobre Kasaji

. Tropas de Mobutu, e um pelotão do presidente ugandês Idi Amin, («uma força de ataque suicida») e tropas marroquinas estão a avançar sobre a cidade de Kasaju, controlada pelos catangueses, segundo informa a agência noticiosa AZAP, do Zaire.

A «força de ataque suicida» será comandada pelo próprio Amin que afirmou recentemente serem os inimigos do Zaire também inimigos do seu país.

Entretanto, seguiu hoje dos U.S.A. um jacto de carga para o Zaire com 45 toneladas de abastecimentos, na expressão do Pentágono, «não letais». Segundo o departamento de Defesa não passam de medicamentos, peças sobresselentes para aviões e automóveis, equipamento de comunicações e colchões.

No dia de ontem, um comunicado oficial de Mobutu acusava a RDA de ter fornecido armas e munições às tropas rebeldes. Aí se fala de «conspiração».

A agência noticiosa informa, por seu turno, que a opinião pública no Zaire estava a exigir a suspensão de relações diplomáticas com a República Democrática Alemã, à semelhança do que fizera já com Cuba.

GIZENGA RAPTADO?

Um dos chefes de fila da Oposição ao Presidente Mobutu, Antoine Gizenga, foi raptado na quarta-feira passada, em Villiers-le-Bel, arredor parisiense, juntamente com a sua mulher e os seus filhos, anunciou «Le Soir», jornal belga, na sua edição de ontem.

Indica o mesmo jornal que o rapto foi realizado por seis europeus, vindos numa camioneta sem chapas de matrícula. O veículo terá sido acompanhado por três automóveis e a casa revistada por um ou vários africanos.

Recorde-se que Antoine Gizenga foi vice-presidente do Governo ,de Patrice Lumumba em Junho de 1960. Afastado por Kasavubu ao mesmo tempo que Lumumba, formou um governo em Stanleyville (Kisngani) conhecido geralmente por «Governo de Gizenga» tendo chegado a ser reconhecido por alguns Estados.

Entretanto, na versão de uma fonte autorizada da capital francesa, Gizenga partiu de Paris de sua livre vontade.

LISNAVE E SETENAVE EM 1976

Reparados 12 por cento da frota mundial

. Um acordo de cooperação abrangendo a reparação e construção naval que possibilita uma utilização coordenada dos recursos humanos e físicos, tendo em vista uma distribuição equilibrada de cargas nos estaleiros, da Lisnave e Setenave permitiu que neles fossem reparados, no ano passado, 12 por cento da frota mundial.

A informação foi divulgada por um porta-voz daquelas duas empresas a propósito da reunião anual dos representantes da rede mundial de agentes dos dois estaleiros portugueses, que decorre desde o dia 27 e termina hoje. Participaram nesta reunião representantes da Lisnave e da Setenave na Alemanha Federal, Áustria, Benelux, Brasil, Dinamarca, EUA, Finlândia, França, Grécia, Inglaterra, Itália, Japão, Marrocos, Noruega, URSS e Suécia.

O mesmo porta-voz, que sublinhou o facto de as duas empresas trabalharem em estreita colaboração, apesar de a Setenave ser nacionalizada e a Lisnave ser uma empresa privada, disse que o estaleiro da Lisnave na Margueira reparou um total de 248 navios, correspondentes a uma facturação de 3,1 milhões de contos, dos quais 2,6 milhões dizem respeito às reparações de barcos estrangeiros e 500 mil contos às dos barcos portugueses. Estes valores representam um aumento de 12 por cento relativamente ao número de barcos reparados em 1975 (221) ano em que a facturação atingiu 2,6 milhões de contos.

Por sua vez a Setenave reparou 66 navios sendo a facturação relativa aos navios nacionais de 132 mil contos e a dos estrangeiros de 500 mil contos.

Da actividade das duas empresas, além de ter cabido à Setenave a reparação do maior navio docado em estaleiros portugueses, o «Hemland», de 373 mil toneladas, e de o maior navio do mundo, o «Bellamya» de 550 mil toneladas, ter estado nos estaleiros da Lisnave para trabalhos de acabamento final e entrega ao armador, há a destacar duas grandes reparações efectuadas nos dois estaleiros segundo um método desenvolvido por engenheiros portugueses da Lisnave.

Trata-se do «método da gaveta» aplicado ao navio «Angelic Blessing», de 127 mil toneladas, e que consistiu na substituição de 950 toneladas de aço. A outra reparação foi executada na Lisnave e consistiu na remoção e substituição de parte do casco, num total de cerca de 1.100 toneladas, do navio brasileiro «Bocaina», de 116 mil toneladas.

MACHEL NA DINAMARCA

"Luta contra pobreza" começou em Moçambique

Samora Machel, presidente de Moçambique, que se encontra de visita à Dinamarca disse à sua chegada a Copenhaga: «Apesar das muitas feridas que ainda temos de sarar, podemos afirmar em definitivo que a luta para acabar com a pobreza, ignorância, doença e fome começou, tal como a eliminação final das sequelas do colonialismo».

Samora Machel que se encontra de visita aos países escandinavos, com o objectivo de discutir os problemas da África Austral e a estabelecer relações comerciais bilaterais e fomentar a assistência ao desenvolvimento afirmaria durante a sua visita de quatro dias à Dinamarca, a propósito das recentes iniciativas na África Austral, mais especificamente na Rodésia: «Se elas visam a transferência do poder da minoria para a maioria então são bem vindas. Mas se o Reino Unido garantir e perpetuar o regime ilegal de Smith, então a luta continuará».

NETO REGRESSOU A ANGOLA

O presidente Agostinho Neto regressou ontem a Luanda após uma visita oficial à Jugoslávia e à Polónia. No regresso, Neto fez escala na Líbia, onde conferenciou, durante cerca de 90 minutos com o coronel Khadafy.

Entretanto encontra-se já reunida na capital angolana a Comissão Nacional de Preparação do I Congresso do M.P.L.A.

Ao usar da palavra perante a referida Comissão, Lúcio Lara sublinhou que «a discussão para a criação de um partido da classe operária em Angola constituiria o ponto principal na ordem de trabalhos do Congresso».

PINTO DA COSTA NA R.D.A.

O presidente da república de S. Tomé terminou ontem a sua visita de três dias à República Democrática Alemã.

De acordo com as notas oficiais sobre a sua estada, os dois países concordaram em «medidas concretas» para expandir a cooperação entre os 17 milhões de habitantes da R.D.A. e os 80 mil de S. Tomé e Príncipe.

No comunicado conjunto divulgado no final da visita os dois países declaram que a amizade entre as nações africanas e os países socialistas constitui factor significativo «para o fortalecimento da independência desses estados e para a criação de condições favoráveis à libertação total da África».

CGTP-IN ao "Diário de Lisboa"

Continuação da pág 11

mas económicos, financeiros e sociais do País.

Em qual destas duas alternativas se insere o conteúdo do «pacto» é uma questão que compete ao Governo definir. A sua prática tem sido virada para a primeira alternativa.

No entanto, não deixa de ser contraditório que se fale em fazer um «pacto», que julgamos pressupor discussão, com a recusa sistemática ao diálogo com as organizações sindicais que tem caracterizado a actuação do Governo, a tal ponto que matéria fundamental para constar de qualquer acordo do género que se anuncia tem vindo a ser sistematicamente imposta aos trabalhadores.

Veja-se que há três meses que o Governo tem na sua posse o caderno reivindicativo imediato aprovado no Congresso de Todos os Sindicatos e, até hoje, não deu qualquer resposta.

De resto, as várias versões dadas pelos membros do Governo acerca do conteúdo do «pacto», dos participantes do «pacto», e da data de início do «pacto» são sintomas de que o Governo nem sequer faz ideia daquilo que quer, ou melhor, que apenas utiliza as palavras «diálogo» e «concertação» com o fim de confundir a opinião pública, acusar os trabalhadores de não contribuirem para a estabilização da democracia e justificar medidas repressivas sobre eles.

1.º DE MAIO

«DIÁRIO DE LISBOA» — Quais são os principais objectivos que o Movimento Sindical teve em vista ao organizar as comemorações do 1.º de Maio, este ano?

. *José Luís Judas* — O Movimento Sindical iniciou no dia 26 de Abril as comemorações do 1.º de Maio, que surgem passados três anos da Revolução, numa fase em que as suas grandes conquistas começam a ser postas em causa. Este ano o 1.º de Maio é comemorado durante toda a semana que o antecede, através de grandes acções levadas à prática tanto nas empresas como nas aldeias e vilas, de consciencialização dos trabalhadores para tudo aquilo que constituiu o 25 de Abril e que foi consagrado no 1.º de Maio de 74 — verdadeiro plebiscito popular e nacional ao «Movimento dos Capitães».

A grande tónica das comemorações é, com certeza a de os trabalhadores reafirmarem a sua disposição de não deixar perder as grandes conquistas da Revolução. As comemorações serão também uma grande e clara demonstração das classes trabalhadoras, evidenciando que estão dispostas a defender o projecto socialista para que aponta a Constituição e que não será sem a sua firme resistência que as forças que estão interessadas numa via monopolista levarão o seu projecto avante.

REUNIÃO NA PRAIA DA ROCHA

Europa investiga economia portuguesa

Encerrou-se ontem no Hotel Algarve, na Praia da Rocha, uma reunião em que participaram representantes de associações económicas de grande parte dos países da Europa Ocidental, além da Jugoslávia e Hungria e cujo tema foi a presente conjuntura económica europeia. Esta reunião, promovida pela Associação dos Institutos Europeus de Conjuntura Económica (que não possui qualquer carácter oficial) foram analisadas a evolução dos investimentos e do mercado de emprego, fazendo-se, depois, o ponto da situação económica a partir da reunião anterior, que teve lugar em Bruxelas, no Outono de 76.

À reunião presidiu o prof. Giersh, da Universidade de Kiel, tendo participado por Portugal o Centro de Estudos de Planeamento. Apenas como observadores estiveram ali outras entidades ligadas a estes assuntos, como Instituto Nacional de Estatística e o Banco de Portugal.

WINQWIST DEIXOU LISBOA

O secretário-geral da Câmara de Comércio Internacional, Carl-Henrik Vinqwist, regressou ontem a Paris depois duma curta estadia em Lisboa, durante a qual conferenciou com o ministro sem pasta Jorge Campinos, que representava o Primeiro-Ministro Mário Soares. Tratava-se de realizar uma revisão global dos aspectos principais na actual situação da economia portuguesa.

Vinqwist fez, também, uma visita de cortesia ao Presidente da República, general Ramalho Eanes, em Belém.

1.º DE MAIO ESPANHOL

Proibição não resulta e sindicatos vão à rua

. As três principais federações sindicais de esquerda espanholas e o Governo parecem hoje encaminhados para um afrontamento.

As Comissões Operárias, a União Geral dos Trabalhadores e a União Sindical dos Trabalhadores convocaram uma manifestação para amanhã, 1.º de Maio. Por seu lado, o Ministério do Interior reiterou a sua proibição, advertindo que utilizará «todos os meios necessários para dispersar quaisquer manifestações que se verifiquem».

A confrontação surgiu 24 horas apenas depois de o Governo ter concedido estatuto legal às três federações.

Os observadores políticos julgam saber que deve entender-se uma diferença entre «não autorizar» e «proibir» as manifestações. A posição oficial seria a de «não autorizar», mas de não se lhes opor também, caso não venham a verificar-se contramanifestações nem desordens, provocadas pela extrema-direita.

Informadores sindicais anunciaram que haverá manifestações em 40 cidades espanholas, calculando-se, ao todo, que participem nos desfiles e concentrações cerca de seis milhões de trabalhadores.

Entretanto, o primeiro-ministro, Adolfo Suárez, terminou uma breve visita a Washington afirmando que encontrara o presidente Carter «muito compreensivo» acerca das carências de Espanha de combustível nuclear.

Numa conferência de Imprensa, no fim de uma visita de um dia à capital dos Estados Unidos, Suárez revelou que debatera com Carter a questão de exportações norte-americanas de urânio para Espanha e notou que o problema «estava a caminho de solução».

A decisão dos Estados Unidos, em Março, de suspender temporariamente a exportação de materiais nucleares apoquentou a Espanha e o governo de Madrid ameaçou cancelar acordos nucleares com Washington.

O chefe do Governo espanhol declarou a repórteres que o seu país era particularmente dependente de combustíveis nucleares porque não tinha reservas naturais de petróleo.

Antes, Carter disse a repórteres que estava impressionado com a arrancada da Espanha para a democracia acrescentando que pensava que essa arrancada «fora brilhante e mais vitoriosa do que esperara».

E.U.A.

Comissão de Câmbios revelará subornos

. A Comissão de Obrigações e Câmbios dos Estados Unidos declarou que vai publicar em breve as informações secretas sobre os nomes e as nacionalidades das pessoas que receberam pagamentos «questionáveis» de firmas americanas. Mais de 300 companhias importantes confessaram ter feito tais pagamentos nos Estados Unidos e em muitos países estrangeiros.

Entre essas grandes empresas contam-se a Lockheed, a Gulf-Oil e a Exxon. A primeira revelou, pelo menos, pagamentos de 22 milhões de dólares a autoridades do Japão, da Holanda e outros países, mas não citou nomes.

O caso teve repercussões políticas, especialmente no Japão e na Holanda, mas um funcionário da Comissão de Câmbios declarou ser pouco provável que se publiquem informações sobre a Lockheed.

ITÁLIA

PCI e Democracia Cristã procuram chegar a acordo

. . Os secretários-gerais da Democracia Cristã, Benigno Zaccagnini, e do Partido Comunista Italiano, Enrico Berlinguer, efectuaram ontem uma reunião para estabelecer um acordo de opinião quanto ao chamado «Compromisso Histórico».

A «Luz verde» para este encontro foi uma das conclusões aprovadas pela direcção democratá-cristã, reunida durante os dois últimos dias para estudar a situação política italiana.

A Democracia Cristã aceitou a colaboração de todos os partidos, e portanto também do Comunista, na formação de uma política de Governo, embora não vinculante para este.

Berlinguer, pelo seu lado, declarou-se insatisfeito com a posição democrata cristã embora considerasse positiva a abertura duma fase de encontros com os partidos, incluindo o comunista.

A fórmula, que foi apresentada pelo dirigente democrata cristão Aldo Moro, não contentou a esquerda nem a direita: enquanto os últimos dizem que «finalmente se chegou ao «Compromisso Histórico» e que a Itália irá sofrer com isso todas as consequências», a esquerda não vê satisfeitos os seus desejos de entrar para a formação de um governo de emergência.

Entretanto, em Milão, dois quartéis de carabineiros foram alvo ontem à noite de atentados com dinamite. Os estragos materiais são importantes, mas não houve vítimas. As duas explosões, que tinham sido precedidas de rajadas de metralhadora, foram reivindicadas telefonicamente por um grupo intitulado «Primeira Linha», de que nunca se tinha ouvido falar.

Por outro lado, em Nápoles, elementos de extrema-direita atacaram as sedes de organizações de esquerda e extrema-esquerda.

O mais grave destes assaltos foi o cometido por três dezenas de jovens armados e mascarados que deitaram fogo às instalações duma secção de bairro do Partido Comunista.

RFA

Escândalos e divergências provocam mais demissões

A coligação governamental da Alemanha Federal, abalada por escândalos financeiros e dissenções internas, sofreu mais um sobressalto ao ser anunciado que o burgomestre de Berlim-Oeste, Klaus Schutz, vai demitir-se.

Egon Bahr, secretário-geral do Partido Social-Democrático (SPD), declarou aos jornalistas que Schutz, de 50 anos, naquele posto desde 1967, tinha consentido em cedê-lo ao senador berlinense Dietrich Stobbe.

Vindo depois da demissão, ontem, do senador do interior de Berlim-Oeste, Kurt Neubauer a notícia provocou na oposição democrata cristã (CDU), imediatos pedidos para a realização de novas eleições.

Neubauer, que renunciou ao cargo quando se descobriu que não entregara mais de 50 000 marcos de comissões pertencentes ao senado, foi o quarto senador a demitir-se em desgraça desde as últimas eleições da cidade, em 1975. A sua decisão, bem como a nomeação de Stobbe, de 39 anos, em substituição de Schutz, vem também na esteira de escândalos financeiros no Estado de Hesse, na RFA, que forçaram à demissão do primeiro-ministro estadual, Albert Osswald, e de marcantes desavenças públicas entre o SPD e a sua ala juvenil (JUSO).

VANCE-GROMYKO

Nova reunião a 18 de Maio

. As próximas conversações Vance-Gromyko em Genebra, previstas desde a missão do secretário de Estado americano a Moscovo no mês passado, começarão em 18 de Maio e durarão dois ou três dias, segundo anunciou ontem o Departamento de Estado norte-americano. O porta-voz declarou que as conversações incidirão essencialmente sobre o problema do Médio Oriente e sobre as negociações SALT, tendo em vista uma limitação dos armamentos estratégicos.

Por seu lado o Kremlin tem-se recusado publicamente a informar se as negociações SALT vão ser discutidas nesses encontros. Segundo o porta-voz americano, Cyrus Vance e Andrei Gromyko assinarão uma convenção internacional com o objectivo de proibir o emprego, para fins militares, de técnicas susceptíveis a modificar o meio ambiente.

Entretanto, o Pentágono anunciou ontem que os Estados Unidos vão vender pela primeira vez material militar ao Sudão sob a forma de seis aviões de transporte militar C.-130. Esta operação, contra a qual o Congresso tem 30 dias para opor o seu voto, somará 74,4 milhões de dólares.

A notícia desta decisão surgiu a poucos dias de distância da expulsão dos americanos da Etiópia, país cujas relações com o Sudão são agora muito tensas.

MAR DO NORTE

Alastra a maré negra

. Continua a alastrar a mancha de petróleo provocada por uma fuga no poço de prospecção «Bravo», no sector norueguês do mar do Norte, após o malogro de uma tentativa para inserir uma válvula de contenção no tubo acidentado.

Os peritos que lutam para pôr termo à fuga de petróleo, cada um dos quais ganha 5000 dólares por dia, não conseguiram ainda, após três tentativas, inserir a válvula de contenção, por ter sido inicialmente colocada numa posição invertida. Calcula-se que o petróleo continua a espalhar-se no mar a uma média de 4000 toneladas diárias.

A frota que luta contra a contaminação das águas é praticamente impotente para cumprir a sua missão.

A mancha de petróleo tinha esta manhã cerca de 350 milhas quadradas (560 quilómetros quadrados) de extensão e continua a aproximar-se perigosamente do litoral.

PAQUISTÃO

Recontros na "Longa marcha"

Agentes da polícia travam hoje recontros em Rawalpindi com centenas de manifestantes da oposição exigindo a demissão do primeiro-ministro Zulfikar Ali Bhutto.

Dezenas de manifestantes foram presos e há pelo menos três feridos graves — dois polícias e um manifestante. Correspondentes estrangeiros viram agentes da Polícia espancarem à bastonada alguns manifestantes mais idosos que não eram suficientemente rápidos para fugir. Alguns dos correspondentes viram-se subitamente cercados por grupos partidários de Bhutto que gritavam «Abaixo os agentes norte-americanos». Recorde-se que o primeiro-ministro paquistanês acusou ontem os Estados Unidos de financiarem a campanha de agitação destinada a derrubá-lo.

Os motins eclodiram hoje de manhã no momento da «longa marcha» organizada pela oposição para reclamar a demissão de Ali Bhutto.

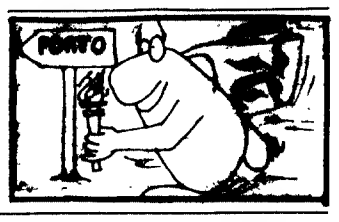
Entretanto, a Embaixada norte-americana de Islambad rejeitou como «carecendo de fundamento» as denúncias do primeiro-ministro paquistanês.

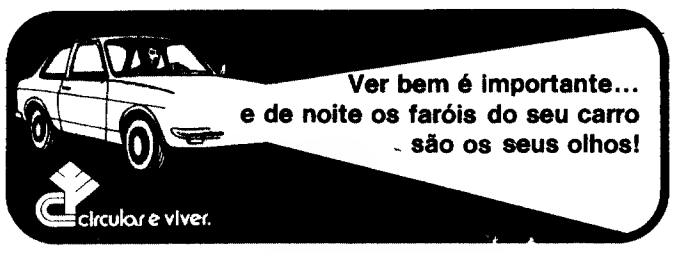
As acusações de Bhutto não foram seguidas de qualquer espécie de protesto formal do Governo paquistanês — revelou um porta-voz da Embaixada, acrescentando que um funcionário seu se apresentou no Ministério dos Negócios Estrangeiros para «exprimir energicamente a nossa apreensão» a Agha Shahi, elemento destacado daquele departamento.

Bolsa de Paris em baixa recorde

. A bolsa de Paris atingiu o mais baixo nível da sua longa história. O índice da companhia dos agentes da bolsa (índice CAC) inscreveu-se na última sessão de Abril ao nível nunca antes atingido de 53,2. O Índice CAC» foi criado em 1967, na base de 100, com efeitos retroactivos a partir de Janeiro de 1962. O ponto mais alto (100,1) foi atingido em Abril de 1973, quando a expansão estava no seu auge. O embargo petrolífero de Outubro e a crise do petróleo e económico que se seguiu levaram então a uma baixa das cotações que se fixou, em setembro de 1974, em 53,7. Este nível acaba de ser ultrapassado agora.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter





teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05
OS CAMIÕES
APRESENTAM
«Matinée Mágica»
Encenação de Ricardo Pais com
ANTONINO SOLMER
MARÍLIA GAMA
SÉRGIO GODINHO
TERESA MADRUGA
Últimas representações (Maiores de 18 anos)
Todos os dias, às 21.30
Amanhã não há espectáculo
Subsidiados pela SEC

Todas as noites às 21.30
matinées: sábados e domingos às 16 h.
TEATRO LAURA ALVES
Tel. 86 47 56
Uma comédia de JOSÉ VILHENA
CALCINHAS AMARELAS
com: IRENE ISIDRO • BARROSO LOPES • MANUELA MARIA • LUÍS HORTA • CARLOS MIGUEL • TERESA ZILOC • MARIA JOÃO • PAULA LIMÃO
A mais divertida comédia portuguesa dos últimos 54 anos.

TEATRO ABC Tel. 366745
ABC
Não acons. a menores de 18 anos
Hoje, 20.30 e 22.45 horas
Domingos e Feriados há «matinées» às 16 horas
Descanso às 4.as feiras
SÉRGIO AZEVEDO apresenta
A NOVA E GRANDE REVISTA POPULAR DE LISBOA
EM ÁGUAS DE BACALHAU
com um super-elenco

Heidi (em grande). Uma grande criação de Nicolau Breyner
FLORBELA
NICOLAU BREYNER
OCTÁVIO DE MATOS
(actor convidado)
VERA MÓNICA
(actriz convidada)
SIMONE DE OLIVEIRA
VICTOR MENDES
ABC DANCER'S
Aviso: Devido à grande afluência de público e a empresa não podendo satisfazer todos, pede-se o favor de adquirirem antecipadamente os vossos bilhetes.
A Gerência

II Maio do Teatro em Vila Nova de Gaia

. PORTO, 30 — É pequeno e novo (pouco mais de dois anos de existência), mas tem-se lançado em grandes tarefas, na animação cultural em Vila Nova de Gaia.

Estamos a falar do «Teatro 5», composto por 8 elementos (5 estudantes, um professor do ensino primário, um torneiro-mecânico e um funcionário sindical) e que presentemente está empenhado na preparação do 2.º Maio do Teatro de Vila Nova de Gaia, a exemplo da iniciativa desenvolvida no ano transacto. Tal como então, os objectivos desta realização são claros e definidas. A palavra para um dos animadores do grupo, José Manuel Andrade:

. «Com mais esta iniciativa temos em vista a divulgação do teatro de forma a criar condições que favoreçam o desenvolvimento de grupos já existentes e a criação de novos; captar a atenção do povo para o teatro e atenuar o amorfismo cultural a que foi votado o povo gaiense».

Recordando o êxito do «1.º Maio» a que «o povo gaiense aderiu massivamente», o nosso entrevistado afirmou que os objectivos foram amplamente conseguidos, sublinhando que se tratou do «maior acontecimento cultural que V.N. de Gaia registou em 1976».

Apesar de até agora ainda não ter obtido resposta da Câmara Municipal, nem do FAOJ, aos pedidos de subsídio feitos em 23 de Março, o «Teatro 5» não curzou os braços e durante o próximo mês, ainda que o dinheiro não venha, uma dezena de grupos amadores de todo o país dará corpo ao «2.º Maio do teatro». Vale a pena citar os nomes: CITEC de Montenor-o-Velho; TEP; TEIA, de Setúbal; CETA de Aveiro; Grupo de Teatro do Orfeão de Águeda; Plebeus Avintenses, e Mérito Dramático Avinteses, de Avintes; Cénico de S. Pedro do Sul e Seiva Trupe. Os espectáculos realizam-se no Liceu Nacional de Gaia, sendo todos eles seguidos de colóquio. Está prevista a participação do Teatro Lethes de Faro e do Grupo de Teatro Germen de Évora. O INATEL já deu o seu apoio.

Paralelamente decorrerá uma minifeira do livro na qual predominarão os livros de teatro e poesia.

SEDE NUM SÓTÃO

Mais do que a sua simples existência, o «Teatro 5» tem mosteandooseuempenhamento nessa tarefa cultural que urge sempre alargar o teatro, pondo em cena várias peças. Com «O Patarata traza Festa», por exemplo, tem arrastado milhares de crianças (mais de 5.500) não propriamente para a festa, mas para o gosto pelo teatro que, como em tudo, «de pequenino se torce o pepino»...

Para um melhor conhecimento dos apoios de que dispõe o grupo e das condições de trabalho que desfrutam para o desempenho da sua função, bastará dizer que a sede do «Teatro 5» são seis metros quadrados no sótão da casa de um dos elementos. O local de trabalho não é melhor: cave da Comissão de Moradores de Coimbrões, antigas masmorras da Legião Portuguesa, com 1,90 metros de altura, onde «a humidade permite a floração de cogumelos e um exército de ratos reaccionários».

Entre os projectos conta-se a construção de um barracão que será o embrião dum teatro de bolso. Já existe o terreno e promessas (pálidas...) dos responsáveis municipais. Falta tudo o resto.

MELHORIA DEPENDE DOS APOIOS

A palavra, de novo, a José M. Andrade:

. «O nosso trabalho e bem assim o de todos os grupos de teatro de amadores, poderia ser substancialmente melhorado se os responsáveis pela cultura deste país definissem, com urgência e clareza, uma política de apoio efectivo ao teatro de amadores, se as autarquias locais envidassem esforços no sentido de proporcionar aos grupos condições de trabalho aceitáveis e se os dramaturgos portugueses fossem incentivados a escrever novas peças que servissem o espírito de Abril. Infelizmente não é isso que acontece. A Secretaria de Estado da Cultura continua sem definir a sua política quanto aos grupos amadores, protelando, inclusive, o diálogo com a APTA (Associação Portuguesa de Teatro Amador). Por outro lado, as autarquias locais mantêm-se alheadas do trabalho e das necessidades de grupos que tem dado sobejas provas de empenho na animação cultural».

L.H.

LIVROS

"Casa na Duna" em quinta edição

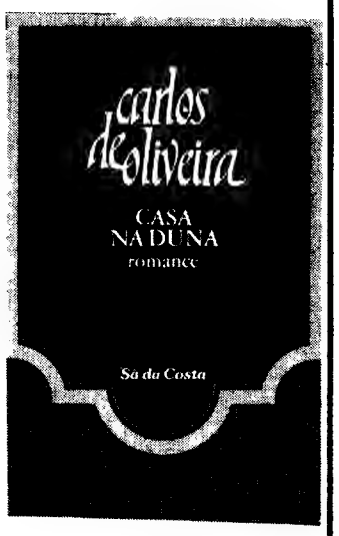
. Edição de Sá da Costa (casa onde está em vias de publicação toda a obra do autor) saiu para as livrarias mais uma edição de «Casa na Duna», romance de Carlos de Oliveira. Diz-se «mais uma edição», é a quinta. A primeira, recorda-se, data de 1943.

Não cabe aqui falar em pormenor deste texto para que serão inúteis adjectivos comuns. Refira-se no entanto — em concessão aos lugares mais habitados pela qualificação — o elevado grau de economia ao nível de materiais, meios, recursos, expedientes; e a evidente tensão que de tanto esforço decorre.

É uma narrativa seca e austera. Isto, porém, no domínio estilístico, no âmbito da linguagem. O narrado é, no entanto, um conflito denso e tutmultuoso.

Em menos palavras, «Casa na Duna» processa a hecatombe duma família da burguesia rural. Num quadro sobrecarregado de sinais breves mas intensos, decai um mundo estratificado de valores e levanta-se outro. A Gândara é um pano de fundo para esta tragédia camiliana escrita por um autor que leva os recursos narrativos da língua portuguesa talvez, desde sempre, a sua expressão mais depurada e rigorosa.

À volta da obra de ficção pode-se dizer que já existe um consenso onde os juízos aqui algo desarticulados e suspensos têm lugar. Está aí, nesse consenso, há algum tempo bem definida a importância do trabalho que o escritor fez. Para o caso deste romance, refira-se que «Casa na Duna» foi, no tempo, o primeiro que o autor publicou. Deve o leitor saber, no entanto, que o texto que hoje se lhe depara não é o mesmo de há trinta



e quatro anos, mas pode-se dizer que outro, em conta da incessante reelaboração dele que o autor sobre ele fez. O mesmo, aliás se passa com as restantes reedições, excepto «Alcateia», que hoje não se encontra senão nos antiquários. Mais, o editor anuncia livros novos do autor: um terceiro volume de «trabalho poético» e dois de prosa. Para a atenta expectativa do leitor.

L. M. R.

UM FILME SÉRIO E FUNDAMENTAL!
tema: SOLTEIROS, CASADOS, FAMÍLIA E SOCIEDADE
SEXO NO CONFESSIONÁRIO
636 CONFISSÕES GRAVADAS
DEPOIMENTOS DE SEXÓLOGOS, PSICÓLOGOS E SOCIÓLOGOS
uma realização de VITTORIO DE SISTI
EM EXIBIÇÃO estudio 444
EASTMANCOLOR

NO MERCADO COMUM DO RISO
A MAIS BARATA DAS GARGALHADAS
A PATOTA
UMA REVISTA DE PAPO CHEIO
ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL 87 44 76
3.º MÊS DE ENCHENTES!
TODAS AS NOITES
DUAS SESSÕES: 20.30 e 22.30
NO DIA 1 DE MAIO NÃO HÁ «PARÓDIA»
«MATINÉE» no SÁBADO, às 16 horas

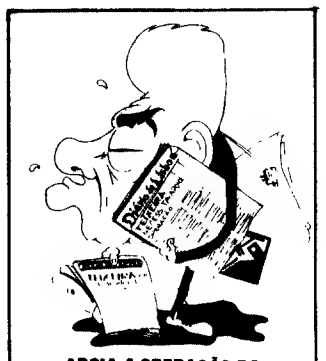
Aumente as suas vendas
Distribua...
BALÕES PUBLICITÁRIOS
Fábrica Nacional: LATEX - DOURO, LDA.
R. Central Francos, 779/783
Telef. 65370 — PORTO

Coimbra bate-se pela operação do Teixeira

. Decorre em Coimbra, apoiada pela Associação Académica e por toda a Academia, uma campanha a favor do velho Teixeira, cuja cegueira (doença que o apoquenta há largo tempo) aumenta de dia para dia, a ponto de ter de ser guiado por outras pessoas.

A campanha visa angariar fundos para levar o Teixeira a Barcelona a fim de ser operado. Velho amigo de todas as «Repúblicas» — entrava em todas elas como em casa sua — e habitual acompanhante (de capa e batina e respectivas «fitas») dos principais cortejos académicos, Teixeira fez (e faz) parte da grande família da Academia de Coimbra. Era também um grande amigo do «DL», que vendeu durante longos anos.

Não é de mais esperar que muitos ex-estudantes venham a conhecer através do nosso jornal a campanha que agora decorre. Entretanto quaisquer formas de auxílio devem ser canalizadas para a AAC.



O Teixeira em caricatura

PUB.
COMUNA
TEATRO DE PESQUISA – CENTRO CULTURAL
GRANDE FESTA POPULAR DO 5.º ANIVERSÁRIO DA COMUNA
SÁBADO – DIA 30 – A PARTIR DAS 21H
● Recital de Luís Cília
● Grupo Tylenchus de Toulouse – França
● Cantores andaluzes – Miguel Lopez, Jaime Burgos e António Portanet
● Academia Dramática de Carnide
COMES e BEBES • FEIRA do LIVRO • CONVÍVIO
Praça de Espanha – Metro Palhavã – T. 762624

FARMACÊUTICA/O
Precisa-se para Farmácia, próximo de Aveiro
Carta à Delegação deste jornal, Porto ao n.º 103.

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

1.º DE MAIO: UNIDADE VENCERÁ

A democracia portuguesa atravessa um momento difícil. Assaltam-na de vários lados. A trouxidão na sua defesa por parte de sectores com programas francamente democráticos, tem de ser substituída pela maior determinação, pela unidade de todos os trabalhadores. A defesa das grandes conquistas da Revolução de Abril é plataforma suficientemente vasta para unir os trabalhadores, para transformar o dia de amanhã numa grande jornada de luta. Se os trabalhadores não se defenderem a si próprios, não esperem que alguém o fará por eles. Para eles, o capitalismo não é uma associação de beneficência: é uma engrenagem da exploração até ao tutano.

Quando na RTP se anunciou uma mesa-redonda subordinada ao tema *O Significado do 1.º de Maio*, qualquer pessoa de boa-fé entenderia o fundamento dela: mostrar a importância do dia de amanhã, fortalecer a consciência de classe dos trabalhadores, contribuir para a máxima participação.

Em resumo: esperava-se que se fortalecessem as razões de unidade, em vez de aprofundar as divergências.

Infelizmente, não foi isso o que aconteceu. Infelizmente na RPT há quem não desista da missão de dividir os portugueses. Infelizmente três anos depois do 25 de Abril, na RTP ainda é assim.

QUEM ESTÁ POR TRÁS DO JOGO FEIO?

Em primeiro lugar, sublinhe-se a organização da mesa-redonda. Participaram nela quatro dirigentes sindicais: Rosa Maria, da Função Pública (sindicato não filiado na Intersindical); Joaquim Venâncio, dos Têxteis, filiado na Intersindical; Roque Martins, dos Bancários; e José Luís Gaspar, dos Escritórios, estes dois ultimos pertencentes à Comissão da «Carta Aberta».

A este respeito, passo a palavra à dirigente sindical Rosa Maria.

Eu não sabia que vinha para um debate em que dois dirigentes sindicais se vinham apresentar em nome da Comissão da Carta Aberta, uma vez que nessa situação nem eu cá estaria presente, não sabia que se vinha falar da Intersindical e da Carta Aberta. O debate quando me foi apresentado — e tenho um ofício da Televisão de facto dirigido nesse sentido — dizia que era um debate sobre o significado do 1º de Maio e que vinham quatro dirigentes sindicais. Lamento que se esteja a querer dar a entender que este debate é uma polémica entre duas correntes e não é isso, porque eu não estou em corrente nenhuma, o meu sindicato não está.

Espero mesmo que isso não seja a desculpa que a Televisão apresente para não fazer a cobertura directa do 1.º de Maio, quando estiverem centenas de milhares de trabalhadores na rua a comemorar o 1º de Maio e eu lembro que este vai ser o quarto 1º de Maio que vivemos em liberdade no nosso país e os três anteriores foram cobertos em directo pela Televisão.

Parece que se levantam problemas à cobertura deste. Espero que este debate não seja, a desculpa para que essa cobertura não se faça.

Daqui parece legítimo concluir que, ao combinar o debate, os responsáveis da RTP não tinham por objectivo transformá-lo naquele jogo feio que todos viram. Amanhã todos teremos a prova da sua boa ou má-fé.

O VENENO

Para já, resulta inqualificável a actuação do «moderador». Foi de tal ordem que melhor seria chamado de «atiçador».

Foi um vómito de moderação. Aquele indivíduo estava nitidamente postado em semear a discórdia, em provocar as confrontações, em procurar todos os pontos de fricção. Para este cavalheiro, o *significado do 1º de Maio* cobria todos os desacordos, todas as vicissitudes do movimento sindical — e as suspeitas, e as intrigas, e as acusações. Para ele, tudo foram esforços para transformar aquele encontro de sindicalistas, numa luta greco-romana, ou pior ainda.

A sua actividade desagregadora processou-se até ao derradeiro minuto quando fez, a um dos elementos da *Carta Aberta*, a última pergunta: *o que é que vai mal, quanto a si, no movimento sindical, para finalizar?*

Ou seja, para finalizar o que deveria ter sido a glorificação do 1.º de Maio, o Teles, fundador da AOC, convidava a deitar-se no cópo mais uma gota de veneno...

Incrível — mas verdadeiro.

CHAPÉU..DE COCO

Apesar de tudo, o saldo do debate mostrou-se francamente positivo para a causa dos trabalhadores. A calma, o sangue-frio, a segurança de Rosa Maria e de Joaquim Venâncio tiveram o condão de desmobilizar os outros elementos sindicais.

E esse não é por acaso. Eles sabem, sabem pela nossa experiência vivida nos últimos anos, que as tentativas para dividir os trabalhadores (qualquer que seja a capa com que se cubram, ou encubram) não favorecem nunca os trabalhadores. Aliás, esta situação viria ser confirmada pelo anjinho roufenho dos bancários (atenção socialistas da Carta Aberta, reparem bem quem está ao vosso lado...) quando recordou que esta maneira de os trabalhadores se organizarem para o 1.º de Maio, fazia lembrar a forma como se organizavam antes do 25 de Abril. Há exagero e simplismo na afirmação — mas na realidade, quer para bater o fascismo, para bater a ameaça fascista, para bater a recuperação capitalista — a unidade dos trabalhadores é essencial.

Se não houver unidade — chapéu.

Chapéu de coco, ainda por cima.

PARA VENCER

As vitórias na Televisão traduzem-se muitas vezes por grandes vitórias na prática. A verdade é que nenhum dos componentes da *Carta Aberta* (solicitamente ajudados pelo fundador) conseguiu ou se atreveu a discutir a justeza das palavras de ordem da manifestação de amanhã. A verdade é que nenhum dos seus argumentos contra a central única dos trabalhadores portugueses conseguiu vingar, principalmente devido à atenção e ao sentido de oportunidade de Joaquim Venâncio e à inteligência rigorosa de Rosa Maria. As intervenções destes dois dirigentes sindicais ficarão muito tempo na memória dos trabalhadores que esperam pelas 11 horas da noite para assistir ao debate.

Sim. Amanhã vai ser uma grande jornada em defesa da democracia. Nada melhor, para encerrar esta crónica, do que as palavras de Joaquim Venâncio:

— Estou esperançado de que neste 1º de Maio, perante os problemas que afligem a classe operária e os trabalhadores em geral — os decretos antioperários, a legislação que afecta os trabalhadores, os problemas das contratações que estão congeladas na prática, o problema do famigerado 49-A que dá os 15 por cento de miséria — os trabalhadores vão em massa para a Alameda e desfilarão até ao Estádio 1º de Maio.

Os trabalhadores vão sair de lá firmes, firmes — porque é preciso unidade, organização e luta para vencer.

Por mim, por mim cá ficarei no meu posto à espera da transmissão directa. Olhos no televisor, coração no *Estádio 1º de Maio*.

Que vai ser, nesse dia, o próprio coração de Portugal.

Hoje

«O País dos sorrisos» - opereta

I PROGRAMA

15.50 **Bota de 7 Léguas** — Noticiário para jovens.
16.20 **Animação** — Coordenação de Vasco Granja. «Banda desenhada em Alverca».
16.50 **Diagnóstico** — Série filmada.
17.50 **O Mundo dos Romanos** — Documentário.
18.40 **Opereta** — «O País dos Sorrisos» de Franz Lehar. Com René Kollo e Birgit Pitsch-Sarata nos principais papéis. Orquestra da Rádio de Stuttgart. Realizaçao: Arthur Mana Rabenatl.
20.30 **Telejornal.**
21.05 **Variedades.**
22.15 **As aventuras da nave Orion** — 2.º episódio: «O Perigo da Supernova».
23.55 **Telefutebol.**
23.55 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 **Animação** — Iniciação ao filme experimental belga.
Coordenação de Vasco Granja.
21.30 **Cinemateca.**
22.30 **Telejornal.**
23.00 Fecho.

PHILIPS 50 ANOS EM PORTUGAL 1927-1977
DESTAQUES
I PROGRAMA
As aventuras da Nave Orion (22.15)
II PROGRAMA
Cinemateca
(21.30)
Philips - faz parte da sua vida
PHILIPS

Amanhã

I PROGRAMA

12.30: Abertura e Missa de domingo; **13.10**: Histórias do cavalo preto; **13.40**: Desenhos animados; **14.00**: Mar Limiar; **14.30**: Tarde de cinema; **16.00**: Hajsaúde; **16.30**: Caminhos do futuro; **17.00**: Isto ou aquilo; **17.50**: Desenhos animados; **18.15**: Robinson Crusoé; **19.15**: TV Rural; **19.50**: As ruas após o 25 d Abril; **20.30**: Telejornal; **21.05**: Harry Belafonte e o seu espectáculo; **22.00**: Histórias de amor — Walter; **23.00**: **Telejornal**; **23.30**: **Fecho.**

II PROGRAMA

21.00: Cinema; **22.30**: Telejornal; **23.00**: Fecho.

NO FROU-FROU
CAFÉ-CONCERTO
TODOS OS DIAS ÀS 0.45 H
MONSIEUR LE TRAVESTI
RESERVAS DE MESA PELO TELEF. 790177

coreografia de MARILYN CLARK
UM ESPECTÁCULO INÉDITO!

TRINDADE-INATEL
1383
GRUPO de CAMPOLIDE
Às 21.30 (todas as noites — excepto ao domingo e à segunda).
Domingo tarde às 16
(N. acons. a m. 13)
50 por cento de desconto para os sócios do INATEL, dos Sindicatos, CCD's e CPT's
Um acontecimento no teatro português actual

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
EDITAL
N.º 33/77

Eu, Aquilino Ribeiro Machado, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital notificando FLÁVIO BORGES DO REGO, residente em parte incerta, sócio gerente da firma «União Industrial, Lda.» proprietária do prédio situado na Rua Heliodoro Salgado, número 35/39, de que por despacho de 11 de Março de 1977, esta Câmara, nos termos do artigo 166.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, decidiu ocupar o referido prédio para efeito de executar as obras que lhe foram intimadas através do edital n.º 122/75 de 30 de Outubro de 1975.

Na devida oportunidade, a Câmara actuará e apresentará uma conta que terá força executiva.

Paços do Concelho de Lisboa, em 28 de Abril de 1977.

O PRESIDENTE,
Aquilino Ribeiro Machado

A BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
«BARRACA CONTA TIRADENTES»
M/13 anos
ENCENADOR - Augusto Boal
elenco - «A Barraca»
Dias úteis: 21H15
Folga: 2.ª feira
MATINEÉS:
SAB 16H00
DOM. 18H00

PARA REPARACÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇAO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E
METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

JORNADA DE LUTA
E DE UNIDADE
DOS TRABALHADORES

O dia do trabalhador — 1.º de Maio — tem constituído desde o início da sua comemoração uma jornada de unidade dos trabalhadores na sua luta por melhores condições de vida e trabalho.

Mesmo durante os negros dias do fascismo os trabalhadores de todas as formas possíveis e comprovando a sua indomável combatividade comemoraram em grandiosas jornadas esta data grandiosa.

Derrubado o fascismo pelo glorioso Movimento dos Capitães logo 6 dias decorridos os trabalhadores e o povo em geral na enorme manifestação, cujo impacto ultrapassou as nossas fronteiras, reafirmaram o seu apego às liberdades e às reivindicações por que continuariam a lutar.

Em 1975 e 1976 os trabalhadores fizeram do 1.º de Maio outras tantas jornadas de luta cada uma dentro do momento que se vivia mas abertas dentro do espírito dum já longo combate.

Neste último ano a defesa da unidade sindical, alvo privilegiado da ofensiva reaccionária, tem sido objecto de grandes combates e de jornadas nas quais a mobilização dos trabalhadores se fez sentir.

Nesta avulta o Congresso de Todos os Sindicatos, jornada de consolidação da unidade dos trabalhadores e de defesa das suas conquistas.

No momento em que de novo se acentua a ofensiva das forças do capital e reacção importa fazer do 1.º de Maio uma manifestação sem precedentes de unidade e afirmação de vontade dos trabalhadores na defesa das conquistas do 25 de Abril pela consolidação da democracia e pela construção da sociedade mais justa e liberta da exploração do homem pelo homem como aponta na Constituição da República Portuguesa.

A Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa apela para uma participação massiva dos trabalhadores nas realizações comemorativas do 1.º de Maio que terão como objectivos centrais e palavras de ordem:

— PELA DEFESA DAS CONQUISTAS DO 25 DE ABRIL!
— PELA CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA!
— PELO CUMPRIMENTO DA CONSTITUIÇÃO!
CONTRA O PERIGO DO FASCISMO!
— CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA!
— PELA RECUPERAÇÃO DA ECONOMIA AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES
— E DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL!
— PELA UNIDADE ENTRE TODOS OS TRABALHADORES!

A Direcção
Lisboa 28/4/77

PUB

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas
do Centro, Sul e Ilhas Adjacentes
e Moagens do Centro e Sul

1.º DE MAIO

O SINDICATO DOS TRABALHADORES QUÍMICOS DE LISBOA leva a efeito algumas iniciativas no quadro das comemorações do 1.º de Maio. A Direcção apela aos trabalhadores químicos para que participem nestas iniciativas, que serão certamente um contributo para a defesa das conquistas de ABRIL.

TRABALHADOR QUÍMICO PARTICIPA!

11 HORAS – **Encontro no Parque Eduardo VII dos trabalhadores químicos onde se realizará um piquenique convívio.**

O local de encontro para o piquenique estará assinalado com um pano do Sindicato dos Químicos.
TRAZ A TUA MERENDA, o Sindicato assegura as bebidas.

13 HORAS – **Partida do Parque Eduardo VII para a Alameda Dom Afonso Henriques para nos incorporarmos no desfile cortejo.**

Traz panos e estandartes com as palavras de ordem estabelecidas que identifiquem a tua empresa.

O nosso Sindicato festeja o 1.º de Maio!
Levemos à prática o Caderno Reivindicativo do Congresso!

PROGRAMA:

– Projecção do filme do Congresso de Todos os Sindicatos:
SACAVÉM, DIA 27 ÀS 20.30 HORAS NA DELEGAÇÃO;
ALVERCA DIA 28 ÀS 20.30 HORAS NA DELEGAÇÃO;
AMADORA DIA 29 ÀS 20.30 HORAS NA DELEGAÇÃO;
LISBOA DIA 30 ÀS 14.30 HORAS NO SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS – AVENIDA VISCONDE VALMOR.

Nestas sessões haverá em seguida um debate sobre o que foi o Congresso e o que ele representa no dia-a-dia na vida dos trabalhadores.

REFORÇA O TEU SINDICATO E A UNIDADE DOS TRABALHADORES!
COMPARECE E DÁ A TUA OPINIÃO!

Lisboa, 27 de Abril de 1977.

A DIRECÇÃO

"VUELTA" COMEÇA A SUBIR

Mendes em relevo (8.º) na queda de Agostinho

Fernando Mendes esteve ontem, entre Múrcia e Benidorm (cerca de 200 quilómetros), particularmente activo no ataque aos lugares do topo, e muito em especial à liderança quase imbeliscável do belga Freddy Martens, que apesar dos «assaltos a que foi sejeito logrou manter, mercê de uma classe que se vai tornando incomparável, a «amarela» bem cingida ao corpo. No risco de chegada na praia de Benidorm, já com muitos banhistas expostos ao sol, o holandês Fedor Den Hartog, que há três anos venceu uma «Volta do Futuro», em França, impôs-se aos seus nove companheiros de escapada, entre os quais se encontravam, além de Martens (como é óbvio) e Mendes, os companheiros deste e de Agostinho, Lasa e Thaler, o cotado Pesadorrona, o trepador José Luís Viejo, e Tamames.

Três e 28 segundos depois entraram o australiano Gerry Clivly (nome afastado, até ontem, dos compêndios velocipédicos dos «expert») e o «montanhista» Pedro Torres. Após estes, Agostinho, Domingo Perurena e Ocana, entre outros, com quase 4 minutos de atraso em relação aos fugitivos de uma etapa que ficou assinalada pelo facto de Martens não ganhar, pelo colapso do seu extraordinário companheiro de equipa, Michel Pollentier (que fracassou como Agostinho e Perurena, e as sucessivas tentativas de escada que os 200 quilómetros entre Múrcia e Benidorm, percorridos em 5 horas, 51 m e 28 s, motivaram.

Fernando Mendes esteve perfeitamente à altura da sua experiência em estradas espanholas, demonstrando encontrar-se em boa forma, e poder, com a regularidade que o caracteriza, aspirar a um lugar final de relevo nesta 32.ª edição da «Vuelta». A etapa ficou como amostra, ainda, das aptidões de Martens para a montanha, e do seu elevado espírito combativo numa jornada também assinalada pelo aparente eclipse da equipa de driessens, de que o «colapso» de Pollentier é exemplo. Agostinho, ao contrário do que se previa, falhou rotundamente, não só ao perder o contacto, agora, com os vanguardistas (veja-se a diferença em relação a Martens), mas ao ver-se relegado — embora ainda a procissão, como sói dizer-se, vá no adro — para um posto pouco consentâneo com a sua classe, com quatro «tekas» à sua frente, entre os quais Lasa, Thaler e Mendes.

Mendes que foi, sem dúvida, a figura da etapa de ontem, e que perdendo, no conjunto, a luta nos «cumes» que travou com Oliva, Pedro Torres, Guevara e Viejo, ganhou uma das etapas de 1.ª categoria (La Carresqueta), é o 4.º classificado na especialidade, atrás de Oliva (30 pontos), Pedro Torres e Viejo. O «trintão» de Riomeão (Vila da Feira) pontuou ainda na sierra de Margno (1) e no Alto del Castillo (3).

Classificação na etapa: 1.º Den Hertog, 5 h 51 m 28 s (10 segundos de bonificação); 2.º Viejo, 5 h 51 m 29 s (6 segundos); 3.º Martens, 5 h 51 m 35 s; 4.º, Domingo Perurena (Espanha) mesmo tempo; 5.º Miguel Maria Lasa (Espanha), m. t.; 6.º Peter Thaler, (RFA), m. t.; 7.º J. A. Gonzalez Linares (Espanha), m. t.; 8.º José Pesadorrona (Espanha), m. t.; 9.º Fernando Mendes (Portugal), m.t.; 10.º Agustin Tamames (Espanha). m.t.; 12.º Pedro Torres, 5 h 54 m e 56 s; 19.º Joaquim Agostinho, m. t.; e 20.º Luís Ocaña, m.t.

Classificação geral individual: 1.º Freddy Martens, 13 h 47 m e 6 s; 2.º Lasa, 13 h 47 m 55 s; 3.º Thaler, 13 h 47 m 57 s; 4.º José Pesadorrona (Espanha), 13 h 47 m 57 5.º Heztog, 13 h 48 m 4 s; 6.º Gonzalez Linares, 13 h 48 m 07 s; 7.º, Augustin Tamames (Espanha), 13 h 48 m 08 s; 8.º Mendes, 13 h 48 m 11 s; 9.º Perurena, 13 h 48 m 20 s; 10.º Viejo, 13 h 48 m 39 s; 11.º Michel Pollentier «Driessens), 13.51,04; 12.º Gerry Clivly (Austrália), 13.51,36; 16.º Agostinho, 13.51,58; e 19.º Luís Ocaña, 13.52,01.

Agostinho e Mendes: sorte diferente na etapa de ntem

"1.º de Maio" em Aveiro

«O sal da terra» é o «aperitivo» aveirense, esta noite, no salão dos sindicatos dos cerâmicos (Rua D. Jorge de Lencastre), para o «1.º de Maio» de amanhã. À mesma hora (21) de hoje, no campo de jogos de Esgueira, a escassos quilómetros da «Veneza de Portugal», proceder-se-á à final do Torneio de Futebol de Salão.

Amanhã é o «Dia Grande» do conjunto de iniciativas da comissão organizadora de tão unitária data, na sequência, aliás, das comemorações do «25 de Abril» naquela cidade da Beira Litoral. Programa: às 8 horas, salva de 21 tiros; 10 horas, provas de atletismo na Avenida dr. Eduardo Lourenço Peixinho, artéria que sai da estação da CP, com 1500 metros (para participantes entre os 14 e os 18 anos), 3 mil metros (para mais de 18 anos). Às 11 horas haverá uma prova de vela na ria de Aveiro e, duas horas e meia depois, ciclismo, prova exclusivamente dedicada às «pasteleiras», no percurso entre a ponte da Gafanha e a cidade (partida: empresa de pesca; chegada Av. Dr. Lourenço Peixinho).

Mais: às 13 horas teremos um piquenique no Jardim Municipal e, no mesmo local, mas três horas depois (16) uma sessão melódico-cultural, com a actuação de ranchos folclóricos da região, canto livre e, por fim, entrega de prémios aos vencedores das diversas provas desportivas do programa.

Da comissão organizadora constam delegados sindicais da metalomecânica, dos estaleiros de S. Jacinto (e da sua CT), dos bancários e da «Auto-Sueca» de Aveiro, dos metalúrgicos, da US do distrito, e da CGTP/IN.

Sporting e Oeiras aptos nos "europeus"

Sporting e Oeiras defrontam esta noite, respectivamente em Montreux e Novara, para a Taça dos Campeões e a Taça das Taças, as equipas locais, às 21 e às 21 e 30 horas. Enquanto os «leoninos» são amplamente favoritos e esperam repetir a «goleada» da primeira «mão» (18-1), já não podemos dizer o mesmo da equipa de Cruzeiro, que na mancha anterior se impôs tangencialmente aos transalpinos (5-4).

De qualquer dos modos, é de realçar a presença de duas equipas portuguesas nestas meias-finais europeias do hóquei patinado, bem como a possibilidade de encontrarem, nas finais das respectivas provas, o Voltegrá e o Aryts de Mundt, equipas representativas do país vizinho na Taça dos Campeões e na Taça das Taças.

PORTUGAL

ANDEBOL

. Prossegue esta noite o nacional de andebol, com os jogos Porto-Sporting e S. Bernardo-Belenenses. Para a 2.ª divisão, há seis confrontos: Progresso-CDUP, Académico do Porto-Vitória de Guimarães, Gaia-C. Português, Caramão-Sismarias, Salvaterrense-Académica da Amadora e Oriental-Paço de Arcos.

ATLETISMO

Armando Aldegalega corre amanhã, em San Sebastian (Espanha) a maratona espanhola. Estava prevista a deslocação de Vasco Pereira mas o atleta benfiquista, em quebra de forma, declinou o convite.

No Jamor, processa-se esta tarde a disputa da «Taça Olímpica».

BASQUETEBOL

. Jogos de basquetebol, esta noite, para o «Torneio Cinquentenário»: Sangalhos-Académico de Coimbra e Ginásio Figueirense-F. C. Porto. Amanhã, o calendário completa-se com os duelos Figueirense-Sangalhos e Porto-Académico. Também prossegue hoje a disputa da «Taça de Portugal», para turmas masculinas com a seguinte ordenação de espectáculos.

Zona Sul (Série A): Física de Torres-Ateneu, às 21.30, no Pavilhão de Runa; Portimonense-Belenenses e Montijo-Sporting Olhanense, ambos às 17.30, respectivamente nos Pa-

Continua na pág. 17

PORTUGAL

vilhões de Albufeira e do Montijo.

Série B: Seixal-Lisboa e Oriental, às 21 horas, no Pavilhão da Amora; CDUL-Farense, às 19 horas, no Pavilhão da Ajuda.

Os jogos Desportivo da Graça-Académico de Santarém (série A) e Académico da Amadora-Atlético (série B), completam esta eliminatória, estando previsto a sua realização, para a próxima 3.ª feira, dia 3, respectivamente às 20.30 e 21 horas, nos Pavilhões da Ajuda e da Amadora.

CICLISMO

Enquanto se disputam os regionais portuenses de pista em Sangalhos (por não haver pista disponível na capital nortenha), a Associação de Ciclismo de Lisboa leva a cabo a prova «1.º de Maio», numa organização dos Sindicatos de Lisboa.

ESGRIMA

Hoje, Campeonato Nacional de espada e Nacional de florete (feminino), às 14 e 30 e 16 e 30, respectivamente, na Academia Militar.

HÓQUEI EM PATINS

Prosseguiu ontem à noite o Campeonato Nacional de Hóquei em Patins, tendo-se verificado os seguintes resultados (zona norte): Sanjoanense-Académico, 8-3; Académico de Espinho-Oliveirense, 5-3; Águias-Ribadave, 2-6; Carvalhos-Infante de Sagres, 5-3; e Valongo-F.C. do Porto, 3-8; zona sul: Campo de Ourique-Sotomauor, 7-6; CUF-Paço de Arcos, 3-2; e Benfica Estremoz, 4-3. Em jogos antecipados desta jornada, tinham-se apurado os seguintes resultados: Académica da Amadora-Oeiras, 3-9; e Sporting-Salesiana, 10-4.

PESCA

Terá amanhã lugar o I grande concurso nacional de pesca desportiva, que decorrerá numa área compreendida entre o Baleal e Consolação. Organizada pela secção de pesca do Clube «Stella Maris» de Peniche, com o apoio da Câmara Municipal, a prova integra-se na comemoração do «Dia Mundial do Homem do Mar».

RÂGUEBI

O Benfica derrotou, ontem, na meia-final antecipada da Taça de Portugal, a Académica (10-6), com pontos de Jojó (3+3) e Caldeira (4, pelos encarnados, e Toni (3+3) pelos estudantes. Esta tarde, na outra meia-final (às 16 horas), defrontam-se Direito e CDUL, no Estádio Universitário. Em encontro extra torneio, no mesmo campo, Agronomia mede forças (17 e 45) com o Técnico.

Retida em Paris desde quarta-feira — aguardando o pagamento do «cachet» por parte do empresário francês A. Polgar, que promoveu o jogo «Eusébios»-Bastia e Paris F.C. —, voltou a Portugal ao fim da tarde de ontem a equipa do Atlético. A partir de agora, segundo Agostinho Gil, o problema será tratado entre os serviços sociais da Embaixada de Portugal na capital francesa, dado que a história envolve uma burla considerável. Para além dos transtornos e incertezas que rodearam a demora no regresso dos alcantarenses reforçados com estorilistas e Zezinho (Braga). Entretanto, os órgãos da Comunicação Social serão esta tarde, após o encontro Atlético-Académico, postos ao corrente de todas as peripécias que os «viajantes» viveram em Paris, bem como do comportamento do «burlão» A. Polgar, aspectos que ontem não foram aflorados, quando a comitiva desembarcou na Portela, por os seus responsáveis se encontrarem sob forte tensão nervosa e acentuado cansaço

NACIONAIS DE FUTEBOL

Benfica diz adeus ao Norte

Hoje, é dia de futebol. Atendendo à festa de amanhã, jogam-se esta tarde os nacionais futebolísticos. Às 15 e 30, inicia-se o Portimonense-Guimarães. Meia hora mais tarde, aparece o resto do calendário: Leixões-Benfica; Beira Mar-Belenenses; Montijo-Boavista; F.C. Porto-V. Setúbal; Atlético-Académico, Sporting-Estoril e Braga-Varzim.

Para a 2.ª Divisão Zona Norte: U. Lamas-Gil Vicente; Régua-Famalicão; Vilanovense-Penafiel; Chaves-Salgueiros; Tirsense-Espinho; Paredes-Paço Ferreira; Riopele-Vila Real e Fafe-Lourosa. Zona Centro: U. Tomar-Sanjoanense; U. Coimbra-Alba; Peniche-Marinhense; (Nas Caldas da Rainha); U. Santarém-Portalegré, E. Portalegre-Torriense; U. Leiria-Caldas; Covilhã-Acad. Viseu e Feirense-Torres Vedras. Zona Sul: Sintrense-Olhanense; Almada-Odivelas; Marítimo-Barreirense, Vasco da Gama-Lusitano, Juventude-Sesimbra; Cuf-Alcochetense, Oriental-U. Montemor (Campo Branca Lucas — Olivais) e Farense-Esp. Lagos.

Na 3.ª Divisão: Série A: Mirandela-Maria da Fonte (em Valpaços); Bairro Latino-Joane (em Justes); Rio Ave-Tadim; Limianos-Bragança; Forjães-Vianense (em Neves); Esposende-Aves (em Tadim); Monção-Mondinense; e Cabeceirense-Mogadourense. Série B: Paços Brandão-Oliveirense; Viseu e Benfica-Leverense; Valecambrense-Infesta; Penalva Castelo-Leça, Avintes-Vildemoinhos; Freamunde-Trancoso; Aliados-Lamego e Cucujães-Arrifanense. Série C: Tondela-Oliveira Bairro; Gouveia-Covilhã e Benfica; Guarda-Ala Arriba; Naval-Marialvas; Ançã-Mangualde (em S. João do Campo); Febras-Vilanovesens (em Vila Nova Tazém); Tabuense-Esperança e Anadia-Águeda. Série D: Alcanenense-Alferrarede; Benfica e Castelo-Branco-Marrazes; Campomaiorense-Batalha; Vieirense-Cartaxo; Nisa e Benfica-Almeirim (em Abrantes); Pombal-Bombarralense; Eléctrico-Lousanense; e Alcobaça-Matrena. Série E: Elvenses-Bucelenses; E. Vendas Novas-S.L. e Olivais; Sacavenense-Benavente; Alverca-Trafaria; Vilafranquense-Alhandra; Casa Pia-Nacional; Loures-Cova da Piedade; e Desp. Olivais-Elvas. Série F: Seixal-Lusitano Vila Real; Torralta-Moura; Aljustrelense-Rosairense; Odemirense-Reguengos (em Ourique); Costa Caparica-U. Santiago; Luso-Beja; Silves-Quarteirense; e Paio Pires-Amora. Todos os jogos a partir das 16.

CASTIGOS

. O Conselho de Disciplina da FPF interditou preventivamente o campo do Varzim, mandando, entretanto, instaurar um processo sobre os factos ocorridos naquele terreno. Pedrinho (Guimarães), Montóia e Fonseca (Varzim), e Guedes (Beira-Mar) foram punidos com um jogo de suspensão dado o comportamento incorrecto manifestado na última jornada do «Nacional». Nelinho (Leixões), Trindade, Manuel Fernandes e Amílcar (Estoril) foram repreendidos. Na II Divisão Nacional foram punidos 21 futebolistas, enquanto que na III 41 jogadores tiveram a mesma «sorte». Furtado (Trancoso) e João Ferreira (Viseu e Benfica), com seis e cinco jogos foram os mais «contemplados». Mais: sete juniores, 34 juvenis e cinco iniciados passaram pelo mesmo «transe».

MORTIMORE

O fleumático técnico inglês assinou, ontem, pelo Benfica, por duas épocas (ao contrário do contrato do ano passado, Mortimore, que em Portugal quer instalar a família, «optou» agora por duas temporadas em vez de uma), desvanecendo assim qualquer veleidade por parte do Real Madrid, que segundo o treinador britânico o havia sondado para substituir, já este ano, o jugoslavo Miljanic, caído em desgraça por via dos maus resultados (e da sua incómoda classificação) aicançados nos últimos meses pelos madrilenos.

MOVIMENTO UNITÁRIO DE TRABALHADORES INTELECTUAIS PARA A DEFESA DA REVOLUÇÃO

CONVOCA TODOS OS SEUS ADERENTES E SIMPATIZANTES A CONCENTRAREM-SE SOB A SUA BANDEIRA NAS ESCADAS DO I.S.TÉCNICO ÀS 14 h. DE ONDE SE INTEGRAM NO GRANDIOSO DESFILE DO

1º DE MAIO

PUB

Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos

COMEMORAÇÕES DO 1.º DE MAIO

DIA DO TRABALHADOR

CONCENTRAÇÃO

Convidamos todos os Trabalhadores de Espectáculos sócios deste Sindicato, a concentrarem-se junto à Estátua Dr. António José de Almeida (ao Técnico), às 13.30, para em seguida, nos incorporarmos no desfile para o Estádio 1.º de Maio. A Direcção».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO N.º 4/77

1.º DE MAIO

Mais uma vez vão os trabalhadores portugueses comemorar a FESTA DO 1.º DE MAIO — A SUA FESTA.

A Festa do 1.º de Maio, que o fascismo silenciou através dos mais cruéis e opressivos métodos de intimidação e repressão, tornou-se finalmente possível com o 25 de Abril.

Como dia do trabalhador, só conseguido agora, hoje e amanhã por todos aqueles que aqui, neste país ou noutro continente, tombaram e continuam tombando pela causa da justiça e da democracia, deverá ser digno de merecer de nós a mais viva exaltação e profundo respeito.

Dia do trabalhador, conseguido através dos séculos pelos trabalhadores, só a estes, solenemente, deve pertencer.

Por isso entendemos que todos aqueles que dele se aproveitem em seu proveito ou em proveito de alguns, o estão incontestavelmente viciando e traindo.

Porque o 1.º de Maio é de todos e a força destes é só uma.

Só assim será uma Festa de Unidade.

O 1.º de Maio dos trabalhadores portugueses tem vindo contudo a ser aproveitado por forças que se dizem representar mas não os representam de facto e que, para tal, para obtenção de tais objectivos, têm impedido a participação de todos os trabalhadores deste país.

Foi por isso que não aderimos à organização em conjunto com a Intersindical na Festa do 1.º de Maio.

Exactamente porque para nós o 1.º de Maio é muito mais que uma tentativa de demonstração de força, que gritos combinados de slogans ou palavras de ordem.

O 1.º de Maio é dos trabalhadores e por isso estes o devem viver.

Por isso apelamos a todos os trabalhadores que a partir dos seus locais de trabalho se mobilizem em torno da discussão e da análise dos verdadeiros objectivos da SUA FESTA, DO SEU DIA, em Comemoração que cada um ache mais correcta, mais consentânea, mais verdadeira.

Porque acreditamos que todos os trabalhadores no seu conjunto acabarão por impor o verdadeiro 1.º de Maio dos trabalhadores.

Mesmo que não seja hoje, que tenha que ser amanhã.

Lisboa, 29.4.77

PELA DIRECÇÃO

PUB.

INATEL

TURISMO SOCIAL

Informa todos os trabalhadores, sócios dos Sindicatos, dos CCD dos CPT e seus familiares, que ainda tem lugares vagos nas seguintes excursões:

SERRA DE MONTEJUNTO – Dia 8/5/77

MINHO E GALIZA – Dia 21 a 28/5/77

CIRCUITO DA CHECOSLOVÁQUIA – De 20 a 28/7/77

Para efeitos de inscrição e informações, devem os interessados contactar com os Serviços de Turismo Social do INATEL – Calçada de Santana, 180 em Lisboa – Tel. 53 88 71.

Lisboa, 27 de Abril de 1977.

PUB

TURISMO PARA TRABALHADORES

«NOITES BRANCAS DE LENINEGRADO»

VIAGEM À U. R. S. S.

03/14 JUNHO

Estadia em :

MOSCOVO, MINSK e LENINEGRADO

Preços :

Com tudo incluido ..... 16 940 Escudos

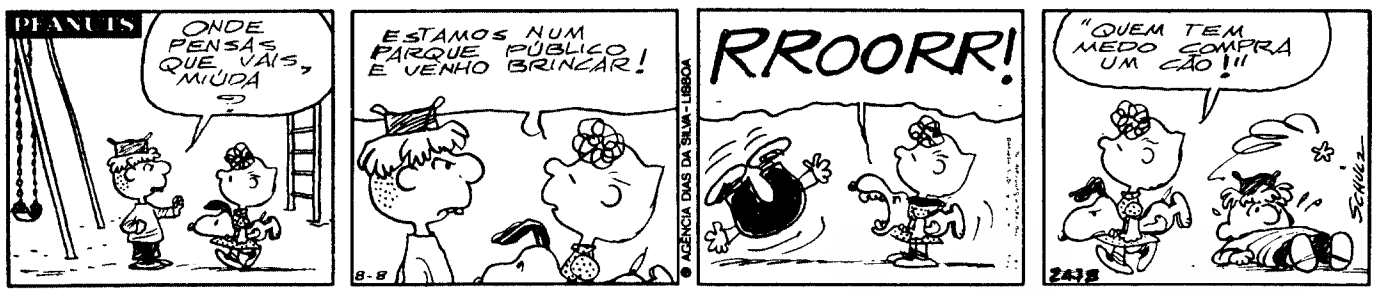
Inscrições até ao dia 3/5/77, no **GITUS**
Rua Vítor Cordon, n.º 1-3.º andar
Telefones 365286/87 e 323140

Grupo Intersindical para o Turismo Social

Turismo para Sines

O Gabinete da Área de Sines considera zonas susceptíveis de aproveitamento turístico as de Vale do Covo e São Torpes, e bem assim a ilha do Pessegueiro.

No sentido de avaliar das hipóteses de instalação de mais unidades hoteleiras na zona de Sines e o estudo dos melhoramentos a introduzir nas já existentes, deslocou-se entretanto àquela área o director-geral de Turismo, Cristiano de Freitas.



AINDA OS INCIDENTES NO FUNCHAL

APAM acusa Radiodifusão

FUNCHAL, 30 — Na sequência dos incidentes ocorridos anteontem no Funchal e em que, conforme noticiámos, a Polícia de Intervenção carregou sobre anti-separatistas que se manifestavam contra o I Congresso da APAM comummente reconhecida como o braço legal da organização separatista FLAMA; A APAM em jornais que na altura aplaudiu a intervenção da Polícia, insurge-se hoje através de um comunicado publicado no «Diário da Madeira» e no «Diário de Notícias» do Funchal contra a actuação da Radiodifusão Portuguesa. Afirma a dado passo do comunicado: «Cumpre agora salientar é a conivência dos representantes da potência ocupante e a sua nova pide. Efectivamente a APAM autorizou a gravação de toda a sessão por uma equipa da RDP (ex-EN) convencida de que essa gravação se destinava a informação pública. Porém constata com grande surpresa que a gravação saiu do Teatro onde se realizou a sessão para entrar imediatamente a seguir no Palácio de S. Lourenço, sede do Comando Militar e do ministro da República».

É a APAM, cujas ligações com a direita (continental) não são ignoradas, que fala de «potência ocupante» e de «nova pide»...

Estudantes estrangeiros apoiam libertação de Rui Gomes

Cinco Federações internacionais de estudantes — Federação dos Estudantes do Peru, Federação dos Estudantes Universitários do Equador, União Geral dos Estudantes do Saha Hamara e Rio d'Oro, Federação dos Estudantes da África Negra em França e União Progressista Sindical Pan-Estudantil Grega — acabam de exprimir o seu apoio à libertação do estudante e antifascista Rui Gomes, preso desde Setembro de 1975, no Forte de Caxias, sem culpa formada, pelas autoridades militares portuguesas.

«Enquanto organizações estudantis anti-imperialistas» — afirma o comunicado conjunto daquelas Federações —, «não podemos ficar indiferentes a este problema. Estamos convencidos de que onde há opressão há necessariamente luta».

E prossegue: «Face à repressão sobre os militantes e organizações revolucionárias, a juventude progressista e as forças revolucionárias devem opor uma solidariedade combatente, antifascista e anti-imperialista consequente. Fiéis aos nossos princípios (...), condenamos sem reserva a prisão do nosso camarada Rui Gomes, exigimos a sua libertação imediata e incondicional, e lançamos um apelo a todas as forças progressistas e democráticas para se solidarizarem com as diferentes organizações e a juventude portuguesa pela libertação de Rui Gomes».

Entretanto, e no prosseguimento das diversas acções de protesto pela prisão de Rui Gomes que se têm vindo a desenvolver, a Comissão de Luta pela sua libertação acaba de receber um telegrama de trabalhadores portugueses, residentes em Amesterdão, que «repudiam a prisão» daquele militante antifascista e exigem ao Governo e ao Conselho da Revolução «a sua libertação imediata».

HOJE E AMANHÃ

EM ENTRECAMPOS

A FEIRA POPULAR DE LISBOA

ESTÁ A POSTOS PARA RECEBER
MILHARES DE VISITANTES
O PRIMEIRO FIM - DE - SEMANA DA

FEIRA POPULAR

COINCIDENTE COM A GRANDE FESTA
DOS TRABALHADORES
VAI SEM DÚVIDA SER ANIMADÍSSIMO

BONS RESTAURANTES
ÓPTIMOS DIVERTIMENTOS
BELOS STANDS

HOJE E AMANHÃ

TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR A ENTRECAMPOS

A FEIRA ABRE ÀS 15 HORAS

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A cargo do notário
lic. Manuel Rodrigues
Mendes de Andrade

CERTIFICO, que por escritura de 3 de Março de 1977, lavrada de folhas 56 vº a 59, do livro A-133, de escrituras diversas deste cartório, foi reforçado em mais 50.000$00, o capital da sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, sob a firma «ANDRADE & TRAVASSOS, LIMITADA», com sede em Lisboa, na Rua Professor Reinaldo dos Santos, lote oito, oitavo andar, esquerdo, que era de 50 000$00 para 100 000$00, tendo sido dada nova redacção ao artigo terceiro do pacto da referida sociedade, bem como alterada a redacção do artigo quinto do mesmo pacto — quanto ao seu corpo e Parágrafo único — que ficam com a seguinte redacção:

«TERCEIRO — O capital social é de cem mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios a saber: José Paulo Boavida Baleiras Henriques, cinquenta mil escudos; Artur Fernando de Carvalho Andrade, vinte e cinco mil escudos; — Cecília Maria de Sousa Travassos Afonso Condado, doze mil e quinhentos escudos; — Maria Luisa Ribeiro de Sousa Travassos, doze mil e quinhentos escudos.»

«QUINTO — A administração da sociedade incumbe a todos os sócios, que ficam nomeados gerentes, dispensados de caução, sendo necessárias as assinaturas conjuntas de três deles para obrigar validamente a sociedade e para a representar em juízo e fora dele, activa e passivamente.

«PARÁGRAFO ÚNICO — Qualquer dos gerentes pode delegar, por meio de procuração, todos ou parte dos respectivos poderes de gerência, em quem entenderem, e a sociedade fica também com a faculdade de constituir mandatários, nomeadamente nos termos e para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.»

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, na parte extracta, nada havendo em contrário ou além do que nesta se narra e transcreve.

Lisboa, dez de Março de mil novecentos e setenta e sete.

O Ajudante
Maria Luisa Galveias Andrade

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO MANUEL RODRIGUES MENDES DE ANDRADE

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado à excepção de algumas regiões do Sul onde se apresentava muito nublado o vento era fraco ou moderado de Norte

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVORA
Máxima 24,6°
BRAGA
Mínima 3,4°

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	11°
P. DOURADAS	5°
COIMBRA	12°
PORTALEGRE	10°
LISBOA	15°
SAGRES	14°
FARO	15°
P. DELGADA	15°
FUNCHAL	17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
0.11 3,6 m	6.04 1,2 m
12.43 3,7 m	18.24 1,2 m
Dia 1	
1.03 3,9 m	6.51 1,0 m
13.30 4,0 m	19.111 0,9 m
Dia 2	
1.51 4,1 m	7.36 0,8 m
14.16 4,2 m	19.57 0,7 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado e vento moderado do quadrante Norte

AMANHÃ

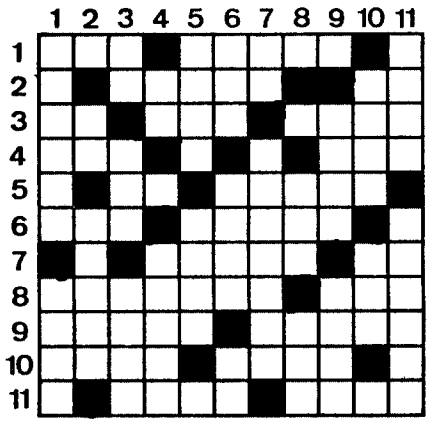
NASCER ÁS 6.40
OCASO AS 20.28

Dia 3 Dia 10 Dia 18 Dia 26

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 730



HORIZONTAIS:

1 Pronome relativo. Nome de mulher.
2 A mãe de Jesus. Artigo definido (ant).
3 Amónio (s.q) Fecha as asas para descer mais depressa. Dá saúde a.
4 Grande embarcação. O sustento.
5 Cálcio (s.q). Emparelhas.
6 Espécie de mangueira do Gabão. Unir por casamento
7 Cozido (ant). Prefixo de negação.
8 Errasse. Página.
9 Previna. Leigo.
10 Nado. Brando.
11 Serra de Portugal. Cause amuo a.

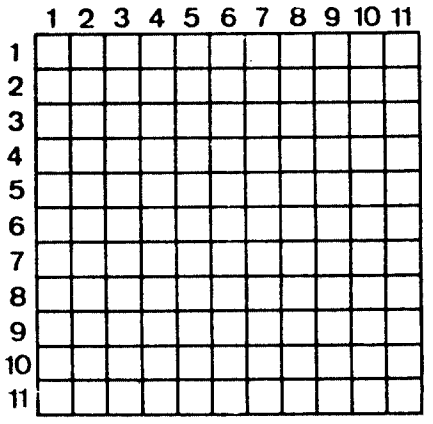
VERTICAIS:

1 Ainda que. Estaciono.
2 Cânhamo de Manila. Ligeiro.
3 Preposição. Espécie de formiga (bras). Cume.
4 Artigo definido. Acontecimentos.
5 Bonança. (fig). Costura.
6 Braço de mar. Tombas. Ruim.
7 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Praça forte.
8 Saudável. Fileira.
9 Mamífero desdentado espécie de tatu. Deem pios.
10 Épocas. Tomba (inv).
11 Grande cão de fila. Traga.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7790



HORIZONTAIS:

1 Sacerdotetártaro-maometano. Um dos estados do Brasil.
2 Sentira ânsia.
3 Berilo (s.q). Basta. Utensílio doméstico. Bromo (s.q).
4 Equipes. Espécie de andorinha.
5 Enguias. Pantorrilha.
6 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Nome de astro. Ruins.
7 Cidade da África ocidental, sobre o Níger. Homem de baixa estatura.
8 Coisa (ant). Bigorna de aço sem hastes.
9 Prefixo de privação. Pegar. Abreviatura que se usa em música.
10 Rio de Portugal, afluente do Douro. Rezara.
11 Velhas. Gostar muito de.

VERTICAIS:

1 Bailadeira do rei de Daomé. Morada.
2 Vaguear. Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos.
3 Bromo (s.q). Que serve para moer. Boro (s.q).
4 Pequenos barcos de recreio. Vielas.
5 Fechas as asas para descer mais depressa. Cidade de Espanha.
6 Verso.
7 Nome de um abutre semelhante ao condor. Liga de cobre e zinco.
8 Lavrais. Relata.
9 Batráquio. Pões a embarcação em rumo. Antes do meio-dia.
10 Varão. Agora.
11 Plantas texteis do Ceará. Mamífero desdentado espécie de tatu.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 11 729

HORIZONTAIS:

1 CASAR. OU. Fr.
2 Ares. Ar. Pré.
3 Lamas. Arre!
4 Ames. Sois.
5 Soa. Aro.
6 Arreigaram
7 Moa. Ária.
8 Er. Aro. Amam.
9 To. Rasa. Amo.
10 Estas. Regas.
11 És. Sarar.

VERTICAIS:

1 Calar. METER.
2 Aram. Aoros.
3 Semeara. Te.
4 Asas. Arás.
5 Searas.
6 A. Moiros.
7 Ora. Agi. Ara.
8 Rs. AAA. Er.
9 Proar. Maga.
10 FREIRA. Amar.
11 Re. Somamos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7789

HORIZONTAIS:

1 Ca. Moira. Ac.
2 Atela. Amola.
3 Soca. Oral.
4 Ará. Aramo.
5 Sarar. Iaras.
6 Mesa. Asir.
7 Rer.
8 Aroma. Assam.
9 Riso. Lu.
10 Rã. Em. Al. Má.
11 Amolo. Porás.

VERTICAIS:

1 Casas. Parra.
2 Ato. Am. Riam
3 Ecaremos.
4 Miaras. Moel.
5 Ao. Arara. Mo
7 Ra. Aiara. Pã.
8 Amoras. Selo.
9 Orários.
10 Alamar. Alma.
11 Calos. Amuas.

PROVÉRBIO: CASAR, OU METER A FREIRA.

Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 23

ATÉ ÀS 22 HORAS

ANDRADE RIBEIRO — Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 666971.
ASCENSO — P.ª Norte, 11-A (B.º Encarnação). (Tel. 311216-310172).
BELO — Rua de S. Paulo, 108. (Tel. 320389).
DOURO — Alam. Linhas de Torres, 93-A-B. (Tel. 791131).
FRAZÃO — Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92, (Tel. 847019)
GARANTIA — Av. P.ª Manuel da Nóbrega, 54-A-B. (Tel. 723000).
GONÇALVES, LD.ª — Rua da Rosa, 176-178. (Tel. 362687)
IMPARCIAL — R. General Taborda, 28. (Tel. 680931).
LINAIDA — Rua Ferreira Borges, 30. (Tel. 660955).
MACEDO — Est. Poço do Chão, 69-C. (Tel. 703697).
MAGALHÃES — Av. Almirante Reis, 4-D (Tel. 549479).
MARBEL — Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235).
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C, (Tel. 720703-728395).
MORÃO — L.º da Graça, 63. (Tel. 860700)
NEVES — Rua Bela Vista à Lapa, 35. (Tel. 661251)
SALDANHA — Av. Praia da Vitória, 93-55. (Tel. 43938).
S. BARTOLOMEU — V.ª Paulo Jorge. 1. (Tel. 790969).
S. SEBASTIÃO — L.º S. Sebastião da Pedreira, 1-9. (Tel. 548642).
SEREJO — Rua Rui de Sousa, lote 65 (Chelas).
SIMÕES PIRES — Rua da Prata, 115. (Tel. 362350).
TANARA — Rua Rodrigo Reinel, 3-A. (Tel. 611814).
TELES — Rua João de Barros, 2-Frente. (Tel. 638176).
UNIVERSITÁRIA — Rua Alfredo R. Gameiro, 29-D. (Tel. 778953).
VALE — Av. Marquês de Tomar, 45-49. (Tel. 841779).

PERMANENTE

ASCENSO — P.ª Norte, 11-A (B.º Encarnação). (Tel. 311216 e 310172).
GARANTIA — Av. P.ª Manuel da Nóbrega, 54-A-B (Tel. 723000).
LINAIDA — Rua Ferreira Borges, 30. (Tel. 660955).
MARBEL — Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235).
S. JOÃO — Est. da Luz, 124-A. (Tel. 783179).
MORÃO — Largo da Graça, 63 (Tel. 860700).
S. SEBASTIÃO — L.º S. Sebastião da Pedreira, 1-8. (Tel. 548642).
TELES — Rua João de Barros, 2-frente. (Tel. 638176).
SALDANHA — Av. Praia da Vitória, 53-55. (Tel. 43938).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 2113953)
CARCAVELOS
Central. Até às 24 e das 0 às 9 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090). Até às 22 horas
PAREDE
Aisy, Av. Gago Coutinho — B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas
MURTAL
Primavera, R. das Parreiras, 12 (Telef. 2472278). Até às 24 e das 0 às 9 horas
AMOREIRAS
Amoreiras (Telef. 262313/267314). Até às 22 horas
ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191). Até às 21 horas
CASCAIS
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214). Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120 — Reboleira (Telef. 938424). Serviço permanente
Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210). Até às 22 horas; **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740). Até às 22 horas
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
MERCÊS
Claro Russo
QUELUZ
Queluz, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Telef. 2914103)
RIO DE MOURO
Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2930194)
SINTRA
Simões, Vila (telef. 2930832)
COLARES
Abreja (Telef. 299088

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Telef. 2040141)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Telef. 2073023). Até às 19 horas; **Pimenta**, R. Cons. Joaquim Ant.º Aguiar, 259 (Telef. 2073012). Serviço permanente.
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2760565)
COVA DA PIEDADE
Garcia Reis, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 2310370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (Telef. 2233028)
SETÚBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (Telef. 22484); **Nova**, R. General Gomes Freire (Telef. 22052)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

FOZ — Rua Senhora da Luz, 380, Foz (Tel. 680127).
ALÍRIO DE BARROS — Rua de Costa Cabral, 240 (Tel. 480593)
CENTRAL — Rua 31 de Janeiro, 203. (Tel. 21684)
GOMES CARNEIRO — Rua de Cedofeita, 348. (Tel. 23420)
NOVA DE MONSANTO — Rua de Monsanto, 148. (Tel. 490889)
COUTO — Largo de S. Domingos, 106 (Tel. 25963-311965)
LAPA — Rua Antero de Quental, 211 (Tel. 480697).

(De dia e toda a noite)

CORREIA — Praça Mouzinho Albuquerque, 78 (Tel. 60869)
CORUJEIRA — Rua S. Roque da Lameira, 1473. (Tel. 51928)
LUSO-FRANCESA — Rua Sá da Bandeira, 140 (Tel. 26134)
MAGALHÃES — Rua de Serralves, 566 (Tel. 63561).

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

CRUZ e COSTA — Rua A. Vasconcelos, 71 (Tel. 22715)
NAZARÉ — Rua Ferreira Borges, 135 (Tel. 22605).

Outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.30, 22.45 (18 anos)
«O Bombo da Festa»
BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70
21.15 (13 anos)
«Barraca Contra Tiradentes»
COMUNA
21.30 (13 anos)
«Gioconda perdeu o Sorriso»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Aqui quem Manda sou Eu»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.30 (18 anos)
Matinée Mágica»
TRINDADE
20.30 e 22.45 (18 anos)
Grupo de Campolide «1383»
VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Isto é que me Doi»
LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»
ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Paródia»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Em Águas de Bacalhau»

LISBOA/Cinemas

ROYAL
21.15 (18 anos)
«Flesh Gordon».
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«A Cólera do Vento»
EUROPA
21.15 (18 anos)
«O Importante é Amar»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Medo sobre a Cidade»
CINEARTE
21.00 (13 anos)
«Mili»
PARIS
21.15 (18 anos)
«1900» — 2.ª parte
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«A Vida Sexual de Romeu e Julieta»
RESTELO
21.15 (13 anos)
«Lutador da Rua»
OLÍMPIA
Ses. permanentes (18 anos)
«Até os Bichinhos Gostam»
SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«O Casal»
CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Os Grandes Calores»
CALEIDOSCÓPIO
21.15 (13 anos)
«Desgraças de um Citadino»
JARDIM
21.15 (13 anos)
«O Meu Nome é Ninguém»
CINE AUDITÓRIO
21.15 (18 anos)
«Camorra»
VOX
21.15 (18 anos)
«Que Ricas Tias»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Xica da Silva»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (12 anos)
«Os Guerrilheiros»
ESTORIL
Casino
18.30 e 21.15 (6 anos)
«A história da cinderela»
Palácio
21.15 (13 anos)
«O raid relâmpago dos comandos»
CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«O porteiro da noite»
CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Sonhos Húmidos»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (13 anos)
«Corbari o revolucionário»
Lido
22.15 (18 anos)
«Survive»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«Uma mulher fiel»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«Oh! Amigos meus»
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«E a mulher cirou o amante»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Os Preços»
SA DA BANDEIRA
21.30 (13 anos)
«Desculpa o Caetano»

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.15 (13 anos)
«Gator — O Implacável»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«A Escada de Caracol»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Bel-Ami»
TRINDADE
21.30 (13 anos)
«A Flecha e a Rosa»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«A Intentona»
ESTÚDIO 400
21.15 (13 anos)
«O Gendarme Casa-se»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Intruso»
COLISEU
21.15 (13 anos)
«Sofrimento de amor»
CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«A Marquesa D'Ó»
ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«O Tubarão»
S. JOÃO
21.00 (18 anos)
«Os Barões da Medicina»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Os Homens do Presidente»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Casamento Moderno»
SALA BEBÉ
21.15 (13 anos)
«A Mulher Casada»
PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Sexo no Confissionário»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Alphaville»
S. TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«Quo Vadis»
AVENIDA
21.15 18 anos
«Criado de Confiança»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«As Aventuras de um Motorista de Táxis»

cinemas

ALVALADE

Tel. 897480

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a men. 18 anos
O TRONO DE FOGO
Uma nova dimensão nos horizontes do macabro!
com Christopher Lee, Dennis Price, Maria Schell

APOLO 70

Tel. 763319 14.15, 17.45 e 21.15

N. Acons. men. 13 anos
BARRY LYNDON
10.ª Semana
um filme de Stanley Kubrick
As 0.30h - Grupo D. m. 18 anos
PERFUME DE MULHER

AVIS

Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15

Para todos (M/6 anos)
MAS QUE TROPA!
Franco Franchi. Ciccio Ingrassia
2.ª semana

BERNA

Tel. 776098 15,00, 18.00 e 21.15

Um espectáculo de rara distinção!
A HISTÓRIA DE CINDERELA
6.ª Semana
com Richard Chamberlain, Gemma Craven
Para todos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093

14, 16.30, 19 21.15

Jack Lemmon / Anne Bancroft
DESGRAÇAS DE UM CITADINO
um filme de Melvin Frank
Não acons. a men. de 13 anos

CASINO ESTORIL

Tel. 264521 Às 15.30 (M. 6 anos)

OS REIS DA GARGALHADA
Às 18.15 e 21.15 h (M. 6 anos)
A HISTÓRIA DE CINDERELA

CASTIL

Tel. 630194 Às 15, 17, 19, 21.15h

Não acons. men 13 anos
FOXTROT
Charlotte Rampling, Peter O'Toole, Max Von Sydow
um filme de Artur Ripstein
Hoje às 24 h (Int. a m. 18 anos)
INFEDELIDADE

CONDES

Tel. 322523

14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
Kalur Bedi é
O CORSÁRIO NEGRO
5.ª semana

EDEN

Tel. 320768 14, 16.30, 19.00 e 21.15

Roy Scheider, Robert Shaw, Richard Dreyfuss
TUBARÃO
(JAWS)
6.ª Semana
Um filme de Steven Spielberg
Não acons. a men. de 13 anos
Atenção: O filme começa à hora do espectáculo

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.17.00, 19.00 e 21.15

O arranque do novo cinema brasileiro
O CASAMENTO
c/ Adriana Prieto, Paulo Porto

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

Não acons. m/13 anos
SEXO NO CONFESSIONÁRIO
Às 24 h ante-estreia (Int. a m. 18 a.)
CASAIS CLANDESTINOS

IMPÉRIO

Tel. 555134/5 15.15, 18.30 21.30

Não acons. m/ 13 anos
Gene Hackman / Condice Bergen
DESAFIO À CORAGEM
em 2.ª semana
um filme de Richard Brooks

LONDRES

Tel. 801313 **14.15, 16.30, 19 e 21.15**

Não acons. a men. de 18 anos
O INTRUSO
c/ Laura Antonelli
7.ª semana
um filme de Luchino Visconti
Hoje às 24 (Grupo B-M. 10 anos)
TORA-TORA-TORA

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.15, 21.30

3.ª semana
TAXI DRIVER
Palma de ouro - Grande Prémio Festival de Cannes

NIMAS

Tel. 574362 14.15, 16.30 18.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
Um documento único, real e importante
HOMENS E TUBARÕES
o filme de Bruno Vailati

ODEON

Tel. 326283 **15.15, 18.15 e 21.15**

Não acons. men. 18 anos
A MÃO IMPIEDOSA DA LEI
c/Philippe Leroy
Acção-romance e suspense
(colorido)

PATHÉ

Tel. 821933 14,15, 16,30, 18,45, 21.15

Int. men. 18 anos
OS PRAZERES DISCRETOS DA ALTA RODA
este filme cont. cenas event. chocantes

POLITEAMA

Tel. 326305 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 18 anos
O MAIS QUENTE ESPECTÁCULO DO MUNDO!
em 2.ª Semana
O único circo sexy do Mundo

RESTELO

Tel. 610375 Às 15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
LUTADOR DA RUA
c/ Charles Bronson, James Coburn

ROMA

Tel. 727778 15.30, 18.30 e 21.15h

Não acons. m/ 13 anos
FOXTROT
Peter O'Toole. Charlotte Rampling Max Von Sydow

ROXY

Tel. 48560 14,15, 17 45, 21.15

Da Índia uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasir Hosain
6.ª Semana
Não acons. a men. de 13 anos

S. JORGE

Tel. 554153/4 15.15, 18.15 e 21.15

Marlon Brando / Jack Nicholson
DUELO NO MISSOURI
Um filme importante de Arthur Penn
Não acons. a men. de 18 anos

STADIUM (Algés)

Tel. 2112544 Às 18 e 21.30

Int. men. 18 anos
A GRANDE FARRA

TIVOLI

Tel. 570595 15.15, 18.30 e 21.15

Michel Piccoli, Gerard Depardieu Jane Birkin em
«OS BARÕES DA MEDICINA»
um Filme de Jacques Rouffio
Não acons. a Menores de 18 anos

UNIVERSAL

Tel. 774402 15.00, 17.00 21.00 e 24 h

um filme de Jean-Luc Godard
Não acons. m/ 18 anos
O DESPREZO
Sexta e Sábado às 00.30
O DESPREZO

D. JOÃO V DAMAIA

Tel. 971794 Às 21.15

OS GOLPISTAS
Às 23.45 (Int. a m. 18 anos)
O CAMPEÃO

Rádio

1.º Programa

15.30 «Tarde desportiva»: Desporto em movimento, futebol; **18.30** Música portuguesa; **19.00** Cantorias; **19.30** «O que tenho para dizer, pelo professor» Vitorino Nemésio; **19.40** Música variada; **20.00** «Jornal da noite»; **20.30** Orquestras; **21.00** 2.º episódio do folhetim «Os Emigrados», de Judite Navarro; **21.15** «Contraponto»; **23.30** Desporto em movimento (2.ª edição); **00.00** «Último jornal»; **00.30** Conjuntos; **01.00** «Música na noite»

2.º Programa

15.30 Transmissão directa do teatro de S. Luís do concerto «Non-Stop», dedicado a Benjamim Britten. Colaboram a orquestra sinfónica da RDP, dirigida pelo maestro Brian Wright e o tenor Gerald English: 1.ª parte: Variações sobre um tema de Purcell: 1.º intervalo; Música de arco: 2.ª parte: Obras vocais e instrumentos de câmara: 2.º intervalo: O pianista Maurice Blanchot; 3.ª parte: Nocturno; Lers Illuminations e Sinfonia de requiem: no final solos de instrumentos diversos: Fantasia, op. 95, de Saint-Saëns, em harpa; Sarabanda, de Joaquim Rodrigo, em viola dedilhada; Toccata, de Frescobaldi; **20.30** Sonata n.º 2, em fá maior, op. 99, de Brahms; **21.00**: Efeméride: estreia da ópera «Pelléas et Melisande», de Claude Debussy; **21.35** Sinfonia n.º 9, de Mahler, pela orquestra Sinfónica de Londres; **23.00** «As sonatas de Beethoven»: Sonata n.º 27, em mi menor, op. 90; **23.15**: Intercâmbio musical: Temporada de concertos da Rádio da Baviera — gravações cedidas por esta estação emissora: Missa glagolítica, p/solistas, coro, órgão e orquestra, de Janacek; **23.55** Música sinfónica — Obras de Mozart: Concerto n.º 21, em dó maior, K. 467; Sinfonia n.º 41, em dó maior «Júpiter»

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)

15.05 «Tempo de desporto» Golo; **15.33** Comentador desportivo, por Vítor Ferreira de Melo; **18.05** Espaço; **18.30** «Quando o telefone toca»; **19.30** Hora luterana; **19.45**: Hóquei em Patins: Relato dos desafios Monteux-Sporting e Novara-Oeiras; **23.30** «Quando o telefone toca»; **24.00** «Nocturno»; **02.00** Fecho

4.º Programa

19.00 «Em Órbita»; **20.00** Programa da noite; **22.00** «Auditório»; **24.00** «Prisma»; **02.00** Fecho

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Ministros da C.E.E. discutem empréstimo a Portugal

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da C.E.E. vão discutir na próxima terça-feira em Bruxelas a possibilidade de participarem no consórcio internacional proposto pelos Etados Unidos para auxiliar Portugal.

Os ministros deverão discutir a posição conjunta a tomar na reunião internacional que se realiza em Paris, por proposta de Cyrus Vance, juntando alguns países industrializados do Ocidente A posição repetidamente divulgada pelas autoridades americanas é de apoiar Portugal, mas em colaboração com outros países capitalistas. No entanto a República Federal Alemã e o Japão têm levantado alguns problemas à possibilidade de cooperarem no consórcio internacional, que deveria subscrever um empréstimo de 1,5 biliões de dó,ares a Portugal.

Academia do Porto apoia Faculdade de Psicologia

. PORTO, 30 — Expressando a sua solidariedade com os alunos de Psicologia, estudantes da Academia manifestaram-se ontem, ao fim da tarde, por várias artérias da cidade. Empunhando cartazes e gritando vários «slogans» os estudantes encheram algumas ruas, patenteando à evidência que o Movimento Estudantil não está morto. Foi a maior manifestação estudantil após o 25 de Novembro.

«Direito ao Ensino, direito ao trabalho», e «Abertura imediata do Curso de Psicologia», foram as palavras de ordem que mais insistentemente ecoaram pela cidade. Outras, porém se ouviram gritadas com vigor: «Boicote aos testes», «Estudantes trabalhadores a mesma luta» e «Não à selecção, não ao «numerus clausus». Conforme facilmente se depreende dos «slogans» a manifestação constituiu para além dum repúdio pelas medidas injustas que afectam os estudantes de Psicologia, uma contestação geral à política do MEIC. Aliás, no final da manifestação, junto à Reitoria, os estudantes foram claros: «A luta continua, Cardia para a Rua». Frise-se, a propósito, que a luta dos alunos de Psicologia contra os testes de reavaliação e contra novas pré-inscrições tem sido apoiada pelas organizações estudantis de vários partidos (JC, JSD, UEC, etc) e por estudantes do PS que, inclusivamente se desvincularam do seu partido por causa da intransigência do MEIC.

Durante a concentração iniciada às 18 horas junto à Faculdade de Ciências, elementos da Comissão de Alunos da RIA (Reunião Inter-Associações) e da Comissão pró-direito ao ensino (ex-Cívicos) usaram da palavra sintetizando as razões da luta e apelando para o apoio de todos os estudantes. No termo da «manif.» foi aprovada uma moção de apoio e apelo à participação nas comemorações do 1.º de Maio.

Feira abre em Vila Franca

Inicia-se hoje, prolongando-se até 10 de Maio, a Feira de Vila Franca de Xira com a presença de 150 expositores, parte deles representando países estrangeiros. Esta II Exposição-Feira Agrícola e Industrial é promovida pelo respectivo município.

Constam do certame o I Salão Nacional de Alimentação e Vinhos, II Exposição Pecuária, I Exposição Nacional de Floricultura, I Exposição Nacional de Artesanato e um Festival Regional de Folclore. No recinto da feira estão expostos equipamento, produtos agrícolas e sintéticos, maquinaria industrial, automóveis e veículos motorizados e de transporte, gado, aviários, mobiliário, material de decoração, campismo e desporto, e brinquedos, artigos domésticos, têxteis, etc.

Haverá ainda um dia dedicado à criança, bem como o Dia das Nações, da Agricultura e da Indústria, corridas de touros, visitas guiadas e filmes técnicos, agrícolas e infantis cedidos pelas embaixadas dos países expositores, nomeadamente o Brasil e o Japão.

A Feira de Vila Franca, que em 1976 foi visitada por 80 mil pessoas, conta este ano com a colaboração de algumas instituições culturais e desportivas, designadamente a Gulbenkian, Sporting, Ginásio Clube e Misericórdia local.

Câmara de Comércio Luso-Árabe inaugurada ontem em Lisboa

. Em breve cerimónia realizada num hotel de Lisboa foi ontem formalmente inaugurada a Camara de Cmércio Luso-Árabe, à qual presidirá Abdelkader Habchi, que exerce idênticas funções em Madrid.

A Câmara tem entre os seus fundadores, Ahmed Habchi, Allaoua Bouabdellah, Nicolas Surimieri e os portugueses Jorge Carvalho de Mesquita, Eduardo Abranches de Magalhães, Ricardo Lopes Teixeira, António Brás Monteiro e Mário Torgal Moreira.

Foi entratanto anunciado que se prepara a deslocação a Portugal de uma missão económica constituída por banqueiros e homens de negócios de diversos Estados árabes.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM FEVEREIRO: 46.233
(Hoje 28 páginas)

Sindicalista rodoviário do Porto é julgado na terça-feira

. Porto, 30 — A cabada ontem a discussão da causa, foi marcada para a próxima terca-feira a leitura da sentença do julgamento do sindicalista Ismaël Silva, acusado de «injúrias à magistratura», através de um comunicado do Sindicato dos Rodoviários publicado em vários jornais aquando do caso do táxi em autogestão. Na audiência de ontem o consultor jurídico do sindicato dr. Zacarias de Carvalho, considerou que as intenções do réu não eram de forma alguma ofensivas, como inferiu a Associação dos Magistrados e recordou um debate feito na RTP em que Raul Rego fez, a propósito das libertações dos «pides», um ataque violento aos critérios dos tribunais sem que tivesse sido processado. Seguiram-se depoimentos dos dirigentes do Sindicato, Gualdino Reis e Fernando Rocha, e ainda de José de Almeida Dias, Manuel Arnaldo, Gil Oliveira Costa e João Gomes da Silva, todos eles unânimes em realçar as qualidades de Ismael Silva. Embora salientassem o período agitado que a classe vivia, todas as testemunhas frisaram o carácter moderado e sensato do arguido que tem a confiança de toda a classe. Aludiram a propósito à vitória por 78,10 por cento da lista dos actuais corpos gerentes que, conforme sublinharam, ficou a dever-se em grande parte ao prestígio de Ismael Silva.

«CAÇADA» DROGA NOS PORTÕES DE CUSTÓIAS

A vigilância da Cadeia de Custóias detectou droga à entrada dos portões, que iria ser passada para o interior por amigos e familiares dos detidos. Os portadores da droga ficaram detidos no posto da GNR de Leca da Palmeira. A vigilância apreendeu liamba, haxixe (escondida em açúcar) e diversos medicamentos em ampolas com estupefacientes.

Arma com zagalote na posse de "especialista"

. A cusado de ter tentado assaltar um supermercado na Rua Jardim do Regedor, João Manuel, um jovem retornado com diversos mandados de captura passados pela República Popular de Angola, foi ontem remetido a Juízo pela 2.ª Brigada da 6.ª Secção da Polícia Judiciária.

João Manuel, segundo o auto de notícia presente no piquete daquela corporação, foi interceptado, na madrugada de ontem, pelo guarda-nocturno da área, munido de uma pistola artesanal carregada com cartuchos de 9 milímetros, de espingarda de caça com zagalotes.

ACTIVIDADE DA P.S.P.

Um comunicado do Comando-Geral da PSP revela que durante as operações «stop» efectuadas ao longo da primeira quinzena de Abril, no continente e ilhas, foram feitas 75 detenções por posse de armas brancas e de fogo proibidas: uso, posse de droga e receitas falsas para sua aquisição; posse de falsos documentos de identificação;; por furto, assalto e burla; e ainda por desordem. No mesmo período foram, entretanto, levantados 32 autos por falta de boletim de sanidade e indicação de preços nos artigos expostos, tendo sido fiscalizados 51 estabelecimentos.

OURIVERSARIA ASSALTADA EM OLIVAIS-SUL

Indivíduos ainda não identificados furtaram de uma ouriversaria situada na Avenida Cidade de Lourenço Marques, em Olivais Sul, 270 relógios, vários pares de óculos de sol, um lote de moedas de prata níquel e bronze, bem como vários berloques, tudo avaliado em trezentos contos.

Temudo Barata director do I.A.E.M.

Assumiu a função de director do Instituto de Altos Estudos Militares o general Temudo Barata, em substituição do general Nunes da Silva, que por ter atingido o limite de idade se encontrava já na situação de reserva.

Embarque de viaturas e bagagens a despacho em Moçambique

. De acordo com um aviso publicado no «Boletim da República» pelo Governo da República Popular de Moçambique, os proprietários das bagagens e viaturas submetidas a despacho de exportação antes da publicação do Decreto n.º 34/76, de 14 de Outubro, devem solicitar nas respectivas instâncias aduaneiras, até 15 de Maio próximo, qualquer dos seguintes destinos para os seus bens:

. A) Embarque para o país de destino;

. B) Transferência para os portos ou aeroportos do Maputo ou da Beira, nos termos do artigo décimo primeiro do Decreto n.º 34/76;

. C) Cancelamento do bilhete de exportação e retirada dos bens do recinto fiscal.

Excedida a data fixada, os bens serão considerados como demorados além dos prazos legais e removidos para os armazéns da alfândega, nos termos gerais do contencioso aduaneiro em vigor.

Firmado protocolo luso-húngaro

. .O protocolo luso-húngaro relativo aos trabalhos da segunda sessão da comissão mista bilateral foi assinado no Palácio das Necessidades. Na circunstância, o secretário de Estado português do Comércio Externo lembrou que o protocolo era apenas «o suporte jurídico para as relações comerciais», cabendo às empresas «intensificar as trocas entre os dois países».

Por seu turno, o vice-ministro húngaro do Comércio Externo acentuou que «o Governo da Hungria está interessado em alargar as trocas comerciais com Portugal, na base do interesse mútuo».

A delegação húngara, que inclui alguns funcionários de departamentos ligados ao Comércio, aproveitou a sua estada em Lisboa para visitar as empresas fabris Mague (privada) e Sorefame (intervencionada), a fim de avaliar das suas capacidades de exportação.

Português eleito "vice" da FICA

. Francisco Leite Monteiro, da Shell Portuguesa, foi eleito vice-presidente da Federação Internacional de Compras e Aprovisionamento (F.I.C.A.) para os próximos dois anos. A eleição fez-se no decorrer da reunião anual desta organização, que teve lugar em Veneza com a participação de 475 congressistas de todo o mundo.

Dos três congressistas portugueses só o novo vice-presidente da organização voltou a Lisboa, pois os outros dois, António Vilarigues, da UNIFA, e Armando Mateus, da Petrogal, seguiram respectivamente para Hannover e Londres.

À sua chegada a Lisboa Leite Monteiro afirmou ser necessário formar mais e melhores técnicos que correspondam às necessidades do País e acrescentou que essa necessidade se enquadra perfeitamente nos objectivos da organização para cuja vice-presidência acabara de ser eleito.

Nome do Povo

IMAVOX É DA RDP?

A Imavox pertence à RDP. A RDP pertence ao Estado. O Estado guia-se (ou devia guiar-se), por uma constituição progressista — tornada possível pelo 25 de Abril. Ora a Imavox acaba de gravar uma canção orquestrada pelo sr. José Calvário, da autoria de Diogo Amorim e José Campos de Sousa (da Banda do Casaco), cuja letra diz isto: «tragam rosas brancas/ para a pátria morta/ sem olhos de mar/ perderam a luz, o som, o sol e a distância/ para ti pátria morta/ tragam rosas brancas»...

A Imavox é da RDP? A RDP é do Estado? O Estado tem Constituição progressista?

«ESSES NÃO»

A versão oficial para a ausência dos correspondentes dos países socialistas, num recente almoço oferecido pelo 1.º ministro a jornalistas estrangeiros, foi a de que tinham sido convidados os que estavam mais à mão.

Mas existe uma outra versão que contraria a oficial. Ou seja, teria sido o próprio director de Serviços de Informação da Secretaria de Estado da Comunicação Social, que teria dado recomendações para não se convidar a imprensa dos países socialistas. E teria mesmo dito (assequram-nos): «esses não. Esses só quando for sobre desanuviamento e é para lhes darmos uma lição».

O mesmo, e «pluralista» director, teria ainda manifestado a opinião de que não se convidasse o «Le Monde», por ser «um jornal socialista»...

Lixeira ameaça população de Pinguela

. PORTO, 30 — A população de Pinguela (Matosinhos) está há três meses em luta contra a instalação improvisada de uma estação de recolha de lixos que a Câmara local instalou num terreno próximo daquela localidade. As moscas são aos milhares, o mau cheiro é insuportável e a saúde dos habitantes corre perigo.

Entretanto os moradores de Pinguela barraram o acesso dos camiões do lixo àquele local e só deixarão efectuar a desinfestação quando as autoridades se comprometerem a acabar com a lixeira.

O vice-governador civil do Porto e o delegado de Saúde de Matosinhos deslocaram-se ontem ao local para tentar resolver o problema que ameaça a população de Pinguela.

Benefícios fiscais para emigrantes

. Os emigrantes portugueses passam a beneficiar de reduções fiscais na importação definitiva de automóveis, segundo um decreto-lei hoje publicado na folha oficial.

Os veículos automóveis pertencentes há mais de um ano a emigrantes portugueses, quando importados definitivamente passam a beneficiar das seguintes reduções — 2.º ano de vida do veículo 50 por cento; 3.º ano, 60 por cento, 4.º e 5.º anos, 70 por cento, e mais de cinco anos, 80 por cento.

Esquadra francesa em Lisboa

. Seis navios da Esquadra Francesa do Atlântico, com uma tripulação de 1450 oficiais e marinheiros sob o comando do vice-almirante Philippe de Gaulle, farão escala em Lisboa de 2 a 6 de Maio. O público poderá visitar dois destes navios: «Le Normand» e «Aconit», nos dias 3 e 6, das 14 e 30 às 17 e 30.

Frente do abriu delegação em Moçambique

. Uma representação permanente da Frente Patriótica do Zimbabwé abriu na capital de Moçambique.

Usando da palavra na cerimónia inaugural, o ministro de Estado Óscar Monteiro reafirmou o apoio do Governo moçambicano e da Frelimo à luta das forças patrióticas do Zimbabwé contra o regime de Smith, mostrando-se convicto de que «serão derrotadas as manobras do imperialismo internacional».

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

sete PONTO sete
suplemento semanal
DL

jorge leitão ramos
cinema 3

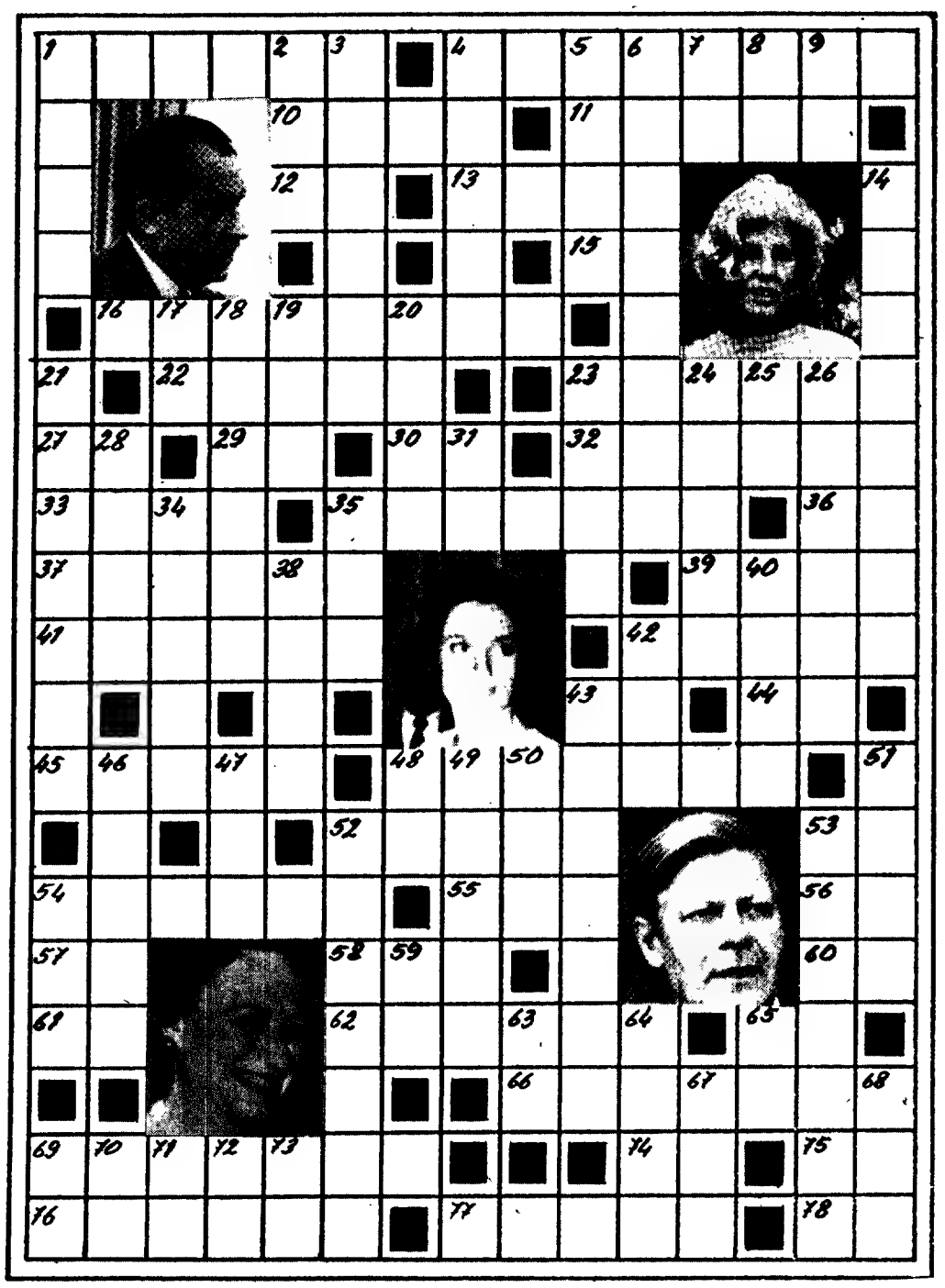
luís de miranda rocha
Livros 6

carlos porto
teatro 7

televisão 8

coordenação de mário lindolfo
orientação gráfica de rodil garcia

Lisboa, 30 de Abril a 6 de Maio de 1977



palavras cruzadas

HORIZONTAIS:

1/4 É a esposa do presidente da França que visitou a União Soviética em 1968. 10 O mesmo que ocra. 11 Praia. 12 Radio (s.q.). 13 Qualquer carruagem. 15 Amónio (s.q.). 16/48 É a esposa do primeiro-ministro que assinou um acordo de colaboração entre a União Soviética e o Canadá. 22 O mesmo que siamês. 23/35 Foi também conhecida por duquesa de Windsor a protagonista da «mais bela história de amor» do século XX. 27 Preposição. 29 Sua Santidade. 30 Nota musical. 32 Transferira para outro dia. 33 Feiticeiro. 36 Distar. 37 Loucos. 39 Filtrai. 41 Dormis. 42 O que é certo. 43 Nesse lugar. 44 Duas vogais iguais. 45 Género de moluscos dos mares quentes e temperados. 52 Que tem asas. 53 Batráquio. 54/69 Ele confirmou que Portugal se encontra entre os potenciais compradores de um reactor nuclear produzido no seu país. 55 Maior. 56 Artigo definido (ant.). 57 O mais. 58 Azáfama. 60 Cânhamo de Manila. 61 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. 62 Acalmai. 65 Rio de Itália. 66/77 Deposto pelo escândalo «Watergate» este presidente vende as suas memórias numa entrevista por 650 mil dólares. 74 Preposição e artigo. 75 Compaixão. 76 Freguesia do concelho de Ponte da Barca. 78 Antes do meio-dia.

VERTICAIS:

1 Cidade da Galileia. 2 Sofrimento físico ou moral. 3 Deram aviso de alguma coisa em voz alta. 4 Epidemia. 5 Mulher que exerce a arte mágica. 6 Que alcançou um prémio ou mais. 7 Hospedaria oficial, na China. 8 Doa. 9 O lado do vento. 14 Noticiaria. 17 Alteza Sereníssima. 18 Risada (pop). 19 Fluido aeriforme. 20 Tornei a ler. 21 Pessoa ruim (fig). 23 Golfo na costa oriental da Inglaterra. 24 Género de mamíferos carnívoros, félidas. 25 Pêlos de certos animais. 26 Habitante da Iria. 28 Mata (Gir). 31 Amónio (s.q.). 34 Piolho. 35 Abreviatura de Santíssimo Sacramento. 38 Terreiro em que se junta o sal, ao lado das marinhas. 40 Antiga cidade da Eubeia. 42 Reme para trás. 43 Enfeitai. 46 Rua estreita. 47 Um milhar (inv). 48 Tálio (s.q.). 49 Ramificação. 50 Graúdo. 51 Salva ou bandeja de metal (ant). 52 Atingido por uma doença. 53 Fale mal de. 54 Tempo do verbo haver. 59 Nota musical. 63 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). 64 Pequeno (T. da Madeira). 65 O mesmo que bétele. 67 Primeira sílaba da palavra designativa de glória. 68 Donativo. 69 Sentidas condolências. 70 Crómio (s.q.). 71 Existe. 72 Manuscrito. 73 Item.

Câmara Municipal do Concelho de Torres Vedras

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «CONSTRUÇÃO DO ACESSO DA E. N. 115-2 AO NOVO CEMITÉRIO DA VILA»

PREÇO BASE ..... 1 600 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA ... 40 000$00

Alvará(s) exigido(s): IV Categoria ou da 1.ª Subcategoria da IV Categoria e da classe que cubra o valor da proposta.

LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS:

Local: Paços do Concelho de Torres Vedras.

Serviço de Secretaria (Secção dos Serviços Centrais), dentro das horas de funcionamento normal até ao último dia do prazo de 20 dias contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República».

O local do acto público do concurso terá lugar na Sala de Sessões da Câmara, na primeira reunião ordinária que se realiza a seguir ao termo do prazo acima referido, pelas 16.00 horas.

O processo desta empreitada pode ser examinado durante as horas de expediente dos serviços públicos.

Torres Vedras, 18 de Abril de 1977.

O Presidente da Câmara

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

ADMISSÃO DE PESSOAL DE ENFERMAGEM

Para conhecimento dos possíveis interessados se publica que se encontram abertas até ao dia 29 de Abril corrente, inscrições para pessoal de enfermagem neste Organismo.

Poderão candidatar-se os indivíduos que tenham idade compreendida entre os 18 e os 45 anos de idade, para os seguintes lugares:

Enfermeiros de 2.ª classe — Entre os habilitados com o Curso Geral de Enfremagem, ou o curso de Promoção Profissional de enfermeiros de 3.ª classe

Auxiliares de Enfermagem — Entre os habilitados com o curso de Auxiliares de Enfermagem.

Serão prestados todos os esclarecimentos pretendidos, no Serviço de Pessoal — Campo Mártires da Pátria 91, 2.º, Esq. — Lisboa-2.

PUB.

CARRIS

A CARRIS INFORMA

CARROS ELÉCTRICOS

CARREIRA N.º 16

PROLONGAMENTO DE BELÉM A ALGÉS

No próximo dia 2 de Maio, segunda-feira, o percurso da carreira N.º 16 é prolongado a Algés, passando a mesma a ser designada por

CARREIRA N.º 16: POÇO DO BISPO – ALGÉS

carreira que aliviará a carga de passageiros com que presentemente se encontra a carreira N.º 15.

Décimo Cartório Notarial de Lisboa

A cargo do notário lic. Manuel Rodrigues Mendes de Andrade

Certifico para fins de publicação que por escritura de 16 de Fevereiro de 1977, lavrada de folhas 19, verso, a 21, do Livro número G-85 de escrituras diversas deste Cartório, foi entre ARTUR FERNANDO DE CARVALHO ANDRADE, CECÍLIA MARIA DE SOUSA TRAVASSOS AFONSO CONDADO e JOSÉ PAULO BOAVIDA BALEIRAS HENRIQUES, constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «ANDRADE & BOAVIDA, LIMITADA», tem a sua sede e domicílio em Lisboa, na Rua Professor Reinaldo dos Santos, lote oito, oitavo andar, esquerdo, freguesia de S. Domingos de Benfica, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

SEGUNDO — O objecto da sociedade consiste no comércio de vestuário, ou no exercício de qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem.

TERCEIRO — O capital social é de sessenta mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de três quotas, iguais, de vinte mil escudos, uma de cada um dos sócios, Artur Fernando de Carvalho Andrade, Cecília Maria de Sousa Travassos Afonso Condado e José Paulo Boavida Baleiras Henriques.

QUARTO — Os sócios poderão efectuar prestações suplementares de capital, ou suprimentos, conforme for decidido em assembleia geral, devendo essa deliberação constar da acta respectiva.

QUINTO — A gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios, sendo necessárias as assinaturas de dois dos gerentes para obrigar validamente a sociedade e para a representar em juízo e fora dele, activa e passivamente.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os gerentes podem delegar, por meio de procuração, todos ou parte dos respectivos poderes de gerência, em quem entenderem, e a sociedade fica também com a faculdade de constituir mandatários, nomeadamente para os efeitos do disposto no artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

SEXTO — É vedado a qualquer gerente, delegado ou mandatário, obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e, de um modo geral, em actos e operações alheios ao objecto social.

SÉTIMO — A cessão de quotas entre sócios é livre, mas a estranhos é concedido o direito de preferência à sociedade e, em seguida, aos sócios, podendo a quota ser dividida na proporção das quotas respectivas no caso de a quota ser pretendida por mais de um sócio. Se o direito de preferência for exercido, o cedente não poderá receber valor superior ao que resultar do último balanço.

OITAVO — No caso de qualquer quota ser objecto de arresto ou penhora, a sociedade fica com o direito de a amortizar pelo valor que resultar do último balanço.

NONO — Quando a lei não exigir outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência.

DÉCIMO — Os sócios-gerentes que executem a sua actividade profissional na sociedade terão direito a uma remuneração de trabalho, conforme o estipulado em acta.

ESTÁ CONFORME AO RESPECTIVO ORIGINAL

Lisboa, aos 25 de Fevereiro de 1977.

O Ajudante
Maria Luísa Galveias Andrade

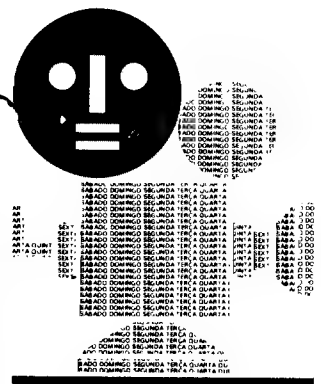
AMORTECEDORES
Reparo e Reconstrução todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE
dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

circular é viver

RESTAURANTE SAISA

COMUNICA aos seus estimados Clientes e Amigos que se encontra encerrado no próximo dia 1 de Maio.

A GERÊNCIA



CINE/PONTO

O INTRUSO
de Luchino Visconti
(Itália — 1975/76

Nada mais que a contemplação, o folhear melancólico de um mundo feito de paixões, pintado com as cores definitivas e fatais de uma classe que está já à margem da Hisgória e se consome.
Daí o cenário hipercarregado, moldura de uma classe enclausurada, daí o longo deslizar de uma câmara atenta mas não interveniente, daí a morte antes do fecho.
Mas é a alvorada quem chega por sobre as áleas do jardim.

Cinema Londres
(não acons. men. 18 anos)

BARRY LINDON
de Stanley Kubrick
(G.B. — 1975)

É o olhar deste filme um olhar do século XVIII? Tal afirmação, por nós enunciada, levanta algumas questões fulcrais: será um cinema que imageticamente se mimetiza com o olhar dos pintores oitocentistas um cinema que, fatalmente, esteja no mesmo local? Dito de outro modo: bastará que o «quadro» seja plasticamente o mesmo para que se afirme que o «olhar» é o mesmo?
Questão, que, afinal de contas, se resume na reavaliação dos vários materiais que constituem um filme. O destaque que se tem dado à composição estática do «quadro» neste filme (fruto, talvez, do rigor e da esmagadora beleza com que está composto) e o escamoteamento de outras componentes (das quais a menor não é por certo a relação ética — pré-política — que se estabelece entre os personagens) é, quanto a nós, uma das razões que tem levado a que se assista a uma curiosa resistência por parte de muitos (nós incluídos) a penetrar no interior do filme e a ficar pela estéril hiperadjectivação.

Cinema Aplo 70
(não acons. men. 13 anos)

ISTO É ESPECTÁCULO
de Jack Haley Jr.
(USA — 1974)

Uma «colagem» multiforme de momentos extraídos dos velhos sucessos musicais da Metro Goldwyn Mayer. Extractos de filmes de Busby Berkeley, Vincente Minnelli, Stanley Donen Normam Taurog e por aí fora, onde se poderão rever astros da estirpe de Judy Garland, Fred Astaire, Mickey Rooney, Frank Sinatra, Cyd Charisse, Ginger Rogers, ou seja, tudo nomes que fizeram de ouro uma época de cinema americano.

Cinema Stadium — Algés (dias 2 e 3)
(não acons. men. 13 anos)

O DESPREZO
de Jean-Luc Godard
(Itália-França — 1963)

Exibido em Lisboa por uma efémera semana, eis que regressa agora o célebre **Le mépris** de Godard, um filme que, se mais não fora, vem provar como é possível utilizar produtivamente materiais tão poluídos como Jack Palance e Brigitte Bardot.

Do que este filme fala, porém, nò essencial é da clara dictomia (que já não afrontamento entre duas culturas em presença, pontada pelo erguer de uma terceira perspectiva do mundo que se desenha por detrás da máquina no acto de criar esta película.
Um dos melhores filme de Godard (afora todos os outros).

Cinema Universal
(não acons. men. 18 anos)

TAXI DRIVER
de Martin Scorsese
USA — 1975)

Eis o regresso em força da noite americana. Um regresso fascinado e incrivelmente lúcido, um olhar sobre a neurose individual mas que breve poderá ser colectivizada. E então seria o nazismo que voltava.
Eis o grande cinema americano em exibição. Uma câmara nervosa, sensível, em movimento, uma banda de música inquietante, tensa e agressiva, actores que erguem episódicos fantasmas do asfalto.
Eis aquele que é um dos melhores filmes actualmente em cena na capital.

Cinemas Mundial e Quarteto — sala 2
(interdito a men. 18 anos)

OS DEMÓNIOS DE ALCÁCER KIBIR
de José Fonseca e Costa
(Portugal — 1975/76)

Que saibamos, ainda ninguém falou das mulheres que este filme inventaria e afirma. Do papel materno, castrador, mitológico ou libidinal que elas assumem na galeria dos demónios de Fonseca e Costa. Ninguém falou dessa onda interior de desejo e raiva (e alegria) que Zita Duarte faz brotar do seu personagem. E as mulheres são metade do mundo e talvez mais de metade das muitas chaves parcelares deste filme. É urgente partir à sua descoberta.

Cinema Quarteto — sala 1
(não acons. men 18 anos)

OS DEMÓNIOS EM PLENO

Há quinze dias aqui demos conta das deficientes condições em que estava a ser projectado o filme **Os Demónios de Alcácer-Kibir**. Protesto que lavrámos como forma de pugnar por uma dignidade de exibição que todo o cinema deve ter mas que, em especial, deve ser apanágio do cinema português. Serve esta nota para informar o leitor do 7.7 que os nossos reparos já deixaram de ter razão de ser.
A cópia que se encontra neste momento a ser exibida é já uma cópia nova, estando, portanto, garantidas as melhores condições de imagem e som possíveis. É sem reservas que lhe dizemos, leitor, para ir ver este filme. Aliás milhares de outros leitores já lá foram. E não é bom ficar-lhes atrás.

J. L. R.

O Cinema depois de Abril

E vão três anos que caiu o fascismo.
Lembro-me: era uma manhã que parecia mais clara e diferente, como se o espectáculo fosse agora a rua e os cravos salpicassem de vermelho o cinzento esverdeado dos carros militares. Era algo de incrível e soube que não sonhava porque as pernas doiam ao fim de um dia em que ninguém arredava pé. Era a História que se fazia mas era sobretudo a festa.
Na manhã de 26 soubemos todos que o programa do MFA ia mais longe do que sonhamos possível. Na noite de 26 estreava-se no Londres o primeiro filme imaculado de Censura. Chamava-se **Hiroshima, meu amor** e para nós, representava tudo aquilo que nos tinham vedado durante tantos anos. O primeiro filme livre que vimos não era a pornografia, era uma das obras mais desejadas de todo o cinema.
E depois, lembram-se?, veio o hastear do cartaz, do **Couraçado Potenkine** no Império e era a lenda, o mito, que havitava a nossa rua, de súbito ocupada por milhões que traziam consigo décadas de raiva acumulada.
E depois veio **O mal amado**; era o último filme português que o fascismo baniria; falava de nós, da guerra e de um tempo em que a frustração era o único futuro.
Abril trouxe, para o cinema também, a inesperada liberdade. Uma liberdade que tacteávamos, que bebíamos às golfadas, sofregos e ébrios de alegria. Que tinha o seu quê de provinciano (lembram-se da estreia de **O Último Tango em Paris?** Vivia-se na sala do S. Jorge uma atmosfera de libidinosa transgressão que depressa o filme dissipou) como se todos tivessem medo de estragar essa espécie de brinquedo novo com que aprendíamos a conviver e a usar.
Toda a gente queria, de repente, ver o até então invisível e as salas de cinema enchiam-se como nunca.
Depressa, porém, o tempo cronológico tomou o passo a um tempo mítico que então habitávamos. O cinema, afinal de contas, era uma acividade comercial e as suas regras começaram a debitar tudo o que sabemos. As empresas (na sua maioria subsidiárias das grandes multinacionais americanas) fortaleceram o seu domínio, ditaram leis e práticas, resistiram ao avanço popular que se verificava por todo o lado, endureceram posições. Não era o mesmo cinema aquele que lhes e nos interessava.
No cinema português, também, Abril veio oferecer novos horizontes e clarificar posições. A luta de classes que o atravessou profundamente durante estes anos, por vezes pouco clara na sua enunciação e no seu imediatismo, mas clara e real na sua prática, foi um dos fenómenos mais ricos de lições que, no campo cultural, Abril proporcionou. E que, hoje, se mantem em outros moldes mas de não menor significado.
Três anos depois do MFA irromper na cena pública como força de libertação, a situação do cinema não deixa de ser paradoxal. No campo da distribuição-exibição tudo como dantes. Apenas a ausência de censura oficial e o livre curso dos mecanismos capitalistas oferecem uma face algo diferente ao panorama.
No campo do cinema português se houve e há um notável incremento na produção, os canais de divulgação permanecem tão (ou mais) fechados que antes.
E que lá onde a fundamental contradição se desenha, na esfera do capital, o cinema depois de Abril não abriu a mínima brecha. O que, afinal de contas, apenas quer dizer que Abril continua sempre.

DUELO NO MISSOURI
de Arthur Penn
(USA — 1975)

O universo do **westem** dinamitado por dentro. A epopeia, a poesia dos espaços livres a descobrir, a ética dos duelos de frente e ao pôr do Sol, o maniqueísmo, são traves que se corroem e se misturam; a mística da conquista do Oeste morre aqui.
Mas não sem amargura. Se não há sentimentos grandiosos em cena mas apenas uma luta breve por um dia-a-dia que se prolongue o mais possível, se o sonho e a saga estão longe, **Duelo no Missouri** é, no entanto, a face mais humana e menos olímpica do Oeste que se redescobre. A America nao gostou de a ver.

Cinema S. Jorge e Quarteto — sala 3
(não acons. men. 18 anos)

XICA DA SILVA
de Carlos Diegues
(Brasil — 1975/76)

Um cinema ancorado nas fundas raízes da tradição popular, palco de um clima orgíaco e febril que envolve um claro afrontamento entre duas culturas. Um cilme cuja cena transborda continuamente para o excesso mas onde a câmara de Digues se mantém distanciada e cúmplice; e é ainda a ironia (veja-se a «Reconstituição» do Brasil colonial oitocentista materialmente rigorosa mas subterraneamente ao jeito de «pastiche» feérico) o que sobra do olhar do realizador.
A não esquecer o trabalho dos actores.

Cinema Monumental
(não acons. men. 13 anos)

DESAFIO À CORAGEM
de Richard Brooks
(USA — 1975)

Um filme que procura estar no espaço e na ideologia do **western** clássico e sabe, simultaneamente, não ser possível reocupar esse lugar.
Desafio à coragem fica, por isso, numa terra de-ninguém num ponto que nem é de equilíbrio mas que esta, alternadamente, em planos inclinados que o levam para lugares diferentes e contraditórios.
Daí a pouca coesão que o filme mostra, o seu arrastamento temporal injustificado, a clara desagregação que o corrói quase desde o começo.
Um grande realizador, como Brooks, também pode ter momentos falhados.

Cinema Império
(não acons. men. 13 anos)

Sessões da meia-noite

ALMADA — Academia
Sábado e Domingo
— «A Quadrilha» — M/18)

EUROPA
Sábado — «Criado para todo o serviço» — (M/18)

LUMIAR

Sábado — «3 Anjos de guarda» — (M/18)

CINEBOLSO

Sábado — «Eu e ele» — (M/18)
Segunda — «O Mestiço» — (M/14)
Terça — «A Mafia manda matar» — (M/18)
Quarta — «Droga, loucura, morte» — (M/18)
Quinta — «Aí vem Django» — (M/13)
Sexta — «Quatro noites de um sonhador» — (M/18)

PARIS

Sábado — «A Violência do leopardo» — (M/18)

CASINO DO ESTORIL

Sábado — «A Esposa virgem» — (M/18)

ESTÚDIO 444 — «Casais clandestinos» — (M/18)

CASTIL — «Infidelidade» — (M/18)

LONDRES — «Toral Toral Toral» — (M/10)

APOLO 70

Sábado — «Perfume de mulher» — (M/18)
Segunda — «Sereia do Mississipi» — (M/18)
Terça — «Ensina-me a viver» — (M/18)
Quarta — «Os Amores de uma adolescente» — (M/18)
Quinta — «Lua de mel» — (M/18)

CINEARTE

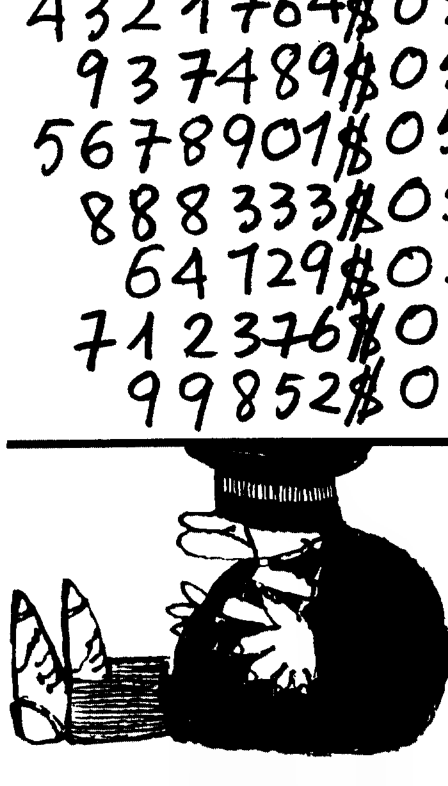
Sábado — «As 14 Amazonas» — (M/18)

D. JOÃO V

Sábado — «O Campeão» — (M/18)

POEMA AO ~~PATRÃO~~ EMPREENDEDOR

1257911$00
238501$05
932872$05
3459700$05
218312$05
3452100$05
67211$05
412397$05
12498$05
2945$05
1$05
$05
987645$05
9865$05
176$05
109765$05
69213$05
89743132$05
4321764$05
937489$05
5678901$05
888333$05
64729$05
712376$05
99852$05

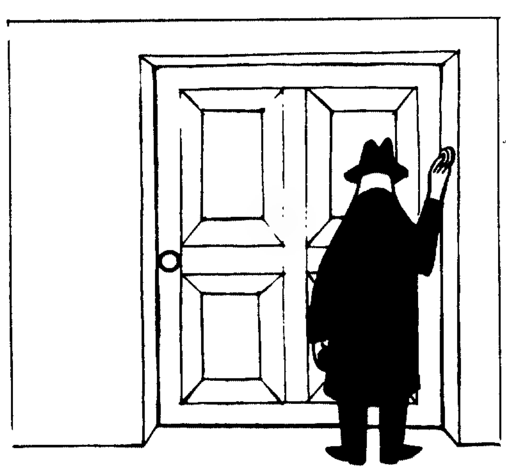


Patrões unidos jamais serão vencidos

Em plenário realizado na vila de Rio Maior, foi aprovada uma moção que institui o 30 de Abril como o Dia do Patrão. Esta medida, aprovada por unanimidade e de pé, com aplausos, é do mais largo alcance empresarial. No fim da AGP (Assembleia Geral de Patrões) a rica assistência cantou «Patrões Unidos Jamais Serão Vencidos», ao mesmo tempo que eram condecorados os empegados mais humildes e antigos da casa, que nunca ousaram pedir aumento de salário ou entrar em greve, dando mesmo algumas informaçõezinhas ao chefe do pessoal.

Um porta-voz das entidades patronais ali reunidas confiou ao «Sete-Ponto-Sete» que a ideia do plenário surgiu na manhã do 25 de Abril de 1974, devendo-se o atrazo da reunião ao facto de alguns empresários se terem ausentado por três anos no Brasil, chamados a negócios urgentes.

J. Pimenta



Finalmente de regresso, com todas as garantias por parte do Governo de que ninguém lhes ocupará as fábricas, os campos e as casas de praia, os patrões decidem agora ter o seu Dia especial, com comemoração todos os anos a partir de hoje.

Para este 30 de Abril estão previstas várias cerimónias, a primeira das quais será a colocação da miniatura de um relógio de ponto na campa do Patrão Desconhecido, seguindo-se a apresentação de cumprimentos aos membros do Governo que mais se distinguiram na luta pela propriedade privada. Do programa de festejos consta ainda a cerimónia da entrega do chicote de ouro ao empresário mais dinâmico do país.

Um ponto alto das comemorações será assinalado pela apresentação de uma proposta de congelamento dos mealheiros de barro dos trabalhadores, suspeitando-se que a moção venha a ser aprovada por todos

Grão-Pará

os patrões, do Minho ao Algarve.

Em Lisboa, a concentração do povo empresarial far-se-á na Praça de Londres, seguindo em manifestação automóvel até ao ministério que representa a classe, ali próximo.

Na circunstância, usarão da palavra um banqueiro, um latifundiário, um industrial de pesca e um proprietári de imóveis horizontais, na exaltaçã do trabalho duro daqueles que nasceram para mandar e têm sid compreendidos pelos outros qu nasceram com o estigma da humildade e da obediência.

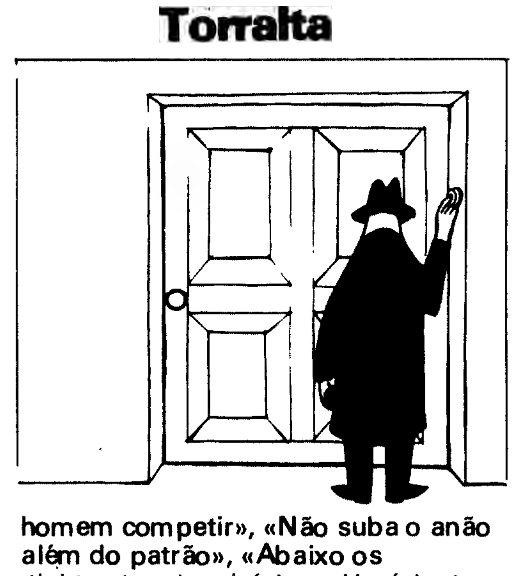
Segundo a comissão organizado 30 de Abril que decorrerá sob o le «Patrões de todo o mundo uni-vos será anunciada a criação de um fundo de «lock-out» que conta já com a verba simbólica de trinta milhões de contos.

Assim, o povo patrão sairá à rua de carro, prevendo-se mesmo o abandono das viaturas por breves momentos, quando, junto à praça do Marquês, se proceder à queima de 50 mil cartazes com a fotografia de Vasco Gonçalves em corpo inteiro e papel Couché. Neste momento solene, serão lidos telegramas, cartas e jornais de apoio, sendo mais que certa uma forte representação, no acto, de três dos principais partidos políticos do país. Então, serão distribuídas pelos presentes as cinzas dos cartazes, devendo cada um fungar uma pitada numa manifestação antigonçalvista carregada de significado.

A cruzada patriótica culminará no Rossio, com a substituição da estátua de Maximino, Imperador do México, pela maqueta em bronze de um prédio de rendimento, simbolizando a força da coisa privada.

Serão palavras de ordem «Empresas sem rei nem roque pedem polícia de choque», «Os pobres que paguem a crise», «Só o lucro faz o

Torralta



homem competir», «Não suba o anão além do patrão», «Abaixo os dividendos de miséria», «Horário das 90 horas, já».

Pela sua parte, o Governo garantiu que serão violentamente reprimidas as provocações de quaisquer trabalhadores que apareçam no sítio a fazer caretas aos empresários, não sendo aconselhável a permanência no local de indivíduos económica e fisicamente débeis.

Um comunicado do ministério competente lembra que em Democracia os direitos são iguais, e se os trabalhadores têm o seu dia é justo que os patrões comemorem a data que escolheram. Além disso — prossegue o comunicado oficial — um país sem patrões comprometeria seriamente o avanço para o

30 DE

DI

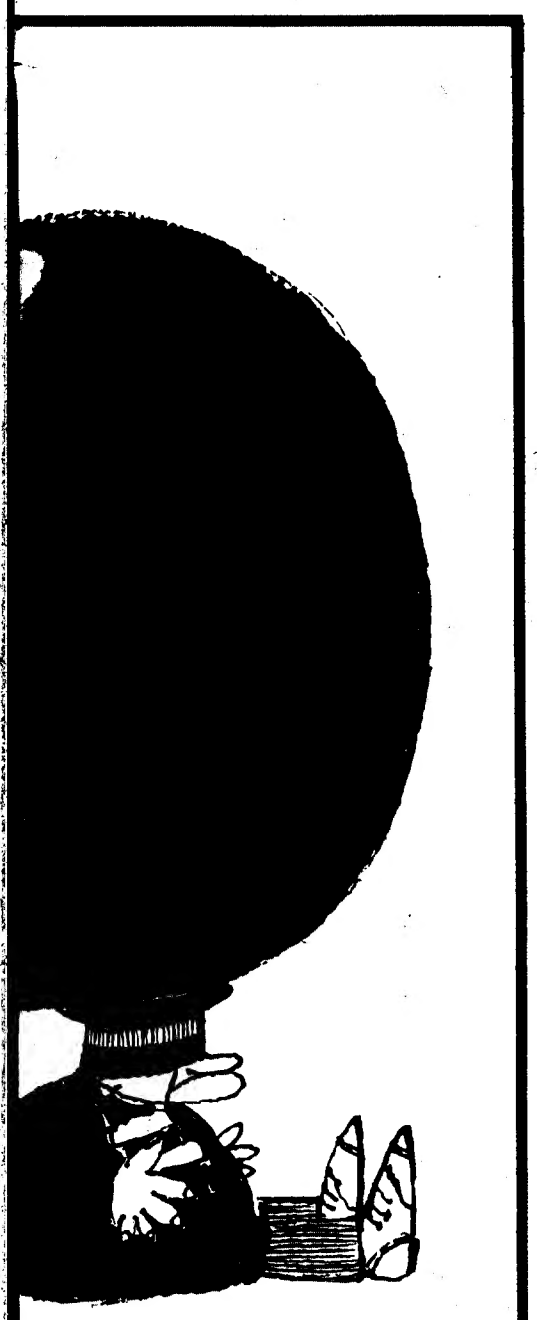
DO PA

Socialismo em Liberdade. A propósito, um patrão comentou: «Se soubessem o que custa mandar, gostariam de obedecer toda a vida...», enquanto outro acrescentava «essa é que é essa».

Entretanto fontes próximas de quem de direita admitem que os trabalhadores saberão receber os capitalistas que vêm regressando a Portugal para retomar os seus negócios, entregando-lhes as chaves da loja, do escritório e da fábrica: «Alguns operários pensam mesmo cotizar-se para oferecer uma lembrança ao patrão, à senhora e aos meninos».

Em Carta Aberta (prova de confiança) certos trabalhadores não hesitam em subscrever moções de apoio ao regresso dos patrões mais dinâmicos, classificando-os de «dinâmos geradores de corrente de alta tensão». O que é verdade.

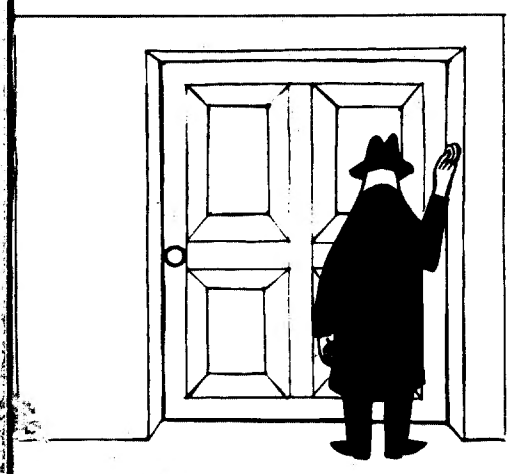
Por outro lado, e ainda a propósito de geradores, sabe-se que um dos patrões mais queridos da população socialmente activa (por sinal ainda ausente no Brasil) aguarda que o



ABRIL A TRÃO

Governo despache favoravelmente um pedido para a instalação de importante fábrica na cintura industrial de Lisboa. Trata-se de um

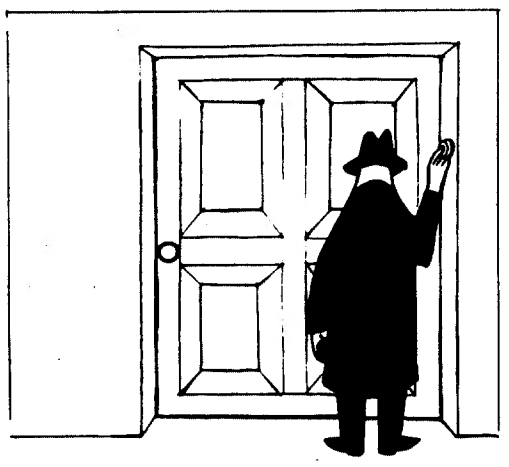
Guérin



plano sensacional, revolucionário, que consiste na recolha da energia de trabalhadores em greve perseguidos pelos agentes da ordem. Diz este patrão que se tem desperdiçado toda aquela força produzida por um homem à frente do «cassetete» e, no entanto, é possível armazená-la, como se faz com a energia atómica, solar e outras. O antigo gerente deste empresário não se conteve: «Aquele homem é uma cabeça!»

É claro que este projecto tem o perigo de poder ser posto em prática pelos trabalhadores, com os patrões à frente a produzir energia embora os primeiros não tenham descoberto o

Têxtil Manuel Gonçalves



maldito processo de a armazenar.

Aliás, outros planos poderão ser levados a efeito a curto prazo se forem dadas garantias aos «dinâmos geradores»: desde fábricas de azulejos com capacidade para a produção de branquejos, até à concretização prática de uma outra ideia sobre a qual não foram revelados pormenores devido ao perigo de espionagem industrial.

Estamos no entanto autorizados a dizer que se trata de material escolar, com destaque para essa peça indispensável,o duplo-decímetro, que (segundo os cálculos) passará a ser maior, com todas as vantagens inerentes. Um porta-voz do ministério respectivo não escondeu a emoção: «Um duplo-decímetro maior. É a Revolução Cultural!».

Voltando ao Dia do Patrão, sabe-se que a realização de uma outra «manif», a manhã, vem sendo contestada pelos empresários, que consideram o Primeiro de Maio uma manobra provocatória visando tirar o brilho ao 30 de Abril. Além disso, afirmam os patrões, «o nosso pedido de manifestação foi o primeiro a dar entrada no Governo Civil».

TRÊS ANOS DE RESISTÊNCIA

Com vista a prepararem as comemorações do Dia do Patrão, regressaram há já algum tempo ao país dois empresários de grande dinamismo: D. Fernanda Pires da Silva, administradora da Grão-Pará e o senhor João Pimenta.

Espera-se a todo o momento a chegada de muitos outros capitalistas amigos dos trabalhadores.

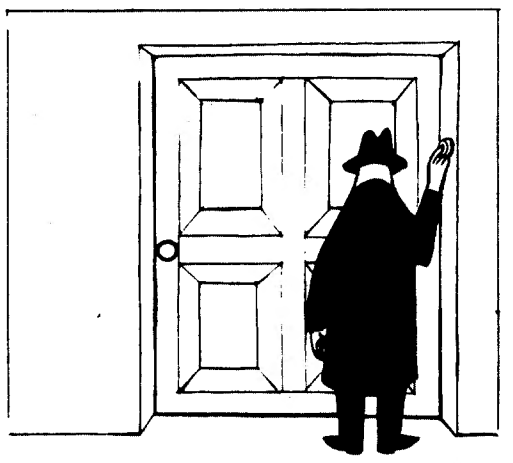
Em declarações exclusivas para o «Sete-Ponto-Sete», J. Pimenta afirmou categoricamente «pois, pois», acrescentando que «certos operários julgam que a nossa vida é um mar de rosas. Mas eu gostava de vê-los a contar os meus lucros, sem desanimar, sem horas para comer nem para dormir, de sol a sol, como eu faço. Eles não sabem que ser empresário, hoje, significa muitas vezes ter de conferir milhares de contos em notas de vinte, porque há sempre um malandro disposto a enganar-nos. Então isto não é trabalho!?»

Outro capitalista cujo regresso é aguardado com tremenda ansiedade António Champalimaud, confiou-nos o seu depoimento pelo telefone (chamada paga lá): «Todos os dias são dias do patrão, como sabe, pois vivemos em regime de patronato e não de operariato. Contudo, penso que o 30 de Abril é importante para cimentar a nossa posição. A propósito de cimento, já tenho mais três fábricas. Aqui no Brasil, as coisas piam mais fino e contamos com a generosa colaboração das autoridades para o cumprimento dos horários de trabalho, aumentos salariais e coisas assim».

Entretanto, a comissão organizadora das comemorações do 30 de Abril anuncia que será condecorado com a Medalha de Cavaleiro da Ordem do Conto, o empresário que mais se distinguiu nos últimos três anos, resistindo heroicamente a melhorias de vencimentos e reduções do horário de trabalho exigidas pelo pessoal.

Sabe-se que o homenageado, cujo nome não foi divulgado por questões de segurança, não só conseguiu resistir às reivindicações, como até cortou nos ordenados e aumentou as horas de laboração na sua empresa.

Sanimar



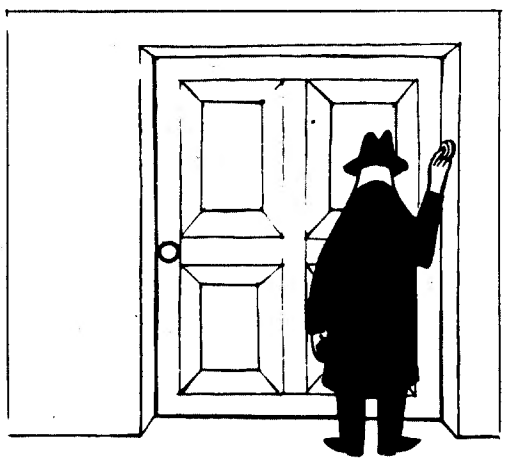
PERFIL DO PATRÃO

Uma teoria posta a correr faz supor que «não há patrões magros». Trata-se de uma tese sem apoio na realidade do dia a dia e que não toma em linha de conta a cirrose, a úlcera e outras doenças provocadas pela abundância da água no whisky ou na pescada, que deve ser cosida em cerveja.

Em todo o caso, é preciso reconhecer que os patrões nacionais gostam de comer bem e beber do melhor, hábitos que lhes ficaram de família ou foram adquiridos na labuta do quotidiano, a pensar na mulher, nas criancinhas e no barco de recreio.

Uma brochura que o «sete-Ponto-Sete» pensa colocar à venda um dia destes, nas boas livrarias e nas outras, refere-se à atitude do patrão na fábrica, no escritório, em casa e no amor. Em qualquer destas situações, podemos

Mampril



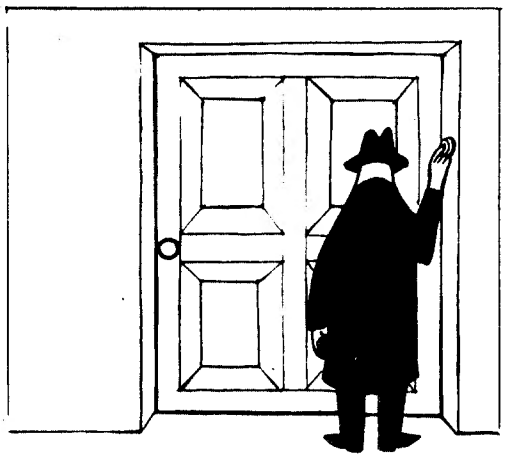
garantir que se trata de um tipo fora de série, o patrão, capaz de compreender o operário, o guarda-livros, a esposa e a secretária.

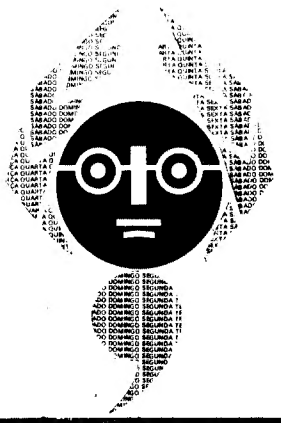
É claro que esta maneira de olhar o mundo não tem nada a ver com o patrão grosseiro, que nunca chegará a empresário porque lhe falta o charme, o crédito e a elegância que não pode ter quem nunca provou um banho de sauna e uma massagem no couro cabeludo antes das trutas suadas.

Aliás, a categoria do verdadeiro empresário está finalmente reconhecida pelo governo (e não só) que o promoveu a cidadão empreendedor.

Nesta data festiva, «Sete-Ponto-Sete», não podendo associar-se ao patrão por causa de umas contas antigas, deseja- lhe no entanto um 30 de Abril assim-assim, livre de impostos e da chatice de acordar vivo amanhã, que ainda por cima é Primeiro de Maio, vermelho berrante, um dia cheio de facturas por liquidar.

Construções Técnicas





a PONTO e virgula

MUITOS POESTAS, MUITO SLIVROS

Um dos aspectos mais salientes do mercado livreiro português dos últimos três anos foi naturalmente a predominância do tema político. Todavia, nos últimos tempos, nos últimos meses, parece estar a esboçar-se outra tendência: se não é para a substituição da predominância do livro político pelo livro de poesia (os livros políticos, ou de tema político, continuam a publicar-se abundantemente e assim há-de continuar a ser certamente nos tempos mais próximos), é, pelo menos, para o reaparecimento, e em força, do livro de poesia, isso que aos observadores da nossa cena literária vinha parecendo desde há anos um fenómeno inflacionário a remeter, para estudo, não tanto aos estudiosos da literatura mas mais aos sociólogos, aos estudiosos da psicologia social.

Efectivamente, nos últimos meses têm aparecido tantos livros de poesia como quer-nos parecer que não acontecia nos últimos três anos. Percorre-se as livrarias e fica-se com essa impressão, pelo menos. Inquire-se os livreiros e eles não dizem que não. Alguma coisa está a passar-se. Não é aqui lugar para dizer em pormenor do que se trata, até porque ainda não o sabemos. Mas alguma coisa está a passar-se e deve ser isso, na aparência imediata: o regresso dos poetas à cena literária e, sobretudo e graças aos condicionalismos sobejamente conhecidos, o regresso deles também (como editores das suas próprias obras) à cena editorial. Nos últimos meses não tem havido praticamente dia nenhum que não veja sair das tipografias (ou dos copiadores) um novo livro de poesia. E falamos apenas numa perspectiva de Lisboa. É mais do que possível, mais do que provável, que em muitos locais dispersos pelo País estejam a publicar-se livros de que não chegam nem exemplares às livrarias de Lisboa nem notícias nos jornais.

Um pouco despreveni damente poderíamos dizer que, se os poetas voltaram — sejam bem-vindos. Todavia, a leitura de alguns livros recentemente publicados produz-nos muitas reservas quanto a este fenómeno. Sem mais rodeios, podemos dizer que, na sua maior parte, os livros de poesia que ultimamente têm saído são francamente maus. Isso pode significar que a maior parte daqueles muitos portugueses que escrevem versos não estão minimamente habilitados para o fazerem com aquela mínima dignidade artística que seria de exigir nestes domínios. Quando se fala de «dignidade artística» quer-se falar de inventividade, imaginação, criatividade, talento, etc., etc. Muitos livros que se nos propõem não revelam nada disto, antes um (naturalmente confrangedor, evidentemente constrangente) total alheamento das mínimas questões que por forças sempre se põem a quem a estas coisas se dedica. Certo que muitos desses livros não pretendem passar por aquilo que logo a um primeiro relance se vê que não são. Mas, se este fenómeno se situa inadvertidamente à margem da problemática literária, da problemática poética, nem por isso deixa de ser um problema que noutros domínios se impõe estudar e compreender devidamente. Para já, e por ora, uma achega para isso.

Costuma-se dizer que Portugal é um país de poetas. «Poetas» tem, no dito, geralmente, uma acepção minimizadora. Minimizador (de Portugal, dos poetas) é, aliás, todo o dito, esteja aí mal ou bem contida por vezes uma certa condescendência, algum enternecimento comovido, mesmo, para suavizar. Ora, se é justificado dizer-se que Portugal é um país de poetas, porque há muitos portugueses que fazem versos (mais: publicam-nos, e em livro), o certo é que tal facto não se verifica somente em Portugal. Depois, sucede que há mesmo muitos e bons poetas escrevendo a sua poesia em Português, em Portugal. De parte saber porque é assim, pergunte-se: não terá o facto de haver entre nós muitos bons poetas alguma coisa a ver com o facto outro de haver entre nós um número muitíssimo maior de pessoas que não sendo bons poetas, ou nem sendo muitas vezes poetas sequer, fazem os seus versos, publicam-nos?

Uma ocorrência para reflectir. Talvez depois as conclusões não consintam que se menospreze, quando não se ridiculariza, a convicção em que muitos de nós, portugueses nos encontramos no respeitante a privilégios nas relações com as musas. Que haja muitos portugueses maus poetas, ou nem isso, ao menos. Deste nível baixo é que outros se distinguem mais. E, se outra utilidade não tiverem os maus poetas, os medíocres poetas e aqueles que nem isso, terão esta, vá lá: a de povoarem os degraus inferiores da hierarquia, a de permitirem o alargamento do espaço de referências para comparações onde outros, os «mais», aparecerão distintamente valorizados.

Nada será inútil, nem tudo será tão pernicioso como por vezes corre o risco de nos parecer. E depois, convenhamos, fazer versos, mesmo maus, se é certo que pode implicar alguma desorientação nas referências para os menos avisados, não é menos certo que tudo isto (os versos) se passa num domínio onde nada e ninguém ofende alguma coisa ou alguém. A não ser o crítico, que por vezes «diz mal» dos versos que se lhe propõem, e os poetas, depois, não gostam, ou muito pior ainda. Mas não é o caso, aqui e agora, porque os mais desses livros de que aqui se diz tanto mal sem os citar têm de ser inevitavelmente preteridos em favor de outros que, mesmo quando não se trata de coisas de primeira água, são trabalhos que se situam no espaço aonde estamos referidos — e é por isso que se nos torna urgente referi-los criticamente — por menos que seja e ainda que com uma grande ligeireza apressada, não raro.

JOAQUIM PESSOA

Um livro dele, de poesia, no Círculo, da Moraes: «Amor Combate». O livro veio para a rua envolvido de algum aparato publicitário juntamente com um LP de Carlos Mendes com o mesmo título e canções que ali pertencem. Dir-se-ia, um pouco em respeito por algum preconceito que em relação a estas coisas assim se tem, que o facto constitui desde logo um pretexto para algumas reservas. Faz-se um esforço para vencê-las, mas, depois, lêem-se os poemas e elas levantam-se-nos, afinal. Há nestes poemas de Joaquim Pessoa alguma coisa de (muito) de (muito) concessivo à facilidade, ao lugar-comum. Lêem-se e fica-se a pensar que tudo isto, estas palavras mais correntes, as mais das dezenas, centenas de imagens, metáforas e outros recursos já foram utilizados intensivamente por outros (são, aliás, da melhor e da pior tradição da poesia de combate e resistência em Portugal. Ary dos Santos é o ascendente mais próximo deste poeta e pode-se dizer que muitos dos seus poemas (de Pessoa) poderiam facilmente passar por ser do autor de «As Portas que Abril Abriu». E é pena. Porque o autor de «Amor Combate» parece ser um poeta dotado de alguma (grande) desenvoltura — habilidade, agilidade — na manipulação de materiais, meios, expedientes, recursos expressivos. Pena que esta alguma desenvoltura (aparente, pelo menos) sirva aqui para recursos, expedientes, meios e materiais que outros (tantas vezes menos hábeis, menos ágeis) utilizaram antes dele. Joaquim Pessoa está certamente a tempo de reflectir sobre isto e dedicar-se seriamente à procura de uma expressão mais pessoal — tarefa que parece ao seu alcance. Assim seja.

JOSE JORGE LETRIA

Não é muito diferente o caso de José Jorge Letria no seu último livro: «Coração em Armas» (Horizonte). É o quarto livro de poesia que o autor publica. Curiosamente, o primeiro («Mágoas Territoriais», em 73) é ainda uma promessa a que os seguintes não vieram corresponder. Certo que em «Coração em Armas» está Letria mais na linha (de pesquisa, de investigação — em torno da linguagem, de expedientes estilísticos, de meios e recursos expressivos) em que o livro de estreia há quatro anos se situava. Certo que estamos um pouco distanciados daquele tipo de poesia ligeiríssima que Letria reuniu em algumas peças nos seus «Cantos de Revolução» (em 75). Mas, mesmo assim, pode dizer-se que, neste último livro, Letria não adianta muito em relação ao trabalho que anos atrás já fez, antes pelo contrário: a negligência estilítica parece ser uma das constantes mais sensíveis dos poemas deste livro. De opinião muito próximo, aliás, parece ser Fernando Assis Pacheco, numa breve nota que fez para a contracapa: «O discurso poético de José Jorge Letria — escreve ele — tem isto de peculiar: em quatro anos distanciou-se a tal ponto dessa obra de estreia que julgaríamos estar diante de dois autores não só diversos em substância como, entre si, claros opositores na vertente em que um se movia e o outro se move agora. Ganho, perda — a crítica ajudará a situar essas duas fases. Há um ganho humanista. Dizia Göethe que «toda a perda é tolerável se o que é homem — ficar». Para aí apontam hoje, descontada a sobrecarga hínica de alguns passos, aquilo que no criador não se camufla nunca, por inútil: a sua inserção no mundo complexo dos viventes. Sem «lugar para a solidão», apostado numa palavra «certeira, funcional», combatendo no meio da memória os «amargos poemas da ausência», José Jorge Letria propõe uma poesia avara de enfeites, parelha da voz áspera com que o conhecemos da canção política. Esperam-nos os anos oficinais, onde veremos (onde ele verá) a que ponto a língua literária é acossada pela cristalização, mal a que todos os poetas perecíveis queremos fugir.

TODOS À CONCENTRAÇÃO JUNTO DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO (Alameda D. Afonso Henriques), ÀS 14 HORAS

POR UM 1º DE MAIO DE LUTA EM DEFESA DAS CONQUISTAS DO 25 DE ABRIL

AO MOVIMENTO SINDICAL ÀS COMISSÕES DE TRABALHADORES AOS TRABALHADORES PORTUGUESES

No 1º de Maio de 1974 o povo saiu à rua e de Norte a Sul, no Continente e nas Ilhas, nem a mais pequena aldeia escapou a esta onda de esperança que invadiu o País. A queda da odiosa ditadura fascista libertou as aspirações populares à Paz, à Liberdade e ao bem-estar.

Passaram-se três anos. Aproxima-se o 25 de Abril e o 1º de Maio e a situação que se nos apresenta é muito diferente daquela que aspirámos e pela qual temos lutado. Por isso, os Sindicatos subscritores deste Manifesto, tendo em conta as actuais condições da vida política portuguesa e principalmente da crise económica que se abate sobre os trabalhadores cada vez com as algibeiras mais vazias, não poderiam deixar de firmar a sua posição face às alternativas reformistas que pretendem encaminhar os trabalhadores para fazer do próximo 1º de Maio um dia de festa. Nós também desejamos um 1º de Maio em festa, mas para isso seria necessário que os trabalhadores que representamos e todos os outros vissem as suas condições de vida e de trabalho melhoradas.

Seria necessário que as conquistas consignadas na Constituição, como a Reforma Agrária, as nacionalizações, o controlo operário, etc., fossem respeitadas.

Seria necessário que os CCTs fossem negociados e tivessem em conta o aumento galopante do custo de vida.

Seria necessário acabar com os bairros de lata e haver uma habitação digna para todos.

Seria necessário transportes e condições de escoamento que não agravassem ainda mais o esforço dos trabalhadores depois de um cansativo dia de trabalho.

Seria necessário que a mulher trabalhadora dispusesse de creches e infantários onde deixasse os seus filhos em segurança.

Seria necessário que a juventude trabalhadora encontrasse meios de ocupação dos seus tempos livres, como o estudo, o desporto, a cultura, que os levasse a não cair na ociosidade, no caminho da droga, da prostituição e do crime.

Seria necessário o pleno emprego para todos.

Seria necessário que os patrões saneados não estivessem a regressar às empresas.

Seria necessário qe os pides e os bombistas fossem julgados e severamente punidos por tribunais em que o Povo estivesse representado.

Seria necessário, enfim, uma sociedade virada para o interesse dos trabalhadores e nunca para encher a barriga aos patrões e capitalistas, aos lacaios do imperialismo.

O 1º DE MAIO É UM DIA DE UNIDADE E LUTA DOS TRABALHADORES

Nós já vivemos um 1º de Maio em festa, mas isso foi em 1974, quando o Movimento dos Capitães derrubou o odioso regime fascista. Este 1º de Maio é um 1º de Maio de luta, um 1º de Maio de unidade. Mas uma unidade contra o cisionismo, por uma Central Sindical Única e Revolucionária.

Uma unidade combativa pelos nossos direitos e nunca uma unidade de submissão.

Uma unidade que deve ser forjada a partir dos locais de trabalho e nunca uma unidade balofa, de festarolas domingueiras.

Uma unidade de aço que leve de vencida todos os ataques da direita reaccionária.

Uma unidade que expulse os parasitas intermediários.

Uma unidade que imponha o direito da terra a quem a trabalha.

Uma unidade que respeite os interesses dos pequenos comerciantes e industriais.

Uma unidade que obrigue a Banca a pôr-se ao serviço das UCPs, das Cooperativas, dos pequenos e médios agricultores e no desenvolvimento industrial do país.

Uma unidade que varra de uma vez para sempre os imperialistas.

Uma unidade que faça com que saibamos caminhar com os nossos próprios pés.

Uma unidade que nos leve a conquistar o Governo que desejávamos no dia 25 de Abril.

Apelamos ao Movimento Sindical e a todos os trabalhadores à participação na grande jornada de unidade e luta do 1º de Maio em defesa das conquistas do 25 de Abril.

NÃO AO PACTO SOCIAL!
OS RICOS QUE PAGUEM A CRISE!
O FASCISMO NÃO PASSARÁ!

Sindicato dos Marinheiros Mercantes
Sindicato dos Rodoviários de Setúbal
Sindicato dos Trabalhadores em Carnes dos Distritos de Lisboa e Setúbal

TODOS À CONCENTRAÇÃO
JUNTO DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
(Alameda D. Afonso Henriques)
ÀS 14 HORAS,
DONDE PARTIRÁ PARA O ESTÁDIO 1º DE MAIO
ÀS 15 HORAS

caixa do PONTO

Barraca conta Tiradentes

«Barraca conta Tiradentes», de Augusto Boal e Guianfrancesco Guarnieri. Música: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Sidney Miller, Theo de Barros, Carlos Moniz. Encenação: Augusto Boal. Cenografia e figurinos: José Froufe. Interpretação: Fernando Lapa, Jorge Gonçalves, José Manuel Osório, Luís Lello, Manuel Marcelino, Maria do Céu Guerra, Mário Viegas e Paula Guedes. Grupo A Barraca (R. Alexandre Herculano, 70). Abril 1977.

A TRAJECTÓRIA DE BOAL

Podemos fixar duas grandes fases na actividade teatral de Augusto Boal, dramaturgo, teórico, encenador brasileiro, exilado em Portugal e agora cidadão português. A primeira fase foi constituída pela fundação e direcção em São Paulo, do Teatro Arena, precisamente há 21 anos. Com o Teatro Arena, que reuniu alguns dos principais actores, dramaturgos e músicos das novas gerações, o teatro brasileiro assumiu uma posição política que tinha pouco a ver com o «teatro de qualidade» (burguês) que era até então a sua principal realidade.
O Teatro Arena criou um novo estilo (com o Teatro Oficina) o que significa que funcionou como um laboratório de experiências que tinha como principal escopo o enraizamento da prática teatral no solo cultural e político nacional. Desse modo, o Arena funcionou como um elemento de dinamização da prática teatral suscitando o aparecimento não apenas de dramaturgos, encenadores, actores, mas também, facto primordial, de um novo público.
A segunda fase não foi alheia, como é óbvio, a própria realidade histórica brasileira que passou de uma democracia burguesa, com fases de ditadura, atingiu uma fase transitória, muito breve, em que as forças populares conseguiram ocupar algumas posições favoráveis a uma possível conquista do Poder, até tombar numa ditadura militar subordinada ao imperialismo norte-americano, cujas formas de implacável violência são bem conhecidas. Tendo estado preso e sofrido na carne essa violência, com a qual as autoridades fascistas pretendem a destruição (impossível) da capacidade de resistência das forças trabalhadoras e dos seus aliados de classe, Augusto Boal assumiu uma posição de combate que realizou através de formas de um teatro popular obrigado frequentemente a fazer-se na clandestinidade. Ressuscitando velhas formas de teatro de combate — como o teatro-jornal, que já na Revolução soviética de 1917 dera as suas provas —, ou criando novas formas, como o teatro-invisível ou o teatro-forum, Boal espalhou por toda a América Latina — no Peru, onde participou em camanhas de alfabetização dos camponeses, na Colômbia, no México, no Chile, e chegando até aos Estados Unidos — forma de teatro cuja simplicidade e acessibilidade se adequam às condições económicas e políticas dos respectivos locais de acção, sem por isso deixarem de constituir experiências de teatro político que provavelmente serão as mais ricas e eficazes do teatro ocidental. Não é, por acaso, que os generais continuam a impedir a entrada de Boal no Brasil, mesmo depois do regresso de vários antifascistas exilados.
Podemos discutir alguns dos pressupostos ideólogos de Boal e sobretudo aquele que diz respeito à possibilidade e à justeza teórica de os artistas de teatro poderem transferir para as classes populares a capacidade de produção teatral sem que aquelas conquistas tem prioritariamente os meios de produção económica. Por outras palavras, parece-nos não ser possível a conquista das super-estruturas sem a transferência — por meios violentos ou pacíficos — das infra-estruturas o que parece em desacordo com a visão de Boal. Este desencontro, contudo, não nos impede de ver em Boal as admiráveis, as raríssimas virtudes, que o distinguém como homem de teatro e como cidadão. As suas qualidades invulgares de pedagogo, a sinceridade e a honestidade que definem as suas atitudes, a entrega absoluta às suas tarefas, sem esquecer o que é primordial, ou seja, as suas espantosas capacidades de criador, fazem de Boal, uma das mais fascinantes, generosas, abertas, capazes personalidades do teatro que conhecemos. Vem a propósito, além disso, lembrar que o principal livro de Boal — «A Poética do Oprimido» — constituiu um dos mais imprtantes documentos teóricos do teatro dos últimos 20 anos.
Quisémos começar esta nota sobre o espectáculo que Boal dirigiu com a Barraca, para, uma vez mais, tentar esclarecer, menos aqueles que nos lêm (porque estamos convencidos de que os leitores do «DL», não ignoram o valor de Boal) do que para advertir, uma vez mais, as autoridades culturais deste País, sobre o significado do erro que cometem pretendendo marginalizar Augusto Boal. Se a Imprensa é o quarto Poder, se a Imprensa, ao mesmo tempo, intervém quotidianamente na vida pública e é o arquivo vivo desse quotidiano sem o estudo do qual não se poderá fazer a história do nosso tempo, então com o direito que nos dá o facto de estarmos aqui, poderemos garantir aos nossos governantes que estão a cometer um erro histórico. E todos os erros históricos se pagam caro. Por isso nao podemos deixar, hoje e sempre, de lutar contra aqueles que se aproveitaram dos lugares que indevidamente ocupam, como neste caso e no caso dos grupos independentes, amarrando-os à sua iniquidade que é filha da ignorância e da mediocridade que os definem

O TEATRO CORINGA

«Barraca conta Tiradentes», insere-se no tipo de teatro que Boal criou com o Arena: o teatro Coringa. A sua principal base reside na opção assumida: trata-se de fazer um teatro não de acordo com as possíveis apetências criativas dos seus produtores mas de acordo com o real em que se insere. Teatro de países subdesenvolvidos e, por isso, um teatro pobre não evidentemente, no sentido grotovskiano, mas no sentido literal: trata-se de aproveitar e transformar os materiais pobres (por exemplo, objectos que foram lançados fora) em ordem ao seu aproveitamento cénico. Cenário reduzido ao essencial, a própria pintura do palco servindo como «décor» — aqui o azul é branco —, os figurinos, aparentemente ricos, aproveitamento inteligente de outros materiais. Teatro pobre — sublinha Boal — não é teatro feio nem descuidado. Pelo contrário, Boal defende com justeza que se podem criar coisas muito belas com coisas muito simples.
Barraca conta Tiradentes, Barraca canta Tiradentes, Barraca dança Tiradentes — é através desta tripla forma de expressão que se realiza este espectáculo. Uma primeira impressão dá-nos isto: o espectador fica eufórico, mas essa euforia — poderemos dizer: essa felicidade — não o impede de fazer a leitura crítica da carga política do espectáculo. Aqui — ó maravilha! — o prazer é um produtor de ideologia revolucionária do mesmo modo que a ideologia revolucionária que enforma o espectáculo é um produtor de prazer. Sem seguir ortodoxalmente as lições de Brecht, Boal cria um espectáculo bem brechtiano porque ao mesmo tempo que diverte põe o espectador perante a necessidade de absorver essa carga inesgotável de divertimento, através da leitura crítica da respectiva carga política — o que é uma Revolução como pode um movimento revolucionário estar errado, o que significa a participação revolucionária individual, qual a função do intelectual, são algumas das questões que o espectáculo levanta —, a leitura crítica dessa carga política é inseparável do próprio movimento do espectáculo como produtor de prazer teatral, ou seja, dos canais de comunicação que se estabelecem entre o espectáculo e o público, dessa permuta de **sensações** — conhecimento, reconhecimento oh essa alegria de estar com companheiros da luta, essas longas, ligeiras caminhadas de mãos dadas e canções na boca, para Belém, esses encontros fraternais com os trabalhadores, esse olhar para o mesmo horizonte com quem se ama, essas pequenas alegrias que se constroem contra a opressão, contra os vendilhões do templo, essa festa matinal do 25 de Abril, essa humanidade histórica do 1.º de Maio, esse estar de pé, ó companheiro, e até as derrotas com raivas nos dentes... pobres e tristes os que não conhecem isto —, dessa permuta de **sensações** entre artistas que actuam num determinado espaço e pessoas que não só recebem mas também produzem estímulos que se situam a níveis lúdicos e a níveis cognitivos.

DO SIMPLES AO COMPLEXO

Sendo aparentemente, um espectáculo simples, de formas mais ou menos elementares, «Barraca conta Tiradentes» é, pelo contrário, um espectáculo extremamente elaborado, rico em incidências políticas, históricas, estéticas de uma escrita muito densa apesar da sua acessibilidade. O que acontece é que Boal tem o génio de clarificar os conteúdos que exprime e as formas cénicas que os exprimem, multiplicando as pistas para o seu entendimento, permitindo uma leitura imediata mas que não esgota o que se lê. Poderemos dizer que neste espectáculo — como em todos os grandes espectáculos — forma e conteúdo são, não só uma e a mesma coisa, mas um trânsito infindável e, por assim dizer impalpável, em que o espectador viaja sem dar por isso, encontrando-se, recriando-se nessa meditação sobre o processo de libertação — Brasil no século XVIII, Portugal hoje — que é, ao mesmo tempo, uma maravilhosa, comovente, inesquecível máquina de prazer. É preciso que se diga que «Barraca conta Tiradentes» provoca as lágrimas e o riso que são o sal de todas as autênticas libertações. Nessa medida, diremos que se trata de um espectáculo revolucionário. Porém, mais do que fazer do espectador um combatente, clandestino ou não, ensina-o a medir a grandeza de ser homem entre homens e a entender a humildade de cada um perante a tarefa, que às massas compete, de transformar a História.
Se os grandes espectáculos são aqueles que ajudam o espectador a realizar-se como espectador a dois níveis: ao nível do entendimento da realidade, inseparável da necessidade de a transformar, e ao nível do prazer (que se confundem, aliás), então este espectáculo é, de facto, um grande espectáculo.

OS ACTORES

Boal pôs a gente da Barraca a cantar e a dançar como é raro ver-se em Portugal. Com excepção do intérprete de Tiradentes, os actores passam de personagem em personagem, as quais são sucessivamente interpretadas por todos eles. Essa passagem, aliás, além de tudo o mais, tem um significado claro: mostra a condição de classe de cada uma delas, implica o seu necessário carácter de vira-casacas. Céu Guerra, Fernanda Lapa, José Manuel Osório, Luís Lello, Manuel Marcelino, cumprem esse trânsito constante entre a representação e a narração, entre a fala e a música, com a alegria e o poder de comunicação que o texto exigia. Paula Guedes, que faz o seu segundo espectáculo, está como peixe na água. Mário Viegas faz de cada personagem um autêntico solo — espantosa capacidade de reelaboração! — sem por isso fugir de conjunto. A inexperiência de Jorge Gonçalves não lhe permitiu vencer a responsabilidade do papel mais difícil, o de Tiradentes (maravilhoso Tiradentes). O que mais nos inquietou no seu trabalho foi, mais do que o nervosismo natural, o facto de não ter podido transmitir um elemento fundamental: o que há na personagem de iluminado (não no sentido místico, claro). Boa integração dos músicos-cantores: Carlos Moniz, Maria do Amparo, Samuel.

Arroz Show-Show

TEATRO DA TRINDADE
(R. Nova da Trindade, 9
T. 323200)

«1383»
de Fernão Lopes e Virgílio Martinho
pelo Teatro de Campolide

Seria imperdoável deixar de ver este espectáculo — apesar das deficiências que o marcam.

COMUNA
(P. de Espanha
T. 762624)

«GIOCONDA PERDEU O SORRISO...»
pelo grupo francês Tylenchus

Dois franceses contam, com graça e saber, histórias de um quotidiano que bem podia ser o nosso, ou de qualquer sociedade muito democrática. Vale a pena vê-los e ouvi-los. Hoje é o último dia. Aproveite.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
(R. Tenente Raul Cascais, 1-B
T. 661515)

MATINÉE MÁGICA
de Wolfgang Bauer
pelo grupo «Os Cómicos»

Um bom trabalho de grupo, com uma excelente direcção de actores, um espaço bem inventado, o ritmo adequado, a autenticidade que o texto exigia. O texto? Fica a interrogação. Veja e responda.

MARIA MATOS
(Av. Frei Miguel Contreias
T. 897071)

O ENCOBERTO
de Natália Correia
pela Cooperativa Reportório

Uma peça sobre D. Sebastião; uma peça sobre um actor que finge que é D. Sebastião; uma peça sobre algumas pessoas que acreditam em D. Sebastião. Um texto com algumas coisas bonitas e com uma moral bastante «reaça»; um espectáculo «sem tom nem som».

MONUMENTAL
(Saldanha
T. 555133)

AQUI QUEM MANDA SOU EU!
de Barillet e Grédy
pela Companhia de Vasco Morgado

Laura Alves está lá.

VARIEDADES
(Parque Mayer
T. 326037)

ISTO É QUE ME DÓI!
de Paulo Pontes
pela Companhia de Vasco Morgado

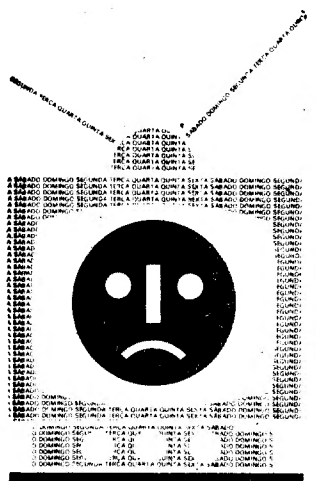
Solnado continua.

LAURA ALVES
(R. da Palma, 253
T. 864756)

AS CALCINHAS AMARELAS
de José Vilhena
E... são amarelas

ÁDÓQUE
A PARÓDIA
pela Cooperativa Ádóque

Que belo espectáculo!



TV/PONTO

Sábado, 30

I PROGRAMA

14.02 Retrospectiva
(programa desportivo)
14.25 Ida e volta
(os perigos de sair à rua)
14.55 Depois da tempestade
(série, já no 11.º episódio)
15.20 Segredos do mar Vermelho

Maria do Amparo e Júlio Isidro; Eunice Munoz num texto de Sidónio Muralha; filmes de animação; realização de Luís Andrade e Alfredo Tropa)
17.50 Desenhos animados
18.15 Rubinson Crusoé

19.00 Peço a palavra
(uma assembleia de crianças a debater a necessidade de espaços verdes na cidade de asfalto)
19.28 Prevenção Rodoviária Portuguesa
(série de folhetins de dois minutos)
19.30 E em toda a parte aprendemos
(hoje, aprendemos com a escola de música de S. Caetano)
19.55 Fila T
(magazine teatral, apresentado por Fernando Midões)
20.30 Telejornal
21.05 Colditz
(série: a missão do novo oficial superior britânico é de chefiar os oficiais presos e servir de elo de ligação com o comandante de Colditz. Missão espinhosa, mas enfim...)
22.00 Um programa da Direcção de Informação

II PROGRAMA

21.00 Berlim — a cidade que todos adoram
(um passeio alegre na cidade dividida)
21.45 Bailado
(pelas «estrelas» do Bolschoi)
22.55 Telejornal

Quarta, 4

I PROGRAMA

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 Catarina
(infantil)
19.00 Abre-te Sésamo
(idem as 3as.)
19.28 Prevenção Rodoviária Portuguesa
(antes prevenir que rodoviar)
19.30 Ligeirissimo

Sexta, 6

I PROGRAMA

13.30 Ciclo Preparatório TV
18.32 A magia do ver
19.00 Abre-te Sésamo

(Egas, Becas, Tobias e os amigos: para criancinhas)
19.28 Prevenção Rodoviária Portuguesa
(previna-se, e fique em casa)
19.30 Tropicália
(do Brasil, por Reinaldo Varela e José Manuel Coelho)